UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

MARIA LUÍSA RANGEL DE BONIS

Peso flutuante de uma fala

o Brasil narrado em *Leite derramado*, de Chico Buarque

São Paulo
2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

Peso flutuante de uma fala
o Brasil narrado em *Leite derramado*, de Chico Buarque

MARIA LUÍSA RANGEL DE BONIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Teoria Literária e Literatura Comparada
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo,
para a obtenção do título de Doutor em Letras.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ANA PAULA SÁ E SOUZA PACHECO

São Paulo
2018

Catálogo na Publicação Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Rangel De Bonis, Maria Luísa

Peso flutuante de uma fala: o Brasil narrado em Leite derramado /
Maria Luísa Rangel De Bonis ; orientadora Ana Paula Sá e Souza Pacheco. São Paulo, 2018. 130 f.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo.

Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada.

Área de concentração: Teoria Literária e Literatura Comparada.

1. Chico Buarque. 2. Literatura brasileira contemporânea. 3. Modernismo brasileiro. 4. Forma literária. 5. Crítica cultural. I. Sá e Souza Pacheco, Ana Paula, orient. II. Título.

Para meu avô José (*in memoriam*) e para minha avó Maria Lúcia,
pelas histórias, pelo amor, por terem me dado (para sempre) a casa de infância.

Para minha mãe Maria Júlia, pela coragem que me inspira.

Para meu pai, Antônio, por estar perto.

Para Carolina e Rafael, pela irmandade, redescoberta.

Para o Tito, em música, em livros, em alegria, em praia, dunas, sol: toda a vida, todo
meu amor.

Para a Dora, minha dádiva dourada, que, como já sabe, um dia poderá ler, se quiser.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq pelo auxílio financeiro que possibilitou, em tempos árduos nos quais a pesquisa sofre cortes e riscos, o encaminhamento e a conclusão deste trabalho.

À Profa. Dra. Ana Paula Sá e Souza Pacheco, que acreditou no trabalho e o acompanhou desde o primeiro momento, na entrevista para o mestrado, em um bonito equilíbrio entre rigor crítico, liberdade intelectual e amizade. Ensino potente que levo para a vida e que me forma, mais que pesquisadora, pessoa.

Aos funcionários do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada.

À Profa. Dra. Maria Elisa Cevasco e ao Prof. Dr. Anderson Gonçalves da Silva, pelos comentários criteriosos com que conduziram os exames de qualificação. Agradeço pela confiança da banca, assim como de minha orientadora, em ter acreditado que a pesquisa de mestrado poderia ter fôlego para se transformar em doutorado.

Agradeço aos professores, professoras e colegas que, por meio das disciplinas, debates e conversas, acrescentaram dúvidas, pensamentos, desvios de rota, que fizeram o trabalho ganhar corpo. Em especial, agradeço ao Prof. Dr. Fabio César Alves e ao Agnelo Bento Filho, pela amizade sincera; pelo respiro.

À Profa. Dra. Eliane Robert Moraes, agradeço por ter revelado há vinte anos, a mim mesma, meu texto – ensino, dentre os muitos nossos, do qual não me esqueço, e que relembro com carinho a cada linha. Ao Prof. Dr. Fernando Paixão, por ter me ensinado um ofício.

Às editoras, editores, autoras, autores, ilustradoras e ilustradores que construíram, em conjunto comigo, livros que pulsam. Em especial: Adilson Miguel, Dolores Prades, Graziela Ribeiro dos Santos, Laura Daviña, Monique Sena, Natalia Zapella.

À Rita Grillo, por ser fã incondicional do Chico Buarque; pelo trabalho artístico que vi nascer; pelas crianças, Vinícius e Chloe, que acompanho desde a gestação; pela amizade, imensa, que navega pelo oceano Atlântico.

À Simone, Alexandre, Teresa, Helena, Nina, Mariana, Matias, Ana Paula, Rafael, Sofia, Angela, Maria Fernanda, Beatriz, André, Teresa, mães, pais e crianças crescendo tão intensamente cada um, todos nós juntos.

À família: Maria Júlia, Antônio, Carolina, Rafael, Aci, Luiz, Pedro, Lígia, com quem sempre estão meus pensamentos; e também Lubélia, Lucia, Eduardo, Lucas, Josefer, Luíza, Thaís, Felipe, Fabio, Margareth, Vivian, Fabio Luiz, Ricardo.

À Marilene Ramos da Silva.

À Nilda Calil Semino.

Ao Tito, pelo amor, pela companhia, pelo apoio e pelo violão, que quero ouvir para sempre.

À Dora, por ser “bom-dia e boa-noite também”.

Resumo

A pedra de toque do *bom falar* de Eulálio, narrador de *Leite derramado*, romance de Chico Buarque publicado em 2009, está nas reminiscências desse oligarca cuja família “sempre teve o Brasil nas mãos”. À primeira vista, a narrativa poderia ser lida, portanto, como uma espécie de romance de formação da nação brasileira a partir do olhar de um respeitável membro de sua elite. A deriva dos pensamentos de Eulálio, porém, cujo vai e vem começa logo nas primeiras páginas do romance, já demonstra minimamente que na formação do Brasil nunca houve nada linear – e, em especial, que o poderio da elite familiar ao narrador foi mudando de mãos ao longo dos séculos, por mais que ele teime em manter potente sua voz de mando no presente narrativo.

Não é possível ignorar o lugar de onde Eulálio narra sua história: a cama de um hospital público e decrépito. *Leite derramado* está, então, mais próximo de uma história do país a *contrapelo*, montada a partir dos dizeres de um senhor outrora poderoso que, no hoje, é todo mambembe. O que se encontra entre a potência das memórias de um oligarca e seu lugar no hoje, ao lado de toda a sorte desvalidos de quem não se veem os rostos, mal se escutam as vozes, mas cuja presença se faz, de alguma forma quase surda, também potente ao redor do narrador?

É o modo como se estrutura a sobreposição entre a memória cheia de posses e a emergência do pronto-socorro (a televisão ligada; as vozes sem rosto que rodeiam Eulálio; toda violência que tenta empurrar os que nunca tiveram lugar para uma marginalidade cada vez mais distante), um dos grandes problemas críticos do livro. Tal sobreposição, cristalizada na forma do romance, joga luzes sobre o nosso tempo contemporâneo. Neste trabalho, abordaremos especialmente o que se concentra entre dois polos: o modo como o Golpe Militar de 1964 é narrado por Eulálio de Assumpção, como atinge a ele e a seus herdeiros; a maneira como a força de trabalho é retratada. A não ser pelo narcotráfico, *ela é também um vulto sem forma* acompanhando aqueles que rodeiam o narrador cambaio – mas que, afinal, teve berço.

Palavras-chave: Chico Buarque; modernismo brasileiro; literatura brasileira contemporânea; forma literária; crítica cultural.

Abstract

The touchstone of the good talk of Eulalio, narrator of *Leite derramado*, Chico Buarque's novel published in 2009, is reminiscent of this oligarch whose family “always had Brazil in his hands”. At first glance, the narrative could therefore be read as a kind of novel of formation of the Brazilian nation from the look of a respectable member of its elite. The derivation of Eulalio's thoughts, however, whose beginning and end starts at the very beginning of the novel, already demonstrates in the least that in the formation of Brazil there has never been anything linear – and especially that the power of the family elite to the narrator has changed from hands over the centuries, no matter how much he tries on keeping powerful his voice command in the present narrative.

Speaking about the presente time, it is not possible to ignore the place from where Eulalio tells his story: the bed of a public and decrepit hospital. *Leite derramado* is then closer to a story of the country against the grain, built from the words of a once powerful oligarch who, in the present day, is all mambembe. What lies between the power of the memories of an oligarch and where he lies today, beside all the luck of those who do not see the face, hardly hear the voices, but whose presence is made, somehow almost deaf, also potent around the narrator?

It is the way in which the overlap between the memory of possessions and the emergence of the emergency room (the television on, the faceless voices that surround Eulalio, the violence that tries to push the ones that have never taken place for a marginality more and more distant), one of the great critical problems of the book. Such overlap, crystallized in the form of the novel, throws light on our contemporary time. In this text, we will especially focus on what is concentrated between two poles: the way the 1964 Military Coup is narrated by Eulalio de Assumpção, how it affects him and his heirs; the way the workforce is portrayed. Except for the drug traffickers, she is also *a formless figure* accompanying those who surround the narrator – who, after all, had a cradle.

Keywords: Chico Buarque; Brazilian modernism; contemporary Brazilian literature; literary form; cultural criticism.

Índice

Apresentação A barreira que retém esses estranhos

Quem fala 1

Quem é calado 63

Leite derramado 91

Referências bibliográficas 113

Apresentação

A barreira que retém esses estranhos

Leite derramado, romance de Chico Buarque publicado em 2009, nos puxa para dentro das memórias de um narrador moribundo. À beira da morte no leito de um hospital, Eulálio d'Assumpção nos conta sobre seu passado glorioso.

Logo nas primeiras páginas que se seguem a uma sedutora enunciação de posses, percebe-se que a realidade do presente não se encaixa no falatório de Eulálio. Seu leito, na verdade, está no canto de uma enfermaria pública; abandonado à própria sorte, ele conversa com as paredes encardidas, com as enfermeiras que trocam de plantão sem lhe dar atenção, consigo mesmo, com as raras visitas da filha que carrega, como todos os antepassados e descendentes, o seu nome como lembrança – ou como tentativa de que algo do antigo prestígio se mantenha no cotidiano em que os Assumpção estão entre aqueles que antes (desde sempre: o livro nos conta a História do Brasil por meio da genealogia da família) lhe eram estranhos, a ralé desprezível a quem, inclusive, Eulálio derrama os mais diversos tipos de preconceito.

A *tentativa* de manter os fiapos desse poder dos Assumpção é o cerne da narração de Eulálio. Tentativa falha, esmolambada, pois o descolamento entre a realidade na qual o narrador se encontra e seus feitos de outrora nos faz perceber que seu prestígio se esvaiu. Afinal, o poder econômico e o lugar social dessa oligarquia antiga a que pertencia Eulálio esvaneceu: o Brasil se transformou, se deformou em

novas alianças, novas realidades, novas violências, mesmo que sempre com elas arrastando o passado. O próprio narrador nos apresenta isso em marcos temporais que deixa escapar em seu falatório: 1929 e 1964.

Nas três partes que formam este trabalho pretendemos, sempre seguindo o fiapo absurdo de poder que a voz de Eulálio insiste em nos fazer ouvir (na contradição equilibrada entre *fiapo* de poder e *loquacidade* da narração, que só estanca com a morte), entender o que o romance nos apresenta sobre seu principal personagem, a saber: o Brasil que vai se deformando junto à família dos Assumpção e aos que o rodeiam, sem voz, nome, rosto.

Na primeira parte, *Quem fala*, nos debruçamos sobre Eulálio de Assumpção, de onde surge o tom de seu discurso, a genealogia da violência de sua família que se mistura com a violência formativa daquilo que um dia imaginou-se ser nação; por quais frestas o narrador tenta colocar a voz cordial que parece flutuar entre os que estão a sua volta. Personagens que tanto o narrador não enxerga e não escuta como, quando a eles se dirige, não obtém resposta.

São justamente esses – babás, escravos alforriados, enfermeiras, motoristas de táxi, policiais – que, ao redor da cama e das memórias de Eulálio, estão entre suas palavras e julgamentos e, no campo narrativo que constrói o romance, são calados pelo narrador. O que deixam de falar? Por quais motivos? O que se edificou nesse silêncio, o que significa, dentro e fora do livro, o apagamento dessas vozes? É o escopo de *Quem é calado*, segunda parte do trabalho.

A fenda da violência, da opressão, o abismo que se abre no apagamento dos que não falam são analisados na terceira parte do trabalho, não por acaso intitulada *Leite derramado*. O desaparecimento de Matilde mantém, funcionando no contemporâneo, a voz e a desfaçatez de um patriarca que brilha em suas memórias poéticas. Ainda somos seduzidos pelo bem falar de um narrador que, aqui, assemelha-se a Bentinho? Esse mando do passado tenta seguir no presente que, por sua vez, carrega outros apagamentos, outras presenças: o que carregamos, muito ainda sem saber narrar, do golpe de 1964 – atropelados por outros, à nossa porta.

O narrador de “As caravanas”¹ nos convida a colocar os pés nas areias de Copacabana. Encarrilhados junto a ele na melodia da canção, levantamos o olhar para sermos saudados pelo mar imenso, recuperando na imaginação, uma vez mais, a mística que cerca a mais famosa praia carioca. A imagem é de cartão-postal.

Com suave malícia e vocabulário despretensioso, esse narrador da canção nos dá a sensação de estarmos acompanhados por alguém que é *habitué* local. O termo *habitué* não é escolhido ao acaso: combina com a fala à vontade do narrador, ligeiramente recuada tempo. Modo de falar que joga, displicentemente, referências culturais para *aqueles que saibam reconhecê-las*². São essas palavras de um homem qualquer – que não é qualquer um – que, assim como no falatório de Eulálio em *Leite derramado*, se abrem para o lado menos imediato das coisas. Na canção, tudo caminha em um encadeamento tranquilo e o dia promete – ao menos assim o *narrador* nos promete. Mas seu dia de rei é interrompido pela confusão causada por uma caravana (do Arará; do Caxangá; da Chatuba; Irajá; Penha) que chega na praia.

“Não há barreira que retenha esses estranhos”, diferentemente de em *Leite derramado*. Eulálio, acreditando em seu bem falar, nele nos mantém suspensos – e também suspenso, numa emergência, no presente sem fim, o contemporâneo do país que se deforma. Pelos três eixos aqui apresentados, é o que se pretende abordar nas páginas a seguir.

¹ Chico Buarque, *Caravanas*, 2017.

² Aparecem na canção, de chofre, a alusão aos ditos transgressores Jards Macalé e Waly Salomão (“Rua Real Grandeza”), que convive com o “tudo azul” progressista e animado de Abílio Manoel (“Tudo azul n’America do Sul”), ambas canções lançadas em 1974². Tais referências revelam, para além do gosto, o lugar social a que pertence o narrador. Desdobram-se, ainda, em outras, às quais esmiuçaremos adiante, e que, no conjunto, nos fazem ter dimensão de que a liberdade do pé na areia não é horizonte de igualdade. É digno de nota, ainda, que a maneira como o narrador apresenta a praia (puro clichê turístico), se junte às menções de ícones da cultura de massa dos anos 1970 que são, cada qual a sua maneira, também figurinos de modas. Estamos cercados por clones publicitários: o mar-slogan (“à la Istambul”) dos panfletos de agência de viagens; o poeta rouco/louco que amassa o romance para encapsulá-lo na fechadura da porta (“jatos de sangue/espetáculos de beleza/ah, vale a pena ser poeta”); o contente/alienado cuja vontade é prosseguir despreocupado (mesmo “sem ter pra onde ir”) durante o período mais torpe e violento da ditadura militar no Brasil. Tudo isso apresentado por um narrador de fala despretensiosa e simpática que pretende, apenas, usufruir de mais um dia na praia.

Quem fala

“Quem me fez assim foi minha gente e minha terra
e eu gosto bem de ter nascido com essa tara.”³

³ Cf. Carlos Drummond de Andrade, “Explicação”. In *Alguma poesia. Poesia e prosa*. 6^a ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p. 33.

Já gozei de boa vida⁴

São as posses que dignificam o amor. Através delas (miudezas domésticas, ter à disposição uma estirpe, dominar empregados, garantir o cavalo, antes ocupado por outra mulher) é que o narrador de *Leite derramado* vai se empenhar em seduzir o leitor, que, de chofre, se coloca ao lado da mulher por ele almejada.

O oferecimento de tantos e tão diversificados mimos quase mantém encoberto, nas primeiras páginas do romance, o real estado de quem fala. Este real estado, sobre o qual descobriremos pouco a pouco acompanhando o falar do narrador, aparece como corpo estranho a uma prosa tão rica, tão cheia de propriedades:

Quando eu sair daqui, vamos nos casar na fazenda da minha feliz infância, lá na raiz da serra. Você vai usar o vestido e o véu da minha mãe, e não falo assim por estar sentimental, não é por causa da morfina. Você vai dispor dos rendados, dos cristais, da baixela, das joias e do nome da minha família. Vai dar ordens aos criados, vai montar no cavalo da minha antiga mulher. E se na fazenda ainda não houver luz elétrica, providenciarei um gerador para você ver televisão.⁵

O jorro de mundos e fundos que parecia infinito, capaz de sustentar um universo, estanca repentinamente. O chalé em Copacabana já veio abaixo; o prometido casarão em Botafogo, suposto ninho de amor com belas palmeiras, abacateiros e amendoeiras no jardim, imensos banheiros de mármore, “virou

⁴ “Já gozei de boa vida” é o primeiro verso da canção “O velho Francisco” (Chico Buarque, 1987). O próprio Chico Buarque fala sobre a semelhança entre o velho da canção e o do romance *Leite derramado* (reversa, já que em “O velho Francisco” quem conta a história é um negro alforriado): “Isso foi o que me encaminhou para a ideia de o narrador ser um sujeito com idade avançada e com memórias. Não quis escrever um romance situado em 1929, quis dar um relato atual com essas memórias, algo confusas, como são as memórias de um velho. Não tanto quanto ‘O velho Francisco’, que foi quem me deu essa luz. Esse é um velho absolutamente delirante – o da canção. O meu tem momentos de delírio, mas tem momentos de lucidez. Supostamente aquela história aconteceu com ele. Ele não está a inventar nada. Talvez esteja a tergiversar, não quer contar exatamente como foi. E há também essa confusão própria de um homem de 100 anos. Obsessões, recordações que voltam sempre modificadas, aqui e ali há lapsos de memória, há esquecimentos voluntários. Tudo isso.”. Cf. Chico Buarque, “Mas Chico é nome de escritor ruim”. Entrevista concedida à Isabel Coutinho em 17/7/2009, publicada no portal Ípsilon: www.chicobuarque.com.br/critica/mestre.asp?pg=leite_critica.htm, último acesso em 9/12/2017.

⁵ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 5.

estacionamento depois que a embaixada da Dinamarca mudou para Brasília”. Talvez com a venda da fazenda (“duzentos alqueires de lavoura e pastos, cortados por um ribeirão de água potável”) seja possível restaurar aqueles móveis de mogno, o piano Pleyel, mas não: o que era potência vai, numa perda de fôlego repentina e baratinada, declinando, murchando, se transformando: revela a realidade do tempo presente. Não há mais o casarão: “em cima do nosso próprio terreno levantaram um centro médico de dezoito andares”; a fazenda, “acho que desapropriaram em 1947 para passar a rodovia”; ao redor não ecoam os sussurros em francês nos jantares de família, mas “ruídos de gente, de vísceras”, de “um sujeito entubado que emite sons rascantes”:

Sirene na rua, telefone, passos, há sempre uma expectativa que me impede de cair no sono. É a mão que me sustém pelos raros cabelos. Até eu topar na porta de um pensamento oco, que me trará para as profundezas, onde costumo sonhar em preto-e-branco.⁶

Leite derramado, romance de Chico Buarque publicado em 2009, é a história de um velho centenário. No tempo presente da narrativa, sozinho em um hospital público, à espera da morte, ele fala sem parar: se dirige às enfermeiras que acredita serem a mulher amada, às paredes por onde sobem baratas, às raras visitas da filha, do tataraneto, ao chiado da televisão que encobre os lamentos dos doentes que se revezam nas macas ao lado, aos leitores. Misturando o presente insalubre ao seu passado glorioso, esse narrador, antes de anunciar seu nome – Eulálio d’Assumpção – prefere anunciar sua genealogia. Mesmo em frangalhos, gosta de acreditar que conseguiria ter qualquer coisa que dinheiro e posição social comprem:

Poderia me estabelecer no estrangeiro, passar o resto dos meus dias em Paris. Se me desse na veneta, poderia morrer na mesma cama do Ritz onde dormi quando menino. Porque nas férias de verão o seu avô, meu pai, sempre me levava à Europa de vapor. Mais tarde, cada vez que eu via um deles ao largo, na rota da Argentina, chamava sua mãe e apontava: lá vai o Arlanza!, o Cap Polonio!, o Lutétia!, enchia a boca para contar como era um transatlântico por dentro.⁷

(...)

⁶ Idem, *ibidem*, p. 8.

⁷ Idem, *ibidem*, p. 11.

Mas lá estava eu, e me lembro bem das pessoas todas magnetizadas pela aparição do Lutétia, que se deu de modo meio teatral, ao irromper de denso nevoeiro. Nisso olhei para trás e vi um fotógrafo com seu equipamento a uns vinte metros de distância. (...) Então presumi, não sem vaidade, que ao se revelar aquele instantâneo, eu seria o único a figurar para a posteridade frente a frente. E passados muitos e muitos anos, uma vez consumada a fuzilaria do tempo, ainda assim de alguma forma eu seria um rosto sobrevivente, porque tive o instinto de me voltar para a câmera naquele instante.⁸

(...)

Meu avô foi um figurão do Império, grão-maçom e abolicionista radical, queria mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África, mas não deu certo. Seus próprios escravos, depois de alforriados, escolheram permanecer nas propriedades dele. Possuía cacauais na Bahia, cafezais em São Paulo, fez fortuna, morreu no exílio e está enterrado no cemitério familiar da fazenda na raiz da serra, com capela abençoada pelo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro. Seu ex-escravo mais chegado, o Balbino, fiel como um cão, ficou sentado para sempre sobre a tumba dele. Se você chamar um táxi, posso lhe mostrar a fazenda, a capela e o mausoléu.⁹

Do discurso desse narrador surge uma linguagem por vezes desabusada (“desse na veneta”; “enchia a boca”; “figurão”; “pretos brasileiros”), misturada a um formalismo de salão (“me levava à Europa de vapor”; “irromper de denso nevoeiro”; “consumada a fuzilaria do tempo”), e salta, cristalina, a benevolência cínica (“abolicionista radical”; “ex-escravo mais chegado”). Estirpe, fortuna, subalternos gratos, bom-humor descompromissado: características presentes em certa elite brasileira educada. Cada qual a seu modo, esses trechos do romance deixam a sensação de que alguns lugares de privilégio e opressão foram perpetuados ao longo dos séculos. Eles estão condensados tanto na fotografia que congela o único rosto diferenciado que tem a intuição (ou sorte) de olhar para a câmera (e assim figurar posteridade afora), como na imagem petrificada do ex-escravo que zela para sempre por seu melhor proprietário. O presente narrativo do livro diz que tudo mudou (são

⁸ Idem, *ibidem*, p. 25.

⁹ Idem, *ibidem*, pp. 15-16.

outras as formas de violência, inclusive contra Eulálio) mas, em meio desse nosso tempo, de alguma maneira continuamos a arrastar o passado.

Eulálio não faz força para disfarçar seu mando: se no começo do romance esperava seduzir, logo urge em comandar. O presente narrativo, porém, deixa evidente que tal prepotência, embora ecoe, não tem espaço no hospital lotado de onde o narrador vocifera. Eulálio continua trazendo pistas sobre esse presente, que vai ganhando contornos mais nítidos:

O sonífero não tem mais efeito imediato, e já sei que o caminho do sono é como um corredor cheio de pensamentos. Ouço ruídos de gente, de vísceras, um sujeito entubado emite sons rascantes, talvez queira me dizer alguma coisa. O médico plantonista vai entrar apressado, tomar meu pulso, talvez me diga alguma coisa. Um padre chegará para a visita aos enfermos, falará baixinho palavras em latim, não deve ser comigo.¹⁰

(...)

É o tal negócio, me arrancam da cama, me passam para a maca, ninguém quer saber dos meus incômodos. Nem bem acordei, não me escovaram os dentes, estou com a cara amassada e a barba por fazer, e com este péssimo aspecto me fazem desfilar sob a luz fria do corredor, que é um verdadeiro purgatório, com um monte de gente estropiada pelo chão, fora os vagabundos que vêm ali a fim de ver desgraça. Por isso puxo o lençol e cubro meu outrora belo rosto, que logo tornam a expor para não parecer que estou morto, porque causa má impressão, ou é vexatório para maqueiro transportar defunto. Depois tem o elevador, onde todos olham sem cerimônia para a minha cara, em vez de olhar o chão, o teto, o mostrador de andares, porque também não custa nada olhar para um traste.¹¹

(...)

Pouco importa que entrem meliantes pela minha casa, e mendigos e aleijados e leprosos e drogados e malucos, contanto que me deixem dormir até mais tarde. Porque todo dia é isso, acordo com o sol na cara, a televisão aos berros, e já compreendi que não estou em Copacabana, foi-se o chalé há mais de meio século.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 8.

¹¹ Idem, *ibidem*, p. 23.

Estou neste hospital infecto, e aí não vai intenção de ofender os presentes. Não sei quem são vocês, não conheço seus nomes, mal posso virar o pescoço para ver que cara têm.¹²

(...)

Eu queria dizer que meu avô foi comensal de dom Pedro II, trocou correspondência com a rainha Vitória, mas sou obrigado a ver essas dançarinas bizarras, tingidas de louro. E sem me pedir licença, os maqueiros me arrastam de novo para a tomografia, é sempre a mesma coisa. É um corre-corre com a minha maca, são essas curvas e rampas abruptas que mais parecem o Trampolim do Diabo, qualquer dia me acontece um acidente fatal.¹³

Em *Leite derramado*, é a sobreposição entre aquilo que Eulálio escolhe contar de seu passado e o que deixa escapar do presente que traça o retrato da classe social brasileira a qual pertence o narrador. Classe em que havia “dinheiro de quem não precisa de dinheiro”. O que a narrativa nos apresenta é que essa oligarquia, personificada em Eulálio, antes poderosa, política e economicamente, atualmente se encontra ao deus-dará, provando de seu próprio veneno – miséria, abandono e extermínio para os desvalidos. Ao longo das partes deste texto, destrincharemos o que cabe dentro desta constatação. Começamos, aqui, por olhar de perto o narrador (quem fala?). Pois é a partir do *discurso*, do *tom* e do *lugar* de onde o narrador vocifera no presente que podemos analisar como a história individual, os preconceitos, as dores e os amores desse oligarca decadente tornam-se, alegoricamente, o percurso de sua classe brasileira.

Orgulhoso representante de sua estirpe, Eulálio d’Assumpção desenrola, na fala abundante, a nobreza de família. Distinção que ele carrega no nome, o mesmo de seu tetravô, bisavô, avô e pai. Do lado paterno, o tetravô não só desembarcara no Brasil com a corte portuguesa como fora confidente de dona Maria Louca. O avô, “grande benfeitor da raça negra”, fizera parceria com colonizadores ingleses na África e, em tempos abolicionistas, intentara mandar os negros libertos de volta “às origens”, “em vez de perambularem Brasil afora na miséria e na ignorância” – havia sido

¹² Idem, *ibidem*, pp. 49-50.

¹³ Idem, *ibidem*, pp. 51-2.

comensal de dom Pedro II e, para um intento tão generoso com os *menos favorecidos* contara com apoio da “Igreja, da maçonaria, da imprensa, de banqueiros, de fazendeiros e do próprio imperador”. O pai, senador conservador, tinha ações nos Estados Unidos, era exportador de café para a Europa e importador de munições e armas pesadas pela Le Creusot & Cie., produtos que repassava ao governo brasileiro pelo triplo do valor original. A família Montenegro, sua ascendência por parte materna, era ainda mais abastada: “só em pastagens, possuíam metade do Estado de Minas Gerais”. Mesmo considerando que o dinheiro seria dividido entre muitos herdeiros (cerca de vinte irmãos), “uma única fazenda de gado leiteiro me bastaria para tocar a vida, ainda que eu vivesse cem anos”¹⁴, afirma o narrador.

Para dar ainda mais veracidade ao lugar de classe ao qual o narrador afirma pertencer no romance, é interessante localizar sua linhagem na história brasileira. A gente de Eulálio certamente pertence a um estrato social que, nos longínquos tempos do Brasil monárquico, beneficiou-se com a independência brasileira a qual, para as classes dominantes, nada mais foi que uma ligação entre duas épocas, a da Colônia e a do Império. Tal elite beneficiada à qual o narrador volta e meia se refere valeu-se dos privilégios trazidos pela presença da corte portuguesa no país e, ao longo das primeiras décadas do Brasil como país independente, exigiu a manutenção do poder em suas mãos, numa flutuante e difícil luta que envolveu rebeliões e organizações políticas. De acordo com a descrição de sua família feita pelo narrador de *Leite derramado*, não é difícil colocar seus antepassados no seguinte cenário do país recém-emancipado:

A emancipação do Brasil não resultou em maiores alterações da ordem social e econômica existente ou da forma de governo. Exemplo único na história da América Latina, o Brasil ficou sendo uma monarquia entre repúblicas.

Uma das principais razões dessa relativa continuidade entre duas épocas se encontra na vinda da família real para o Brasil e na forma como se deu o processo de independência. A abertura dos portos estabeleceu uma ponte entre a Coroa portuguesa e os setores dominantes da Colônia, especialmente os que se concentravam no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Os benefícios trazidos para a região fluminense, com a presença do rei no Brasil, vinham incentivar a

¹⁴ Para todas as citações deste parágrafo, cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., respectivamente p. 50; p. 51; p. 59.

expansão econômica daquela área, ligada aos negócios do açúcar, do café e do tráfico de escravos.¹⁵

O apego ao poder por parte dessa elite política e econômica da qual a família de Eulálio fez parte é um dos fatos que mais dá sustância ao discurso mandatário de Eulálio em *Leite derramado*, ainda no tempo presente. Em suas memórias encharcadas com ranço de classe ele tem motivos para acreditar que seus antepassados tiveram o Brasil nas mãos. O problema é que o lugar de onde o narrador fala agora atesta que, desse poder, só restaram as memórias que são dispostas em seu modo abundante de vociferar. O que chama a atenção é que em seu discurso Eulálio mistura a ferocidade da lábia (com certo tom polido), o humor desabusado (que revela preconceitos de classe) e certa sedução velada. O poderio que outrora era garantido economicamente é, no leito de hospital que abriga o narrador, condensado na forma do discurso, disposto na fôrma das palavras que moldam Eulálio. É justamente o descompasso entre o poder que o dinheiro oferecia a essa oligarquia e aquilo que pode, simbolicamente, ser agora atingido pela palavra, que nos faz entender o lugar de Eulálio.

Antes de exhibir a alguém o que lhe dito, você me faça o favor de submeter o texto a um gramático, para que seus erros de ortografia não me sejam imputados. E não se esqueça de que meu nome de família é Assumpção, e não Assunção, como em geral se escreve, como é capaz de constar até aí no prontuário. Assunção, na forma assim mais popular, foi o sobrenome que aquele escravo Balbino adotou, como a pedir licença para entrar na família sem sapatos. Curioso é que seu filho, também Balbino, foi cavaliço do meu pai. E o filho deste, Balbino Assunção Neto, um preto meio roliço, foi meu amigo de infância. Esse me ensinou a soltar pipa, a fazer arapucas de caçar passarinho, me fascinavam seus malabarismos com uma laranja nos pés, quando nem se falava em futebol. Mas depois que entrei no ginásio, minhas idas à fazenda escassearam, ele cresceu sem estudos e perdemos as afinidades. Só o reencontrava nas férias de julho, e então volta e meia lhe pedia um favor à-toa, mais para agradar a ele mesmo, que era de índole prestativa. Às vezes também o chamava para ficar por ali à disposição, porque a quietude da fazenda me aborrecia, naquele tempo a gente era veloz e o tempo se arrastava. Daí a eterna impaciência, e adoro ver seus olhos de rapariga rondando a enfermaria: eu, o relógio, a televisão, o celular, eu, a cama do tetraplégico, o soro, a sonda, o velho do Alzheimer, o celular, a televisão,

¹⁵ Cf. Boris Fausto, *História do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2012, p. 78.

eu, o relógio de novo, e não deu nem um minuto. Também acho uma delícia quando você esquece os olhos em cima dos meus, para pensar no galã da novela, nas mensagens do celular, na menstruação atrasada. Você me olha assim como eu na fazenda olhava um sapo, horas e horas estático, fito a fito no sapo velho, para poder variar com os pensamentos.¹⁶

Este trecho – que abre o quarto capítulo do livro – começa com uma ordem que, inclusive, extravasa a ação que nos é imediatamente apresentada: Eulálio está ditando o que lemos para alguém, a quem de saída despreza, e que logo percebemos ser uma enfermeira. Forma-se um jogo: o narrador despreza a interlocutora e talvez despreze o leitor, a quem nunca se dirige diretamente. Parece, em verdade, que não se importa. A força de suas palavras é mais importante do que todo o resto. Esta é uma viga central do romance e nos ajuda a entender não apenas o personagem, mas a maneira como seu ponto de vista reserva pesos diferentes para as memórias e para o que acontece ao seu redor.

O tom de ordem de Eulálio é até colocado com certo cuidado (“você me faça o favor”) que, entretanto, só faz aumentar o mando, tanto pela desvalorização da interlocutora, posta sem disfarces, como pelo teor do que vem em seguida: a exigência da grafia correta de seu nome que guarda, em uma única letra, a capacidade de o diferenciar de toda uma sorte de populares – aqueles que, como o escravo Balbino, poderiam pedir “licença para entrar na família sem sapatos”. Em poucas frases o narrador (que não deixa de estar inválido em uma cama de hospital público, sabemos disso) constrói um poderoso distanciamento dos demais: da enfermeira, de quem o lê, de todos os indiferenciados ao redor. A esses, aqui igualados, basta o desprezo, mas há de se considerar que até servem para distrair: escrever suas ideias, ensinar a soltar pipa, fazer arapucas, coisas à toa de quem tem “a índole prestativa”, que se agrada por cumprir qualquer “favor à-toa”. Mando, preconceito e certo lamento sedutor ficam elencados nesta fala de Eulálio. Na realidade, porém, ele está a mercê de uma mulher que nem sequer presta atenção à sua impaciência: as ordens de Eulálio, ele mesmo, se igualam ao relógio, à televisão, ao celular, à cama do tetraplégico, ao soro, à sonda, ao velho com Alzheimer, num moto-contínuo dentro do qual sua estirpe não importa absolutamente nada. Está aqui representada a estrutura que por vezes se repete ao longo do romance: a coexistência entre elementos do

¹⁶ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., pp. 18-9.

passado, decantados pelas memórias e pelo discurso do narrador, e um cotidiano totalmente estranho ao seu falatório. O cotidiano é estranho a Eulálio, que por vezes o percebe mas não o reconhece, como também Eulálio é estranho aos que estão ao seu lado e não lhe dão importância (“você me olha assim como eu na fazenda olhava um sapo”). Este jogo nos faz crer (por meio da verossimilhança interna ao texto, recurso usado com maestria pelo autor) que o mando cordial perdeu força. Mas se tal característica fundamental da elite representada pelo narrador não tem espaço, onde está a autonomia conquistada por quem não precisa mais aceitar estar “à disposição, porque a quietude da fazenda me aborrecia”? A autonomia conquistada, ao menos ali, no presente narrativo, foi substituída pelo galã da novela, pelas mensagens do celular e por toda uma sorte de comezinhos individuais e cotidianas que muitas vezes são abafadas pela violência indiscriminada a pessoas sem rosto e pelo chiado da televisão, ruído de fundo ininterrupto (“porque todo o dia é isso, acordo com o sol na cara, a televisão aos berros”):

Ouço suas vozes, e posso deduzir que são pessoas do povo, sem grandes luzes, mas minha linhagem não me faz melhor que ninguém. Aqui não gozo privilégios, grito de dor e não me dão meus opiáceos, dormimos todos em camas rangedoras. Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço. Ninguém vai querer saber se porventura meu trisavô desembarcou no Brasil com a corte portuguesa.¹⁷

Longe de ser um acaso, a convivência entre ecos do mando patriarcalista, o mundo de consumo sem fronteiras oferecido pela televisão, pelo celular, pelas propagandas e a crueldade, também sem fronteiras e distinção, distribuída aos pobres (“não sei quem são vocês, não conheço seus nomes”), forma o cenário em que se encontra o narrador de *Leite derramado*. Tal convivência não apresenta, nas páginas do romance, traços de confronto: seguindo o ponto de vista do narrador, ela por vezes aparece, para depois desaparecer; o discurso de mando cresce, para ser ridicularizado por seu próprio dono ou pelos desconhecidos em volta que, ao mesmo tempo, sofrem os efeitos do descaso, da pobreza e da violência.

Para entender as forças que ainda suspendem o narrador em seu discurso mandatário, cabem aqui mais alguns trechos historiográficos que, como Eulálio repete

¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 50.

aos quatro ventos na narrativa, atestam a acirrada presença da elite (seja ela conservadora, seja liberal) no poder. Há interessantes paralelos no quadro que Sérgio Buarque de Holanda traça no capítulo “Herança rural”, de *Raízes do Brasil*¹⁸, com a descrição que o narrador de *Leite derramado* faz de sua genealogia, especialmente no momento em que se cessa o tráfico de escravos e as fortunas mudam de aplicações. Os Assumpção acompanham o jogo: o avô de Eulálio é abolicionista ligado ao Império e à Inglaterra; o pai, “republicano de primeira hora”, possuía espírito prático. De saída, a descrição feita por Sérgio Buarque para a elite que a família de Eulálio representa:

Na Monarquia eram ainda os fazendeiros escravocratas e eram filhos de fazendeiros, educados nas profissões liberais, quem monopolizava a política, elegendo-se ou fazendo-se eleger seus candidatos, dominando os parlamentos, os ministérios, em geral todas as posições de mando, e fundando a estabilidade das instituições nesse incontestado domínio.

Tão incontestado, em realidade, que muitos representantes da classe dos antigos senhores puderam, com frequência, dar-se ao luxo de inclinações antitradicionalistas e mesmo empreender alguns dos mais importantes movimentos liberais que já se operaram em todo o curso de nossa história. A eles, de certo modo, também se deve o bom êxito de progressos materiais que tenderiam a arruinar a situação tradicional, minando aos poucos o prestígio de sua classe e o principal esteio em que descansava esse prestígio, ou seja, o trabalho escravo.¹⁹

À luz de tais esclarecimentos, os contornos do avô de Eulálio – sem descartar toda sua preconceituosa benfeitoria, revivida pelas palavras de Eulálio (“viajou de cargueiro até Luanda, esteve na Nigéria e no Daomé, finalmente na Costa do Ouro encontrou antigos alforriados baianos na comunidade dos Tabom, assim chamados porque da nossa língua conservaram o cacoete de falar tá bom”²⁰) – ficam melhor delineados:

Muitos de vocês, se não todos aqui, têm ascendentes escravos, por isso afirmo com orgulho que meu avô foi um grande benfeitor da raça negra. Creiam que ele visitou a África em mil oitocentos e lá vai fumaça, sonhando fundar uma nova nação para os

¹⁸ Cf. Sérgio Buarque de Holanda, “Herança rural”. In *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, pp. 71-92.

¹⁹ Idem, ibidem, p. 73.

²⁰ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 51.

ancestrais de vocês. (...) E após um acerto de parceria com os colonizadores ingleses, meu avô lançou no Brasil uma campanha para a fundação da Nova Libéria. (...) Conquistou o apoio da Igreja, da maçonaria, da imprensa, de banqueiros, de fazendeiros e do próprio imperador, a todos parecia justo que os filhos da África pudessem retornar às origens, em vez de perambularem Brasil afora na miséria e na ignorância.²¹

O salto político que existe entre um avô ligado ao Império e um pai republicano não deveria assustar; afinal, as paixões são menores do que a manutenção do prestígio. Esse sim deve permanecer arraigado a todo custo e, ao menos durante esta primeira transição entre gerações, de fato permanece. Na passagem dos negócios de pai para filho – ou, queira-se, nas mudanças de negócios entre pai e filho – o poder e o dinheiro continuam, enfim, nas mesmas mãos.

(...) meu pai foi um republicano de primeira hora, íntimo de presidentes, sua morte brutal foi divulgada até em jornais da Europa, onde desfrutava imenso prestígio e intermediava comércio de café. Tinha negócios com armeiros da França, amigos graúdos em Paris, e na virada do século, ainda muito jovem, fez sociedade com empresários ingleses. Espírito prático, foi parceiro dos ingleses na Manaus Harbour, e não na aventura africana de seu pai, igualmente vítima de ciúmes e maledicências. Fique sabendo que meu avô já nasceu muito rico, não iria macular seu nome por se locupletar com dinheiro público. Mas com o fim do Império, teve de buscar asilo em Londres, onde morreu amargurado.²²

O passo a passo da história é construído por Sérgio Buarque na passagem a seguir – “das cinzas do tráfico negreiro, iria surgir uma era de aparato sem precedentes em nossa história comercial”:

Essa extinção de um comércio que constituía a origem de algumas das maiores e mais sólidas fortunas brasileiras do tempo deveria forçosamente deixar em disponibilidade os capitais até então comprometidos na importação de negros. A possibilidade de interessá-los firmemente em outros ramos de negócios não escapou a alguns espíritos esclarecidos.²³

Nota-se que o lugar ao sol dos Assumpção aconteceu pisando em uma massa

²¹ Idem, *ibidem*, pp. 50-1.

²² Idem, *ibidem*, p. 52.

²³ Cf. Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, op. cit., p. 76.

de homens livres e pobres, quando não escravos, sem qualquer direito à participação constitucional cuja prática, um tanto paradoxalmente, era almejada por essa sociedade em formação, na tentativa de imitar modelos europeus²⁴. Uma sociedade que, em verdade, já nos fins do século XIX (e muito antes) era palco das mais avançadas práticas capitalistas. Desta forma, não é mesmo de se estranhar que entre um pai ligado ao Império e um filho republicano exista um elo forte que, ao menos até 1929, para esses Assumpção representados em *Leite derramado*, era difícil de ser rompido.

Os dois grandes partidos imperiais – o Conservador e o Liberal – ficaram constituídos em fins da década de 1830. Afinal de contas, havia diferenças ideológicas ou sociais entre eles? Não passariam no fundo de grupos quase idênticos, separados por rivalidades pessoais? (...) Ao considerar a questão, devemos ter em conta que a política desse período, e não só dele, em boa medida não se fazia para se alcançarem grandes objetivos ideológicos. Chegar ao poder significava obter prestígio e benefícios para si próprio e sua gente. (...) Conservadores e liberais utilizaram-se dos mesmos recursos para lograr vitórias eleitorais, concedendo favores a amigos e empregando a violência com relação aos indecisos e aos adversários. A divisão entre liberais e conservadores tinha assim muito de uma disputa entre clientelas opostas em busca das vantagens ou das migalhas do poder.

²⁴ Este passo em falso da formação da nação é notado por Antonio Candido, em um viés estético (mas que também não deixa de explicar o mundo do qual faz parte) na formação da literatura nacional. Mesmo com vantagens em sua tentativa de ser uma “literatura empenhada”, tal sistema literário esbarrava em vícios e limites, deixando vivos (até hoje) o desequilíbrio e a precariedade de nossa formação cultural: “Depois da Independência o pendor se acentuou, levando a considerar a atividade literária como parte do esforço de construção do país livre, em cumprimento a um programa, bem cedo estabelecido, que visava a diferenciação e a particularização dos temas e modos de exprimi-los. Isto explica a importância atribuída, neste livro, à ‘tomada de consciência’ dos autores quanto ao seu papel, e à intenção mais ou menos declarada de escrever para a sua terra, mesmo quando não a descreviam (...) Esta disposição de espírito, historicamente, do maior proveito, exprime certa encarnação literária do espírito nacional, redundando muitas vezes nos escritores em prejuízo e desnorтеio, sob o aspecto estético”. Cf. Antonio Candido, “Uma literatura empenhada”. In *Formação da literatura brasileira – momentos decisivos 1750-1880*. 12ª ed. São Paulo: Fapesp; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009, p. 28. A releitura crítica de *Formação...* feita por Roberto Schwarz joga luzes contemporâneas sobre este movimento percebido por Antonio Candido, fazendo com que a presença de tipos sociais como Eulálio tenha profundas repercussões em nosso cotidiano: “A constituição local de um campo no qual as questões contemporâneas se podem articular com propriedade representa um passo muito considerável, que no entanto não faz a diferença *total* imaginada em concepções mais enfáticas do futuro nacional. Estamos longe das ilusões redentoras do nacionalismo, o que o próprio Antonio Candido assinalaria no estudo sobre ‘Literatura e subdesenvolvimento’, onde recorda a irrealidade de algumas das esperanças mais exaltadas ligadas ao anti-imperialismo. O termo *formação* está sendo usado, portanto, num sentido sóbrio, e sua normatividade, que existe, é descrita de fora, nos limites de seu desempenho real. Para lhe perceber a irradiação moderada, basta lembrar que, já ‘formado’, o nosso sistema literário coexistia com a escravidão e com outras ‘anomalias’, traços de uma sociedade nacional que até hoje não se completou sob o aspecto da cidadania, e talvez não venha a se completar, o que certamente faz refletir sobre a natureza mesma daquele movimento de formação nacional”. Cf. Roberto Schwarz, “Sobre a ‘Formação da literatura brasileira’ (notas do debatedor)”. In *Sequências brasileiras*, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 21.

Ao mesmo tempo, a política não se reduzia ao interesse pessoal, devendo a elite política do Império lidar, em um plano mais amplo, com os grandes temas da organização do Estado, das liberdades públicas, da representação, da escravidão.²⁵

Um jogo de troca entre grupos de uma elite que, no presente narrativo do romance, encontra-se em estado terminal, mas cujo caminho, ao longo da história e da formação nacionais, sempre foi traçado ao lado do poder. Assim, a distância entre o tom do discurso do narrador e todos os acontecimentos que ocorrem ao seu redor, e que ele não enxerga, caracterizam-se como uma espécie de tempo sobre tempo – um prestígio político que terminou, mas com cujos destroços sociais e econômicos ainda convivemos:

A presença de tais conflitos já parece denunciar a imaturidade do Brasil escravocrata para transformações que lhe alterassem profundamente a fisionomia. Com a supressão do tráfico negreiro dera-se, em verdade, o primeiro passo para a abolição de barreiras ao triunfo decisivo dos mercadores e especuladores urbanos, mas a obra começada em 1850 só se completará efetivamente em 1888. (...) Como esperar transformações profundas em país onde eram mantidos os fundamentos tradicionais da situação que se pretendia ultrapassar? Enquanto perdurassem intatos e, apesar de tudo, poderosos os padrões econômicos e sociais herdados da era colonial e expressos principalmente na grande lavoura servida pelo braço escravo, as transformações mais ousadas teriam de ser superficiais e artificiosas.²⁶

Nota-se que muitas características do “homem cordial” definidas por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*²⁷ estão escancaradas em *Leite derramado*. A questão é perceber, aqui, certa nuance: se tais características cordiais aparecem,

²⁵ Cf. Boris Fausto, *História do Brasil*, op. cit., p. 98.

²⁶ Cf. Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, op. cit., p. 78.

²⁷ “A caracterização da personagem lembra em muito análises de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, pois esse afã de ‘títulos honoríficos’ e ‘prosperidade sem custo’, uma forte repulsa ao trabalho, são traços presentes desde nossos colonizadores deita raízes profundas em uma sociedade de base agrária. Em alguma medida, na psicologia de Eulálio Assumpção pode-se identificar fortes traços do que Sérgio Buarque definiu como ‘cordialidade’; a hipertrofia das relações, privadas e familiares sobre o bem público e a racionalidade burocrática, que caracterizam os traços históricos de nossa sociedade desde os senhores de engenho. Não por acaso o protagonista se queixa constantemente no hospital de não ser reconhecido por quem é”. Cf. Thiago Lima Nicodemo, “Filho desenvolve e amplia ideia do pai”. *O Estado de S. Paulo*, 28/03/2009, disponível em http://www.chicobuarque.com.br/critica/mestre.asp?pg=leite_critica.htm, acesso em 4/1/2018. A aproximação entre *Leite derramado* e *Raízes do Brasil* também foi feita em outras resenhas críticas na época de lançamento do romance, dentre as quais destaco “Memórias quase póstumas de Chico Buarque”, de Reinaldo Moraes; “O filho de Sérgio e o bisneto de bentinho”, de Manuel da Costa Pinto e “A palavra e o som”, de Heitor Ferraz.

muitas vezes, cristalizadas no discurso de Eulálio, o próprio velho moribundo revela, a contrapelo, simplesmente por sua condição, certo enfraquecimento deste mando cordial que, entretanto, não deixa de existir até o final do romance, não importa quão atirado a própria sorte esteja o narrador.

A presença e o enfraquecimento do mando cordial não são sobreposições, como as lembranças do narrador se sobrepõem aos fatos do presente; funcionam mais como físgadas em um músculo dolorido, como lampejos de uma lâmpada que está quase queimando – mas que ainda teima em permanecer acesa. Para buscar entender o alcance da cordialidade como traço característico deste tipo social que é Eulálio precisaremos, portanto, dividir a análise em duas partes: a primeira, que aponta os mandos efetivos; a segunda, que descobre as falhas desse mando e, de certa maneira, denuncia sua decadência por meio do burlesco e do ridículo que envolvem este narrador de *Leite derramado*.

Assim, se os restos do poder de Eulálio minguam em sua cama, ainda fazem com que ele se sinta no direito de jogar no chão do quarto do hospital a comida que não lhe é trazida nos conformes, como se estivesse em sua casa:

Tenho fome. Os enfermeiros aqui são rancorosos, com exceção daquela moça, no momento não me vem o nome dela. Na falta dela, alguém precisa se ocupar de mim. Dispensio salamaleques, odeio intimidades, exijo atendimento neutro, profissional. Tragam-me por obséquio a minha goiabada, tenho fome. Virei o prato no chão, não nego, e voltarei a fazê-lo sempre que o bife vier com nervo.²⁸

Mesmo tentando se mostrar como indivíduo que abole a ordem doméstica e íntima – “odeio intimidades”; “exijo atendimento neutro, profissional” –, o que prevalece em Eulálio é o comportamento que só se permitiria a uma criança mimada na cozinha de casa. Comportamento que ele repete, justamente, como cacoete de uma birra feita na infância:

Nem bateu o telefone, mamãe ficou elétrica, começou a rodar pela casa, subiu e desceu a escada umas cinquenta vezes. Durante o jantar tocava o sininho por qualquer motivo, reclamava de tudo, teve um chilique ao ver duas moscas acasaladas na toalha de renda valenciana. E quando ela enfim parecia serenar, virei meu prato cheio de

²⁸ Cf. *Leite derramado*, op. cit., p. 101.

arroz, feijão, abóbora e bife de fígado, despejei tudo no tapete. Eu detestava fígado, e não me importei de mamãe me mandar para o quarto sem o jantar. Mal sabia ela que, nas minhas noites de castigo, a babá vinha me trazer goiabada com requeijão na cama. Quero a minha goiabada já, estou cheio de fome.²⁹

No tempo presente da narrativa, porém, este comportamento infantil é destinado, violentamente, a estranhos, de quem o narrador não sabe o nome mas pretende adquirir proximidade, recheada, como vimos, com uma afeição que não esconde traquejos de mando – “(...) com exceção daquela moça (...) Na falta dela, alguém precisa se ocupar de mim”³⁰. Traços do que Sérgio Buarque chama de “predomínio constante das vontades particulares”:

(...) que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal. Dentre esses círculos, foi sem dúvida o da família aquele que se expressou com mais força e desenvoltura em nossa sociedade. E um dos efeitos decisivos da supremacia incontestável, absorvente, do núcleo familiar – a esfera, por excelência dos chamados “contatos primários”, dos laços de sangue e de coração – está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós.³¹

Tais traços, tão característicos a Eulálio, não caem na narrativa como pesados blocos: se parecem mais com pequenas peças de um quebra-cabeça que, no falatório do narrador, formam o retrato de um homem que carrega para a rua seus modos caseiros. Ao elencar as características dos comportamentos cordiais, Sérgio Buarque fala sobre o peso da família patriarcal na sociedade brasileira. Por aqui não se pode apenas levar em conta a já enorme dificuldade de emancipação do sujeito, a árdua adequação a um espírito de iniciativa individual³². É preciso também considerar os bem atados laços familiares que, mais do que unir o indivíduo às suas origens, faz com que ele as arraste para fora de casa.

²⁹ Idem, *ibidem*, p. 105.

³⁰ “Nosso temperamento admite fórmulas de reverência, e até de bom grado, mas quase somente enquanto não suprimam de todo a possibilidade de convívio mais familiar. A manifestação normal do respeito em outros povos tem aqui sua réplica, em regra geral, no desejo de estabelecer intimidade”. Cf. Sérgio Buarque de Holanda, “O homem cordial”, In *Raízes do Brasil*, 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 148.

³¹ Cf. Sérgio Buarque de Holanda, “O homem cordial”. In *Raízes do Brasil*, op. cit., p. 146.

³² “E se bem considerarmos as teorias modernas, veremos que elas tendem, cada vez mais, a separar o indivíduo da comunidade doméstica, a libertá-lo, por assim dizer, das ‘virtudes’ familiares. Dir-se-á que essa separação e essa libertação representam as condições primárias e obrigatórias de qualquer adaptação à ‘vida prática’”. Idem, *ibidem*, p. 143.

Sérgio Buarque destaca que o surgimento de cursos de ensino superior no Brasil, sobretudo os jurídicos, durante a época do Império, contribui, na contracorrente da dificuldade exposta acima, para a formação “de homens públicos capazes”, arrancando-os de “seus meios provinciais e rurais” – uma tentativa, nem sempre bem-sucedida, como nota o autor, de “apagar neles o vinco doméstico, a mentalidade criada ao contato de um meio patriarcal, tão oposto às exigências de uma sociedade de homens livres e de inclinação cada vez mais igualitária”³³. Mesmo contando com as dificuldades, se na vida real alguns desses jovens conseguiram formar algum senso de responsabilidade, não foi o caso de Eulálio, conforme notamos ao voltar para *Leite derramado*. Em seu percurso, o personagem vai justamente na direção contrária a tal emancipação da vida familiar de que fala Sérgio Buarque:

Dissimulado, perverso, incompetente, indolente, impontual, e até mau motorista, muitos impropérios ouvi calado, por saber que em verdade não eram endereçados à minha pessoa, mas aos meus patrícios de modo geral. Dubosc vez por outra exagerava, era um engenheiro nervoso. Mal tinha chegado ao país e queria encontrar todas as portas abertas, ou senão explodi-las com dinamite.³⁴

Eulálio, como parece, segue tão confiante no caminho profissional aberto pelo pai que os impropérios a ele dirigidos pelo representante francês da Companhia não lhe atingem o coração. Tamanha superioridade do sujeito frente a tais insultos parece uma volta a mais no parafuso, reforçando a ironia de ser, o próprio narrador, o protótipo de uma elite brasileira *de modo geral*, em cujos representantes tais xingamentos vestiriam como luvas, podendo transformar-se, até, mais em traços do que em insultos. Ao mesmo tempo, e talvez por isso, tais características não impediriam Eulálio de vencer na vida e garantir seu lugar. O que mais parece importar, aqui, é o lugar de onde ele vem, e qual prestígio adquirido está representando (chaves que poderiam ser traduzidas no célebre bordão *você sabe com quem está falando?*). Nos deteremos ao ponto mais adiante, ao notar de qual forma (e não para melhor) as maneiras de abrir portas e apresentar cartões de visita mudaram.

Outro ponto interessante que revela, em *Leite derramado*, como o “vinco doméstico” de que fala Sérgio Buarque está entranhado no comportamento de Eulálio

³³ Idem, *ibidem*, p. 144.

³⁴ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 43.

é o fato de o narrador ter passado longe de uma carreira que poderia emancipá-lo, arranjando suas escolhas profissionais com os recursos de sua esfera íntima, na qual tudo vai se arrumando, empurrando-o adiante, mesmo que envolto em uma confusão de conchavos, intrigas, destemperos e favores:

Mamãe reaproveitou o que podia para equipar a casa, e alguns móveis comprou de segunda mão, porque já tivera muita despesa com uma reforma a toque de caixa. O anúncio do meu casamento pegou-a desprevenida, e ela chegou a me recusar sua bênção, enquanto eu não me diplomasse ou arranjasse um emprego. A Faculdade de Direito estava fora de cogitação, eu mal punha os pés lá dentro, mas o emprego, consegui de imediato. O pai de Matilde me recebeu com simpatia extrema, me garantiu que o filho do senador Eulálio d'Assumpção teria cadeira cativa em seu gabinete, ficou até de apressar minha filiação ao partido. Muito prosa, participei o sucesso à minha mãe, que teve uma reação destemperada, perguntou se eu já me havia esquecido do assassinato do meu pai. Por um instante embasbaquei, eu não podia figurar meu futuro sogro de pistola em punho, muito menos sua gorda mulher como pivô de um crime passionai. Mas minha mãe se referia aos nossos adversários políticos, que para ela eram sempre os mandantes do crime.³⁵

Como se não bastasse, dizer que Eulálio vai morar com Matilde no chalé à beira-mar, em Copacabana, que havia sido construído por seu avô, seria como que o desenho nítido do homem cordial que Sérgio Buarque traça em *Raízes do Brasil*. Neste lugar, o narrador de *Leite derramado* se torna uma espécie de herdeiro encaminhado, sempre levando adiante práticas que lhe são familiares e que extrapolam – com o perdão da repetição ocasional – a própria esfera do familiar.

Conta Eulálio que o chalé em que vai morar havia sido construído por seu avô para curar o reumatismo da esposa, a qual, na fazenda na raiz da serra, “gania de dor” quando o marido “ia procurar as negras”. Para se vingar, mesmo morando distante e isolada, “não deixava por menos, jurava que seu marido era o pai dos filhos de Balbino, o leal criado”³⁶. É neste espaço que Eulálio inicia sua relação amorosa com Matilde. Relação que, pelo menos a princípio, não aparenta trazer a mesma carga de violência abrandada pelos bons costumes³⁷ vivida pelos avós. Eulálio continua os

³⁵ Idem, *ibidem*, pp. 70-1.

³⁶ Idem, *ibidem*, p. 62.

³⁷ “A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que

passos do pai na esfera pública:

Só saía para o trabalho, que a princípio não me exigia grandes quês. Bastava-me pôr uma das gravatas inglesas do meu pai e andar por onde ele andava, como queria mamãe, até que algum dia acertasse meu próprio passo. No Senado era sempre bem acolhido, tomava café em diversos gabinetes, circulava pelos corredores, ficava fumando por ali, não raro era convidado para um almoço com políticos na Le Rôtisserie. Senão, comia sozinho numa casa de pasto, depois passava no escritório da Le Creusot, levava um bombom para a secretária, perguntava por algum cabograma, sentava na cadeira que meu pai deixara vaga.³⁸

Mas, ao menos no espaço íntimo, faz do chalé dos avós um espaço no qual a relação amorosa que começa com Matilde reverte aquilo que poderia vir a ser brutalidade em puro desejo – não que ambos não possam coexistir, como o próprio narrador revelará no decorrer de suas memórias (sobre este ponto nos deteremos especificamente na última parte deste trabalho). Aqui, o desejo diz respeito somente ao universo fundado pelos dois amantes, em um momento em que o lirismo do narrador se coloca por completo:

Já ao saltar do carro, ansiava por ouvir os discos esquisitos de Matilde, na vitrola que lhe dei de aniversário. Se não havia música, eu descia à praia a fim de arrastá-la para casa, e a empregada sabia que era hora de sair para o armazém, ao pressentir nosso bulício. A gente se agarrava na cozinha, na sala, na escada, horas e horas no banho, podíamos passar todo um final de semana na cama.³⁹

Se, por um lado, Eulálio carrega em seu discurso traços inequívocos do mando cordial, certos termos do ridículo desse poder aparecem anunciados por toda a narrativa. Nos trechos do romance citados nas últimas páginas, os termos do ridículo aparecem, fortes, no chlique que a mãe de Eulálio tem ao “ao ver duas moscas acasaladas na toalha de renda valenciana”; na compra, feita por tal família tão respeitável, de móveis “de segunda mão” por conta das despesas ao reformar a casa para os recém-casados “a toque de caixa”. Não há como não rir imaginando uma fina

permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante”. Cf. Sérgio Buarque de Holanda, “O homem cordial”. In *Raízes do Brasil*, op. cit., pp. 146-7.

³⁸ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., pp. 62-3.

³⁹ Idem, *ibidem*, p. 63.

senhora (a mesma que, no fim da vida, passa a falar somente em francês e tem um caso com seu antigo motorista, também com avançada esclerose, envolvimento em que se misturam mandos e desejos fora do lugar⁴⁰) tentando desesperadamente espantar moscas ou pechinchando peças para compor sua casa.

Assim como não é pouco o espanto que se tem ao ser levado pelo narrador a um banquete decadente oferecido no casarão de sua mãe, local que exibia, em festas de outrora, “salões silenciosos e solenes”, nos quais as “sombras a deslizar no mármore” ficavam “diante de garçons perfilados como sentinelas”⁴¹ como anuncia-se no capítulo 14 de *Leite derramado*⁴². Junto ao olhar de Eulálio, acompanhamos a transformação do lugar que abrigava suntuosos eventos em uma casa fantasma. Uma transformação que não acontece de imediato, nos leva a crer que não se realizará por completo mas que se estabelece – de fora para dentro, ocupando toda a intimidade do outrora esplendoroso casarão no qual Eulálio era o dono “dos espaços ainda imaculados”:

Mas no que o vigia abriu o portão, me surpreenderam as fartas luzes em todas as janelas, como numa casa de muitas crianças. Com o jardim às escuras, o casarão parecia flutuar na noite, quase mais imponente que nos tempos de papai. Talvez mamãe quisesse deixar claro aos franceses que, no fim das contas, a casa dos Assumpção não lhes devia favor algum. Ela estava ao piano, que desde a viuvez praticava sem soar, apenas roçando as teclas, para honrar meu pai e não esquecer Chopin. Passou comigo e com Matilde para o sofá Luís-quinze ali mesmo na sala de música, onde o mordomo nos serviu champanhe e o seu refresco.

(...)

O mordomo me chamava com gestos agoniados. Na copa, deparei com uma dezena de garrafas de borgonha abertas, cheirando a mofo e frutas podres, e deduzi que os

⁴⁰ “O distúrbio de mamãe começara anos antes por um tipo de disfasia, ela falava clara e corretamente, mas com as palavras todas trocadas. E ao perceber que ninguém a compreendia, enfezou-se, passou a falar francês e pronto. Também em francês trocava as palavras, mas seu chofer Auguste não só a compreendia, como lhe respondia com palavras ainda mais embaralhadas. Ela o chamava de Eulalie, e ele, com avançada esclerose, atendia à vontade pelo nome do antigo patrão. E sentava-se com ela na sala, dava-lhe o braço no jardim, permitia-se chamá-la simplesmente pelo prenome, também afrancesado para Marie Violette.” Cf. *Leite derramado*, op. cit., pp. 80-1.

⁴¹ Idem, ibidem, p. 85.

⁴² Cf. *Leite derramado*, op. cit., pp. 83-91.

tintos de papai, intocados no porão, não sobreviveram ao verão carioca. (...) Mamãe, Matilde e eu já tínhamos saboreado os acepipes, a salada, a galantina, e estávamos nas pernas de cordeiro, quando chegou Dubosc. Trazia duas rosas meio passadas, branca para minha mãe e vermelha para Matilde, além de um prato de papelão com empadinhas, que mamãe mandou o mordomo dar aos criados.⁴³

As fartas luzes do casarão surpreendentemente esplendoroso confundem Eulálio. Os bons modos da anfitriã (Chopin ao piano, surdo, em respeito ao finado marido), os belos móveis que relembram a França de Luís XV e transportam, fora do tempo, para o Brasil, um estilo rococó da monarquia conservadora, as finas bebidas e os discretos empregados que não podem deixar de sussurrar que, infelizmente, os vinhos, finos e delicados, não resistiram ao calor. Tudo é falso e estrangeiro, tudo pertence, desde sempre, a ícones ultrapassados de uma cultura importada – bons modos postiços que, no presente narrativo da festa, perdem qualquer imponência que tenham mostrado outrora já que não sustentam mais poder algum:

Nos tempos de meu pai, sim, os banquetes no casarão eram célebres por atravessar a noite, reuniam políticos de todas as correntes e as mulheres mais deslumbrantes da cidade. Ardiam tochas no jardim, a casa cheirava a alfazema, até as estátuas estavam de banho tomado.⁴⁴

Eulálio localiza no tempo a recordação: a festa acontecia um pouco adiante daquela em que se armou o triângulo amoroso que mataria seu pai, há cerca de oitenta anos passados⁴⁵ – a contar pela data de publicação de *Leite derramado* (2009), um pouco para a frente de 1929, portanto. É importante destacar que esta data de 1929 é a primeira que aparece em *Leite derramado*, como a balizar temporalmente o leitor. A data, não por acaso tão firmemente definida, mostra como a decadência e a superioridade do narrador perante os demais dependem tanto do prestígio quanto do lastro econômico – por isso vão caminhando em conjunto e se sobrepondo ao longo das décadas. Analisamos o trecho como sendo um dos que, para o narrador, atestam supremacia frente aos demais (ver páginas 3, 4 e 5). O narrador descreve toda a

⁴³ Idem, ibidem, respectivamente p. 86 e pp. 87-8.

⁴⁴ Idem, ibidem, p. 85.

⁴⁵ “Vi meu pai beijar a mão da mulher e apertar a do marido, que em seguida se virou para um garçom. E não entendi por que a mulher, naquele instante, passou as mãos no próprio corpo e sorriu para o meu pai, que muito sério a fitou e logo desviou os olhos. Somente hoje, oitenta anos passados, como um alarme na memória, como se fosse azul-celeste a cor de uma tragédia, reconheço na mulher o vestido rodado que meu pai comprou na véspera”. Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., pp. 87-8.

multidão amorfa virada para a chegada do navio “que se deu de modo meio teatral, ao irromper de denso nevoeiro”. Somente ele é o “único homem voltado para a objetiva”, o único rosto que se pode diferenciar dentre todos os outros – propositalmente. Ao vislumbrar o fotógrafo, Eulálio decide encarar a câmera por, “não sem vaidade”, presumir que “ao se revelar aquele instantâneo, eu seria o único a figurar para a posteridade frente a frente”. Porém, ao reler este trecho sabendo do real estado dos Assumpção em 1929 (que nos é trazido, capítulos adiante, justamente neste episódio da festa no casarão fantasma) temos a dimensão da maneira como prestígio de classe (tom do discurso) e poder econômico se interpenetram. Logo depois de tirada a fotografia, inclusive, Eulálio se percebe inferiorizado por um “sujeito mais alto, de terno cinza ou bege, com uma palheta meio torta na cabeça”. Novamente encara a câmera, mas para “aparecer quase como um lacaio, carregando um sobretudo e uma pasta de couro alheios” – estabelece-se assim sua relação com o francês, Dubosc, que vem analisar os trabalhos da Companhia em que Eulálio trabalha. Análise que, frente à conjuntura econômica mundial daquele momento, com a crise, não se faz mais simpática ou branda por Eulálio ser ou não filho do senador que acompanhou Dubosc a “inolvidáveis rendez-vous em Paris” – se for para contar com salamaleques, que seja do “l’ambassadeur”, por quem Dubosc não para de perguntar, não de uma família que perdeu o lugar no jogo político e econômico: “Mas nem a menção a meu pai surtiu efeito, ele insistia em perguntar pelo cônsul, pelo adido militar, e protestou em voz alta conta a demora na liberação da bagagem”⁴⁶.

No Brasil, esse período foi também definido pela Revolução de 1930, a qual, para nos atermos em aspectos econômicos, segundo Francisco de Oliveira, “marca o fim de um ciclo e o início de outro na economia brasileira: o fim da hegemonia agrário-exportadora e o início da predominância da estrutura produtiva de base urbano-industrial”⁴⁷. Os Assumpção sentem a crise – e daí a consciência, por parte de Eulálio, ao receber o convite de sua mãe, de que a situação financeira da família não vai bem. A verdadeira sensação da derrocada, já havia sido informada ao narrador na viagem à Europa que ele realizara para saber os motivos de os agentes financeiros da família já não lhes responderem os apelos. De maneira semelhante ao

⁴⁶ Para trechos citados neste parágrafo, cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., pp. 24-6.

⁴⁷ Cf. Francisco de Oliveira, “O desenvolvimento capitalista pós anos 1930 e o processo de acumulação”. In *Crítica à razão dualista / O ornitorrinco*. 1ª ed. 4ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 35.

que acontece com as ruas que levavam os nomes dos Assumpção, cada vez mais afastadas do centro da cidade (ver página 43 deste texto), durante a viagem Eulálio vai sendo acomodado em mesas cada vez menos importantes, longe dos expoentes da cultura, da galanteria, da pose e do dinheiro, nos jantares à bordo. O jogo que se arma é interessante, pois uma vez mais o afastamento parece ter acontecido pela escolha errada das palavras que encobrem o primordial fator econômico, que de fato tudo movimenta:

E logo na primeira noite fui convidado a cear na mesa do comandante, que perante ao arquiteto Le Coubusier e a cantora Josephine Baker, ergueu um brinde à memória do meu pai e relembrou suas conversas galantes. Animado, contei da sua vigorosa amiga La Comtesse, que praticava pompoarismo com moedinha de meio franco, mas o comandante não entendeu direito a história, e a cantora entabulou assunto à parte com o arquiteto. Nas noites seguintes fui acomodado em mesa de argentinos, e vi pouco a pouco esvaziar meu prestígio no Lutétia, talvez porque já me falhasse o francês fluente do meu pai. Ou porque meu dinheiro de bolso, como tudo o que vinha de minha mãe, era comido.

(...)

Em Paris fui recebido com pasmo, me perguntaram se na América do Sul não chegavam notícias do mundo. Havia mais de um mês fora sustada a importação de café em toda a Europa, levando à falência os atacadistas sócios do meu pai. Em Londres, me falaram de calamidades financeiras, milhões de libras esterlinas fulminadas da noite para o dia, devido ao crack da bolsa de Nova York. Era o caso do espólio da família Assumpção, desafortunadamente aplicado no mercado de ações norte-americano. (...) Tomei um trem expresso para Southampton, e em toda parte me sentia espiado com a desconfiança que suscita um estrangeiro noturno. Mais gostaria que me apontassem e rissem de mim, como nas ruas do Rio de Janeiro, onde o motivo do meu tormento era sabido. Em cima da hora zarpei de volta num cargueiro holandês, ainda consegui um beliche de proa.⁴⁸

⁴⁸ Idem, *ibidem*, respectivamente p. 58 e p. 59. A título de curiosidade, o encontro entre a dançarina Josephine Baker e o arquiteto Le Corbusier durante uma viagem de navio transatlântico de fato ocorreu: ambos desembarcaram no antigo porto do Rio de Janeiro justamente em 1929: “À primeira vista, juntos, eles poderiam representar duas maneiras opostas de compreender o corpo na modernidade. Le Corbusier é o sinônimo do grande paradigma da arquitetura moderna, onde o corpo é disciplinado em seu comportamento por meio do funcionalismo do design e do urbanismo. Por sua vez, (...) Josephine Baker subverteu os cânones da dança de seu tempo com o corpo nu, numa coreografia de movimentos selvagens e anárquicos que reivindicavam uma emancipação.” Cf. “Josephine Baker e

O mal-estar de Eulálio seria abrandado, em terras brasileiras, pelo amparo de sua linhagem materna (“quanto ao dinheiro, querendo ou não, mamãe para mim seria sempre uma salvaguarda”⁴⁹). Isso quer dizer que embora empobrecida a família não deixaria, ao menos naquelas décadas subsequentes, de se beneficiar de certos privilégios de sua classe. Daí, portanto, o fato de a festa da mãe de Eulálio acontecer – embora sediada em uma casa fantasma – representar a existência de um poder que já se esvaziou, embora não tenha se arruinado de fato. Em outros termos, o que Eulálio descreve quando chega ao mausoléu materno, a permanência (insistência) da festa, revela muito, também, da permanência (insistência) desta classe no poder. Não seria o que se nota, em termos mais amplos, na transição vivida no Brasil naqueles anos 1930? A industrialização, a introdução de um novo modo de acumulação, diferente do que era somente agrário-exportador, mantêm, com a ajuda do Estado totalitário, a hegemonia de uma mesma classe dominante no poder – os proprietários rurais e a nascente burguesia industrial⁵⁰:

Le Corbusier no Rio: um caso transatlântico”, Art Rio’17. Disponível em: www.artrio.art.br/pt-br/noticias/josephine-baker-e-le-corbusier-no-rio-um-caso-transatlantico, acesso em 20/12/2017. Para Chico Buarque, este foi o caminho (e a data, 1929) que começaram a montar a narrativa: “Achei engraçado. Juntar o meu encontro com a Josephine Baker com o meu grande interesse por arquitetura. Sou ex-estudante de arquitetura, muito amigo de Oscar Niemeyer, e achei curioso esse encontro de Le Corbusier com a Josephine Baker no ‘Lutétia’. Nessa altura pensei: ‘Por alguma intuição é nesse navio que eu vou. É por aí que eu vou começar essa história’. Enfim. A história não começou por aí, mas comecei a me localizar naquele ano, em 1929, a partir daí. Claro que o navio, no fim das contas, tem um papel secundário no livro. Mas a isca foi o ‘Lutétia’”. Cf. Chico Buarque, “Mas Chico é nome de escritor ruim”, op. cit.

⁴⁹ Idem, *ibidem*, p. 59.

⁵⁰ Em “Crítica à razão dualista”, Francisco de Oliveira tece um complexo e completo panorama que possibilitou a aliança entre as elites dominantes. O papel totalitário do Estado; a criação de um exército de reserva de trabalhadores que ocupou as cidades realizando atividades mal-renumeradas, sem se definir como classe trabalhadora, nascendo vinculado a uma legislação trabalhista exploratória; a manutenção da agricultura como atividade primária, gerando, também, uma massa campesina sem acesso aos direitos trabalhistas e à organização como classe trabalhadora, como os operários urbanos; e, por fim, a industrialização moderna que funcionava sobre uma base arcaica, utilizando-se desse atraso como beneficiador para a possibilidade de acumulação pelas classes dominantes. “Assim, não é simplesmente o fato de que, em termos de produtividade, os dois setores – agricultura e indústria – estejam distanciando-se, que autoriza a construção do modelo dual; por detrás dessa aparente dualidade, existe uma integração dialética. A agricultura, nesse modelo, cumpre um papel vital para as virtualidades de expansão do sistema: seja fornecendo os contingentes de força de trabalho, seja fornecendo os alimentos no esquema já descrito, ela tem uma contribuição importante na compatibilização do processo de acumulação global da economia. De outra parte, ainda que pouco represente como mercado para a indústria, esta, no seu crescimento, redefine as condições estruturais daquela, introduzindo novas relações de produção no campo, que torna viável a agricultura comercial de consumo interno e externo pela formação de um proletariado rural. Longe de um crescente e acumulativo isolamento, há relações estruturais entre os dois setores que estão na lógica do tipo de expansão capitalista dos últimos trinta anos no Brasil. A tensão entre agricultura e indústria brasileiras não se dá no nível das relações das forças produtivas, mas se dá ou se transfere para o nível interno das relações de produção tanto na indústria como na agricultura”. Cf. Francisco de Oliveira, “Crítica à

Ao contrário da revolução burguesa “clássica”, a mudança das classes proprietárias rurais pelas novas classes burguesas empresário-industriais não exigirá, no Brasil, uma ruptura total do sistema, não apenas por razões genéticas, mas por razões estruturais. (...) Aqui, as classes proprietárias rurais são parcialmente hegemônicas, no sentido de manter o controle das relações externas da economia, que lhes propiciava a manutenção do padrão de reprodução do capital adequado para o tipo de economia primário-exportadora. Com o colapso das relações externas, essa hegemonia desemboca no vácuo; mas, nem por isso, *ipso facto* entram em ação mecanismos automáticos que produzissem a industrialização por “substituição de importações”.⁵¹

Mesmo com a junção entre o arcaico e o moderno que o processo de industrialização engendra no Brasil – ou melhor, por conta dela – a permanência no poder da classe dominante se dá e não se dá. Em comparação com o cenário internacional, os que aqui dão as cartas continuam na periferia. No âmbito interno, uma parcela da classe dominante, arruinada economicamente, continua a viver dos títulos e da respeitabilidade antiga. É o caso, voltando ao romance, dos Assumpção. Neste sentido, a festa na casa fantasma surpreende em diversos ângulos: primeiramente por acontecer em meio à crise e, mais intimamente, por acontecer *aos trancos e barrancos*, oferecendo não um farto banquete como o de outrora, mas “uma dezena de garrafas de vinho borgonha abertas, cheirando a mofo e frutas podres”, como vimos. Algo que, por sua vez, também é resolvido, para tudo dá-se um jeito: as cervejas da Frigidaire salvam a cena e permitem que todos saboreiem “os acepipes, a salada, a galantina”, até a chegada do convidado francês que, atrasado, “trazia duas rosas meio passadas (...), além de um prato de papelão com empadinhas, que mamãe mandou o mordomo dar aos criados”⁵². O desenrolar da festa, que ainda conta com os lugares-comuns proferidos pelo engenheiro francês acerca de sua experiência no Brasil, dizendo-se encantado com índios xavantes com os quais alguns amigos tencionavam fazer contato e com os toques africanos no tempero do cordeiro (comentário insultante para a anfitriã que, num francês enérgico, retruca “que o molho era à base de ervas da Provença”), mostra o quanto é deslocado, na cena local e

razão dualista: o desenvolvimento capitalista pós anos 1930 e o processo de acumulação”. In *Crítica à razão dualista / O ornitorrinco*, op. cit., pp. 47-8.

⁵¹ Cf. Francisco de Oliveira, “Crítica à razão dualista: um intermezzo para a reflexão política: revolução burguesa e acumulação industrial no Brasil”. In *Crítica à razão dualista / O ornitorrinco*, op. cit., p. 64.

⁵² Idem, *ibidem*, pp. 88-9.

internacional, esse lugar de poder ocupado pelos Assumpção. O fim da festa é anunciado pelo estrondo de um trovão, que deixa tudo às escuras. A matriarca se retira, Eulálio, tateando as paredes, lembra-se do pai. O que é fantasmagórico e anuncia não apenas a decadência, mas a iminência da morte do poderio da família, transforma-se, num outro giro, em comemoração, aos olhos novamente surpresos, do narrador:

Cheguei cego à sala de jantar e sussurrei, Matilde, Matilde, não sei por que falava assim tão baixo. Também sussurravam na copa, onde à luz de velas enfiadas em gargalos, os empregados comiam empadinhas com vinho estragado. Da cozinha vinham risos abafados, e julguei ouvir Matilde cochichando em francês, ca-ça-do-res de ca-be-ças. Ali a vi sentada no chão com o velho Auguste, partilhando uma bandeja de pâtisserie ao pé do fogão com a lenha em brasas. Olhei em torno e, sem ser perguntada, Matilde disse que ele tinha acabado de sair com os amigos franceses. Então voltou a eletricidade e ouviu-se um longo oh, como à interrupção de um filme bom ou de um sonho coletivo.⁵³

Comemoração que não é mais dos proprietários (acontece na casa às escuras, na cozinha, enquanto Eulálio acomoda a mãe no quarto e lembra, com medo, do poder paterno), mas que acontece junto dele, na esfera de sua casa, sem agredi-lo. É um sonho coletivo, não uma tocaia⁵⁴; muito menos está na ordem do revanche. E aqui,

⁵³ Idem, *ibidem*, pp. 90-1.

⁵⁴ Em *Fogo morto*, de José Lins do Rego, a festa dos negros libertos assusta aos proprietários do engenho, que se veem, amedrontados, aprisionados dentro da própria casa-grande, que, ao mesmo tempo, já não os protege, em sua ruína. Tal situação pode ser espelhada ao misto de surpresa que Eulálio tem a ver os empregados (junto de sua mulher) festejando um íntimo sonho coletivo (de liberdade? Em que termos?) bem ali, na cozinha de sua casa. Esclarece também, sobre o quadro, um pequeno trecho de *Raízes do Brasil*, no qual Sérgio Buarque analisa o que é exposto por José Lins do Rego em seus romances do ciclo de açúcar. “A cozinha do Santa Fé, sem uma negra, despovoada de sua gente. Todos se foram, todas as negras ganharam o mundo, até a negra Margarida que criara Neném. Não havia quem quisesse ficar no Santa Fé. (...) À noite, na casa-grande, Olívia resmungava, falava, com aquela agonia de sempre. Ela estava só, completamente só. Lula deitara-se para dormir. Começou a ter medo. Era capaz de os negros libertos de outros engenhos aparecerem ali para atacá-los. As cantorias do coco enchiam a noite de um baticum que não parava. Agora percebia bem o canto da negrada, lá para as bandas do Pilar. Os negros dançavam de alegria, na festa da liberdade. (...) Foi quando ouviu vozes nas portas do fundo. Havia gente lá para os lados do sítio. Tremeu de medo. As vozes cresciam. O zabumba, compassadamente, gemia de longe. Sem dúvida tinham voltado os negros para atacar o Santa Fé. Bateu a porteira do curral e as vozes cresciam cada vez mais. Teve vontade de correr para o quarto onde estava Lula, mas, ao mesmo tempo, pensou que aquele alvoroço lhe fizesse mal. Olívia parara de falar. Só as labaredas do fogo faziam barulho dentro de casa”. Cf. José Lins do Rego, *Fogo morto*. 76ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013, pp. 236-7. “Um romancista nordestino, o sr. José Lins do Rego, fixou em episódios significativos a evolução crítica que ali também, por sua vez, vai arruinando os velhos hábitos patriarcais, mantidos até aqui pela inércia; hábitos que o meio não só deixou de estimular, como principia a condenar irremediavelmente. O desaparecimento do velho engenho, engolido pela usina moderna, a queda de prestígio do antigo sistema agrário e a ascensão de

novamente, pode-se perceber a presença em fiapos da decadência de uma classe e de seu tipo de mando, cordial – que é, principalmente neste ponto da narrativa, um *melancólico silêncio*⁵⁵ traduzido no espanto de Eulálio, que compartilha tanto a decadência de um tipo de festa como a reviravolta da comemoração, aturdido em ambos os casos. Um prestígio que já não tem mais motivos para existir; em uma não tão distante comparação, tal como o cenário formado durante Monarquia e que sobreviveu em plena República, como revela Sérgio Buarque de Holanda:

O trágico da situação está justamente em que o quadro formado pela monarquia ainda guarda seu prestígio, tendo perdido sua razão de ser, e trata de manter-se como pode, não sem grande artifício. O Estado brasileiro preserva como relíquias respeitáveis algumas das formas exteriores do sistema tradicional, depois de desaparecida a base que as sustentava: uma periferia sem centro.⁵⁶

Já em 1942, Caio Prado Jr. analisa que o contemporâneo, que nos mostra quem somos, carrega um processo histórico que não chega a termo. Tal processo traz, a todo momento, nosso passado, “que não tomou forma”:

Analisem-se os elementos da vida brasileira contemporânea; “elementos” no seu sentido mais amplo, geográfico, econômico, social, político. O passado, aquele passado colonial que referi acima, aí ainda está, e bem saliente; em parte modificado, é certo, mas presente em traços que não se deixam iludir. Observando-se o Brasil de hoje, o que salta à vista é um organismo em franca e ativa transformação e que não se sedimentou ainda em linhas definidas; que não “tomou forma”. É verdade que em alguns setores aquela transformação já é profunda, e é diante de elementos própria e positivamente novos que nos encontramos. Mas, apesar de tudo, é excepcional. Na maior parte dos exemplos, e no conjunto, em todo caso, atrás daquelas transformações que às vezes nos podem iludir sente-se a presença de uma realidade já

um novo tipo de senhores de empresas concebidas à maneira de estabelecimentos industriais urbanos indicam bem claramente em que rumo se faz essa evolução.” Cf. Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, op. cit., pp. 175-6.

⁵⁵ “Os velhos proprietários rurais tornados impotentes pelo golpe fatal da Abolição e por outros fatores não tinham como intervir nas novas instituições. A República, que não criou nenhum patriciado, mas apenas uma plutocracia, se assim se pode dizer, ignorou-os por completo. Daí o melancólico silêncio a que ficou reduzida a casta dos homens que no tempo do Império dirigia e animava as instituições, assegurando ao conjunto nacional certa harmonia que nunca mais foi restaurada”. Cf. Sérgio Buarque de Holanda, “Nossa revolução”. In *Raízes do Brasil*, op. cit., p. 176.

⁵⁶ Idem, *ibidem*, p. 176.

muito antiga que até nos admira de aí achar e que não é senão aquele passado colonial. Não me refiro aqui unicamente a tradições e a certos anacronismos berrantes que sempre existem em qualquer tempo ou lugar, mas até a caracteres fundamentais da nossa estrutura econômica e social. No terreno econômico, por exemplo, pode-se dizer que o trabalho livre não se organizou ainda inteiramente em todo o país.⁵⁷

Ignorando o ponto chave necessário para que o nacional aconteça (ou para que o nacional acontecesse), em *Leite derramado* Eulálio continua falando por cima da massa de miseráveis que não se formou. O que era, para Caio Prado Jr., passado se anunciando no presente, em *Leite derramado* revela-se como presente sem fim: não há mais perspectiva de formação do nacional. Assim, como que atualizando a ordem do que é proposto em *Formação do Brasil contemporâneo*, em *Leite derramado* não é o “passado que parece longínquo, mas que ainda nos cerca de todos os lados”, mas é o presente que rodeia a cama do oligarca moribundo e insiste em ser maior do que suas memórias, coesas, bem amarradas mesmo em delírio. Seria pertinente lembrar que, não por acaso, seguimos a trilha de alguns pensadores que se debruçam sobre o tema da formação do Brasil – “intelectuais que procuraram estabelecer e dar sentido a uma situação periférica deslocada e, por isso mesmo, diferente”⁵⁸.

Conforme apontado anteriormente (ver páginas 23, 24 e 25), as transições entre o país agrário-exportador; a industrialização ocorrida nos anos 1930 com subsequente formação de uma nova massa urbana e seu exército de reserva, do operariado que, a princípio com perspectivas de consciência enquanto sujeitos constitutivos, não conseguiu se organizar e foi levando e sendo levado adiante; o atraso e a exploração como partes centrais desse ir-em-frente; o otimismo absolutamente relativo do desenvolvimentismo e a força da concentração de renda em poucas mãos; a seguinte onda de industrialização, desta vez aliando o uso do maquinário, das indústrias nos ramos pesados à mão-de-obra barata; as associações entre um Estado populista e capitais estrangeiros; a exploração, por fim, sempre e ao cabo, da força de trabalho, exploração que acompanha desde o início o processo de

⁵⁷ Cf. Caio Prado Jr., *Formação do Brasil contemporâneo*, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 9. Antes de mim, em sua tese de livre-docência, José Antonio Pasta Júnior, já havia chamado atenção exatamente para este trecho e para a “renitência do passado” – retomaremos, aqui, o ponto na p. 62. Cf. José Antonio Pasta Júnior. *Formação supressiva: constantes estruturais do romance brasileiro*. São Paulo: FFLCH-USP, 2011, tese de livre-docência, pp. 57-8.

⁵⁸ Cf. Otilia Beatriz Fiori Arantes, Paulo Eduardo Arantes, *Sentidos da formação*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

industrialização brasileiro e culmina, de crise em crise, não só na garantia da existência da classe média (consumidora e também propagadora de ideais conservadores, tão caros aos golpes políticos), mas especialmente na recente industrialização cujos avanços tecnológicos deixam de fora os pobres e, em termos globais, a própria estrutura industrial do país, que se vale da tecnologia atrasada em relação ao compasso mundial. Em poderosos termos de síntese, utilizados por Francisco de Oliveira, temos neste arco de tempo:

A inserção na divisão internacional do trabalho capitalista, reiterado a cada ciclo de modernização, propiciaria os meios técnicos modernos, capazes de fazer ‘queimar etapas’, como os períodos de Vargas e Kubitschek mostraram. O crescimento da organização dos trabalhadores poderia levar à liquidação da alta exploração propiciada pelo custo rebaixado da força de trabalho. A reforma agrária poderia liquidar tanto com a fonte fornecedora do ‘exército de reserva’ das cidades quanto o poder patrimonialista. Mas faltou o outro lado, isto é, que o projeto emancipador fosse compartilhado pela burguesia nacional, o que não se deu. Ao contrário, esta voltou as costas à aliança com as classes subordinadas, ela mesma já bastante enfraquecida pela invasão de seu reduto de poder de classe pela crescente internacionalização da propriedade industrial, sobretudo nos ramos novíssimos. O golpe de Estado de 1964, contemporâneo dos outros na maioria dos países latino-americanos, derrotou a possibilidade aberta.⁵⁹

Este quadro está colocado – retomaremos o ponto adiante, revelando a forma como o mundo do trabalho é abordado em *Leite derramado*⁶⁰ – em cenas esquadrihadas por Chico Buarque em alguns de seus romances; de maneira mais específica, em *Estorvo*, de 1991, e *Benjamim*, de 1995. À guisa de dar forma à matéria histórica aqui colocada, fiquemos com situações que, em momentos diversos dos romances, dimensionam o andar dos acontecimentos (ou, antes, o que era passado vívido no presente e tornou-se, no hoje, presente sem-fim, de contínua opressão) que desembocam em *Leite derramado*.

⁵⁹ Cf. Francisco de Oliveira, “O ornitorrinco”. In *Crítica à razão dualista / O ornitorrinco*, op. cit., pp. 131-2.

⁶⁰ Também nas páginas 9 e 10 deste texto.

A certa altura de seu perambular, o narrador de *Estorvo* resolve voltar ao sítio da família. Já ao entrar no ônibus que o levará para lá, a visão que tem do homem ao seu lado é de desconfiança (não seria, provavelmente, um trabalhador?) – a escolha do ponto de vista já traz juízo crítico, num mal-estar que só se adensa caso percebamos a matéria de que é feito o estranhamento do narrador. Quem são, para onde vão, essas pessoas disformes, diversas, por que ameaçadoras?

Nesse ônibus convém não cochilar. A meu lado sentou-se um sujeito magro, de camisa quadriculada, que eu já havia visto encostado numa coluna. Estamos ombro a ombro no mesmo banco, e não posso ver direito a sua cara. Posso ver suas mãos, mas são mãos de homens iguais a todas as mãos sujas e cruzadas. (...) Ato contínuo abre a mão inteira para fechar os dedos um a um, refazendo os cálculos de trás para diante. Calça chinelos de tiras, e esfrega o dedão na falange vizinha, como quem contasse dinheiro com os pés.⁶¹

A sensação de estranhamento vivenciada pelo narrador voltará páginas adiante, mas desta vez dentro de sua propriedade. Quando enfim consegue, com muita dificuldade, entrar no território que antes era seu domínio (“sinto que, ao cruzar a cancela, não estarei entrando em algum lugar, mas saindo de todos os outros”), reconhece o caseiro do sítio: o trabalhador que está lá, à míngua, guardando as posses do patrão que não sabe quando (e se) aparecerá. Um *servo fiel*, protegendo algo que não é seu – mas que também não teria para onde ir se lá não estivesse. No presente da ação, nem o empregado parece ter o que fazer ali, nem o proprietário, com a voz de mando que já não possui, sabe exatamente como se portar⁶².

⁶¹ Cf. Chico Buarque, *Estorvo*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 22.

⁶² Exerga-se aqui, nesta constatação do mando que já não manda, grande proximidade com a voz de Eulálio e seu falatório cordial sem lastro. Enquanto o narrador de *Estorvo* se cala, permanece sem ação enquanto o presente se move, em *Leite derramado* Eulálio fala sem parar enquanto o presente, por sua vez, se aquieta por baixo de seu discurso: “O velho sentado no tamborete faz um grande esforço para erguer a cabeça, e é o tempo que eu necessitava para reconhecer nosso antigo caseiro. (...) Penso em lhe dar um tapa nas costas e dizer ‘há quantos anos, meu tio’, mas a intimidade soaria falsa. Meu pai entraria soltando uma gargalhada na cara do velho, passaria a mão naquele cabelo gorduroso, talvez chutasse o tamborete e dissesse ‘levanta daí, sacana!’”. Meu pai tinha talento para gritar com os empregados; xingava, botava na rua, chamava de volta, despedia de novo, e no seu enterro estavam todos lá. Eu, se disser ‘há quantos anos, meu tio’, pode ser que se ofenda, porque é outro idioma.” Cf. Chico Buarque, *Estorvo*, op. cit., p. 25.

A relação estabelecida entre as parte não é de escravidão, mas também não liberta, arrasta o passado para o presente, o deforma. Deforma, inclusive, o próprio trabalhador⁶³, que aos olhos do patrão parece nascido sabe-se lá de onde:

Sem aviso o velho dá um pulo de sapo e vai parar no centro da cozinha, apontando para mim. Usa o calção amarrado com barbante abaixo da cintura, e suas pernas cinzentas ainda são musculosas, as canelas finas; é como se ele fosse de uma raça mista que não envelhecesse por igual. Aproxima-se com molejo de jogador, mas com o tórax cavado e os braços caídos, papeira, a boca de lábios grossos aberta com três dentes, os olhos azuis já encharcados.⁶⁴

O presente deformado, por sua vez, conta com a presença de “outros”, “os de fora”, os bárbaros capazes de qualquer coisa:

O velho adivinha que pretendo passar uns tempos no sítio, e emociona-se novamente. Cai sentado na cadeira ao lado, e seus olhos voltam a se encharcar, desta vez com lágrimas azedas. Conta o velho que a mulher morreu há dois anos, que ele mesmo está muito doente, que os filhos sumiram no mundo. Tapa uma narina para assoar a outra, e conta que com ele só restaram as crianças. Que os outros, os de fora, foram chegando e dominando tudo, o celeiro, a casa de caseiro, a casa de hóspedes, e contrataram gente estranha, e derrubaram a estrebaria e comeram os cavalos. E que os outros, os de fora, só estão esperando ele morrer para tomar posse da casa, por isso ele dorme ali na despensa, e os netos espalhados na sala e pelos quartos. Conta que os patrões nunca aparecem, mas quando aparecerem vão ter um bom dum arrependimento.⁶⁵

(Por um momento somos levados a acreditar que *comer cavalos* pode ser mais violento do que viver com “um jarro d’água, uma panela com arroz e uma tigela de

⁶³ Continuum, em tempos de agora, ainda presos às categorias percebidas por Maria Sylvia de Carvalho Franco e relativas à velha civilização do café do século XIX? Ao menos pelo ponto de vista apresentado por este narrador, sim: “O outro caminho trilhado pelo homem pobre teve seu ponto de partida no caráter prescindível desse sujeito na estrutura sócio-econômica. Essa existência dispensável levou-o, em última instância, a conceber sua própria situação como imutável e fechada, na medida em que as suas necessidades mais elementares dependeram sempre das dádivas de seus superiores. Assim, em sua vida de favor, a dominação foi experimentada como uma graça e ele próprio reafirmou, ininterruptamente, a cadeia de lealdades que o prendia aos mais poderosos. Desprovida de marcas exteriores, sua sujeição foi suportada como benefício recebido com gratidão e como autoridade voluntariamente aceita, fechando-se a possibilidade de ele sequer perceber o contexto de domínio a que esteve circunscrito”. Cf. Maria Sylvia de Carvalho Franco. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1969, p. 108.

⁶⁴ Cf. Chico Buarque, *Estorvo*, op. cit., p. 25.

⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 26.

goiabada em calda”, tal qual o caseiro.)

Presente que mistura o violento sem sentido de videogame, crianças erotizadas, motos velozes, distintivos brilhantes, lama, matagal. Tudo decadência, tudo rapidez, tudo anonimato: o tipo de trabalho é diferente daquele tão humilhante (e tão íntimo) realizado pelo caseiro. Escapa aos domínios do olhar e do corpo deste narrador, pego de surpresa, sem sapato e de cuecas. Neste novo cenário, o narrador não reconhece os trabalhadores que “sobem o morro capengando” – lhes são mais estranhos do que aquele caseiro, também feitos de uma matéria física que não é a sua (“não calculo quantos sejam, pois andam em grupos e se parecem uns aos outros, todos magros e muito flácidos”). O narrador sequer reconhece a lavoura exuberante dos “arbustos de folhas tensas e agudas” que são cultivados entre as bananeiras de sua terra (“Eu me lembrava de bananeiras, não de uma lavoura assim exuberante. O bananal cobre toda a vertente posterior do vale”).

O tipo de ocupação se modificou. A exploração se tornou mais eficaz, transformando-se em novas formas de coações. Aberto nas passagens de *Estorvo*, esse panorama nos faz enxergar, em uma de suas pontas, um tipo de trabalho ligado ao mundo rural – nas páginas do livro afirmando o lado que oprime os trabalhadores, incapazes até de mostrar, entre si, horizontalmente, suas próprias formas de violência⁶⁶ – e, em outra, o tráfico, trabalho que unindo armamentos, consumo de seja lá qual for a mercadoria, velocidade e certa inteligência peculiar de guerrilha, parece ser o fim de linha numa pós-modernização do que não se formou. Sem que uma parte exclua a outra, como se sabe, o percurso é recolocado em *Leite derramado*, mas também antes, em *Benjamim*. Para que seja feito o passo a passo histórico, conforme

⁶⁶ Novamente, o passado se faz substancialmente presente: “Por tudo isso, a visão crítica da sociedade onde ele não tinha razão de ser – embora estivesse dada como possibilidade – perdeu-se na impossibilidade de querer socialmente alguma coisa. Em tais condições, o caminho do homem pobre foi, o mais das vezes, o de reafirmar sua submissão. Sua inexistência como ser social, permitiu uma única escapatória nos momentos em que as forças constritivas se faziam sentir mais duramente: a revolta de cada indivíduo, solitário em seu desafio à ordem estabelecida, entregue às suas próprias forças para afirmar-se. No máximo, a negação da ordem social e sua resistência apareciam personificadas nele próprio e em seu opositor circunstancial. Neste ponto, reaparece o sujeito de um mundo tosco, onde as relações entre homens e coisas são parcas, e onde a pessoa emerge como o ponto de referência fundamental para pensar e agir: nesse mundo, o movimento reflexivo sobre si e o movimento em direção ao semelhante condicionaram a consciência que esse sujeito podia ter do mundo em que viveu e definiram os meios e limites da transcendência possível, para ele, das situações adversas que experimentou. A mudança tentada circunscrevia-se à imediatez do momento vivido e se realizava através dos predicados pessoais e da capacidade de organizá-los agressivamente: a coragem e a violência reaparecem, com seu significado pleno, na vida do caipira”. Cf. Maria Sylvia de Carvalho Franco, *Homens livres na ordem escravocrata*, op. cit., p. 110.

sugerido, é interessante nos determos algumas passagens deste romance escrito em 1995.

A ambientação da narrativa de *Benjamim* se dá em uma cidade que supomos ser a do Rio de Janeiro, provavelmente no final dos anos 1980. Isso porque o espectro de *cidade maravilhosa* como que invade a narrativa com sua geografia, mas em negativo. Os bairros de praia trazem um magnetismo e um encantamento difusos, assim como são baratinadas as vielas apertadas do centro, dos bairro do subúrbio por onde circulam os personagens. É especialmente pela mistura entre o caos, a fluidez, o colorido e as pedras, paradas imensas, detendo o tempo, que vamos seguindo a história do protagonista. Acompanhamos Benjamim Zambraia de trás para frente. A câmera instalada dentro de sua cabeça nos apresenta os fatos a partir de seu fuzilamento (sabermos depois) por membros de um esquadrão da morte como aqueles surgidos no espaço de violência aberto no período ditatorial, especialmente entre as décadas de 1970 e 1980. O elo forte entre o Estado policial, repressivo, e o banditismo dito extraoficial, abre chão para a violência explícita, que pode explodir sem lugar e sem razão. Tudo isso aparece como pano de fundo à história de Benjamim (ex-modelo publicitário, cuja vida real parece ter ocorrido dentro das propagandas das quais participou e, agora que já não trabalha, no eco no que já foi). A narrativa conta a busca de Benjamim por Castana Beatriz (modelo, moça de família tradicional, cujo sumiço e morte deixam evidente sua participação em ações de militância contra o regime ditatorial de então) e a crença de que a paixão do passado está presentificada no corpo e nos gestos de Ariela Masé, uma corretora de imóveis que leva uma vida aparentemente banal, mas que se afunda numa violência íntima e surpreendentemente atroz. Abre-se, neste romance, prismas no qual estão encapsulados, em movimento:

a) o tempo que se cristaliza e se impõe numa rotatividade que não é linear – *o tempo das pedras* – que não seria, também, a pedra de toque daquilo que em nossa história gira e permanece, tanto em seu melhor como em suas opressões⁶⁷?

⁶⁷ “*A permanência*. Passado e futuro vivem paralisados, enrodilhados, porque se tenta mais uma volta antes do desfecho, como um avião que sobrevoasse à espera de melhores condições de pouso, ainda que em meio a fortes turbulências – ou com uma certa cadência de engano na harmonia de uma canção. Fazendo uso da passagem em que Benjamim medita sobre a ‘dimensão temporal’ da Pedra do Elefante: quando, na situação em que o sujeito se acha, ‘é possível que os momentos que acabamos de viver

Do décimo andar, frontal ao centro do abdome da Pedra, ele sabia que a iria encarar diariamente até o fim da vida. E ficou de fato conhecendo cada poro, cicatriz, verruga, toda a rugosidade daquela pele de pedra infantil, pois tratava-se de uma rocha recente, a se confiar nos geólogos. Benjamim estava certo de que, por mais que vivesse, jamais detectaria a mínima transformação na Pedra pois no relógio das pedras a longevidade humana não conta um segundo. Mas de quando em quando ele tinha a sensação de penetrar na dimensão temporal da Pedra. Poderia conviver com a montanha solitária, fosse em era anterior aos índios, fosse muitíssimo mais adiante em sua idade adulta, as faces lisas e rijas, dado que as rochas parecem remoçar com o tempo.

(...)

Benjamim não despreza a hipótese de que a razão esteja com as pedras, e que o tempo real corra ao revés do que nós convencionamos computar.⁶⁸

b) o mundo televisionado, costurado por dentro da percepção de cada um, como se fôssemos todos, já à revelia de nós mesmos e em todas as nossas ações, *ocos clones publicitários* que não recuam frente aos mais diversificados tipos de violência⁶⁹:

subitamente se apaguem na nossa consciência, e se transformem em medo, desejo, ansiedade, premonição – o que pode ser entendido como uma marca histórica de nosso tempo –, a saída é talvez ‘arbitrar, contornar, recusar ou desfrutar com intensidade dobrada’ aquilo ‘que temos por reminiscências’. Daí a ‘concentração de tempos’ [da canção ‘Valsa brasileira’, analisada um pouco antes deste trecho destacado]: a imobilidade da ‘rocha dilatada’, que serve de imagem especular ao movimento cíclico da vida (‘o ritmo do nada’, ‘uma música parada’, é formada por uma grande agitação interna (‘todos os ritmos por dentro’; ‘uma montanha em movimento’). Ao mesmo tempo, o passado que não passa determina um futuro funesto e é a segurança de que esse futuro está adiado, ao menos enquanto ele, o passado, não passar.” Cf. Walter Garcia, *Melancolias, mercadorias – Dorival Caymmi, Chico Buarque, o pregão de rua e a canção popular-comercial no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013, pp. 222-3.

⁶⁸ Cf. Chico Buarque, *Benjamim*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 53.

⁶⁹ “(...) a presença da TV no cotidiano de grande parte da população mundial veio produzindo não apenas novas formas de sociabilidade como também uma série de efeitos sobre a subjetividade contemporânea. Um dos mais graves, a meu ver, é o surgimento de uma nova forma de violência que afeta todas as modalidades do laço social: a violência do imaginário. (...) A violência do imaginário, própria dessa situação social grave que estamos vivendo, não é muito diferente do que o que a Hannah Arendt tenta conceituar como o mal absoluto. Para ela, o mal absoluto não é o mal produzido com intenções malignas, não é o mal produzido a partir da perversão de alguém, é o mal que vem da superfluidade do ser humano, da ausência de reflexão, da banalização da nossa condição humana. Arendt escreve que o vazio de pensamento é condição suficiente para se produzir alguma coisa parecida com o mal absoluto. É verdade que ela estava tentando entender o totalitarismo, o nazismo – o mal absoluto organizado, e organizado, evidentemente, por cabeças pensantes, e não essa forma caótica do mal que estamos vivendo hoje em dia e que nos assusta muito.” Cf. Maria Rita Kehl, “A violência constitutiva”. Eugênio Bucci e Maria Rita Kehl. *Videologias*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 89; pp. 91-2.

Preso ao chão, as pernas irrequietas, [*Benjamim*] impacienta-se com a própria hesitação, e é nessas conjunturas que lhe costuma voltar a sensação de estar sendo filmado. (...) Fez-se filmar durante toda a juventude, e só com o advento do primeiro cabelo branco decidiu abolir a ridícula coisa. Era tarde: a câmera criara autonomia, deu de encarapitar-se em qualquer parte para flagrar episódios medíocres, e Benjamim já teve ganas de erguer a camisa e cobrir o rosto no meio da rua, ou de investir contra o cinegrafista, à maneira dos bandidos e dos artistas principais. Hoje ele é um homem amadurecido e usa a indiferença como tática para desencorajar as filmagens.

(...)

Zorza folga a cintura e sente que o filme está chegando ao fim, por causa da música nervosa. Manuseia as cuecas enormes, de estampado tropical, com que Ariela o presenteou na semana passada porque achou cômicas. Estão suadas. A mulher fala “se você quer se matar, não me carregue junto” e o homem responde “então pula”. A mulher fala “o filho era teu, idiota” e começa a soluçar, mas Zorza vê o dorso de Ariela sacudir-se de alto a baixo e desconfia que os soluços sejam dela. Ambas gritam quando o carro explode contra um poste, ou um muro, ou uma bomba de gasolina, e após um breve silêncio ouvem-se as sirenes que se aproximam, subindo em intensidade e baixando de tom. Parece haver um corte no tempo, pois agora entra uma música muito delicada, como um piano em casa de saúde. Aliviado, Zorza tira os sapatos, mas Ariela vira-se de repente, como se fosse a atriz acidentada que saltasse da tela, o rosto intumescido e encharcado de lágrimas. E fala “terminou, Zorza, terminou tudo!”. Levanta-se, dispara pelo ateliê e parte deixando a televisão ligada e a porta aberta.⁷⁰

c) a dimensão da luta política contra o regime ditatorial especialmente acirrada no pós-1968 que, se num primeiro aceno nesta narrativa poderia aparecer frivolidade (Castana Beatriz é uma moça rica que se interessa por assuntos da moda), ou acaso, transforma-se, ganhando corpo e verdade. Luta que, mesmo em sua seriedade, absolutamente combativa, se mostra igualmente solitária, quase frágil, também ela petrificada entre futuro e passado porque destroçada pela repressão à vontade de um Estado aparelhado⁷¹:

⁷⁰ Cf. Chico Buarque, *Benjamim*, op. cit., pp. 6, 7, 8; pp. 64-5.

⁷¹ Roberto Schwarz fala do tom dado pela esquerda nos anos que antecederam e nos primeiros momentos pós-1964 (“esta anomalia – que agora pereclita, quando a ditadura decretou penas

No extremo oposto está o passado de Benjamim, onde Castana Beatriz é soberana, e o passado de Benjamim com Castana Beatriz chicoteia a esmo. Não podendo se desatrelar do futuro, resta a Benjamim o consolo de que, com Castana Beatriz, tudo é remediável.

(...)

Na época foi diferente: Castana Beatriz voltou da Índia depois de meses e, com medo do pai, passou a encontrar Benjamim em hotéis mais abafados do que o apartamento dele, a intervalos cada vez mais longos. Comparecia por insistência de Benjamim, pois tinha o ar cansado, bocejava, demorava a tirar a roupa e, sem que ninguém lhe perguntasse coisa alguma, sempre inventava uma maneira de falar do tal Professor. Metera-se num grupo de estudos com uns amigos novos, que se reuniam na casa do Professor para discutir a América Latina, e Benjamim não estava gostando nada daquela história. Castana Beatriz sempre foi péssima aluna, mal completou o ginásio, colava, fumava no banheiro, foi expulsa do colégio de freiras, só foi readmitida porque o pai era um benemérito, e a essa altura da vida queria fazer crer a Benjamim que se convertera ao universo acadêmico.

pesadíssimas para a propaganda do socialismo – é o traço mais visível do panorama cultural brasileiro entre 1964 e 1969. Assinala, além de luta, um compromisso”). Vê-se, em seu ensaio, o caminho de certa maneira representado pela personagem de Castana Beatriz, que acaba, como tantos, numa emboscada violentíssima, sem saída. Vale retomar alguns trechos para embasar as impressões literárias historicamente: “Antes de apresentá-la em seu resultados, é preciso localizar esta hegemonia e qualificá-la. O seu domínio, salvo engano, concentra-se nos grupos diretamente ligados à produção ideológica, tais como estudantes, artistas, jornalistas, parte dos sociólogos e economistas, a parte raciocinante do clero, arquitetos etc. – mas daí não sai, nem pode sair, por razões policiais.”; “Durante este breve período, em que polícia e justiça não estiveram simplesmente a serviço da propriedade (notavelmente em Pernambuco), as questões de uma cultura verdadeiramente democrática brotavam por todo canto, na mais alegre incompatibilidade com as formas e o prestígio da cultura burguesa.”; “Entretanto sobreveio o golpe, e com ele a repressão e o silêncio das primeiras semanas. Os generais, em arte, eram adeptos de uma linha mais tradicional. (...) A fase mais interessante e alegre da história brasileira recente havia se tornado matéria para reflexão.”; “Somente em fins de 1968 a situação volta a se modificar, quando é oficialmente reconhecida a existência de guerra revolucionária no Brasil. Para evitar que ela se popularize, o policialismo torna-se verdadeiramente pesado, com delação estimulada e protegida, a tortura assumindo proporções pavorosas, e a imprensa de boca fechada.”; “(...) a resistência à difusão de uma ideologia de tipo facista está na força das coisas. Por outro lado, dificilmente ela estará na consciência liberal, que teve seus momentos de vigor depois de 1964, mas agora parece quase extinta. Em 1967, por ocasião de grandes movimentações estudantis, foi trazida a São Paulo a polícia das docas. A sua brutalidade sinistra, rotineiramente aplicada aos trabalhadores, voltava-se por um momento contra os filhos da burguesia, causando espanto e revolta. Aquele violência era desconhecida na cidade e ninguém supusera que a defesa do regime necessitasse de tais especialistas. Assim também hoje. Contrafeita, a burguesia aceita a programação cultural que lhe preparam os militares”. Cf. Roberto Schwarz, “Cultura e política, 1964-1969, alguns esquemas”. In *O pai de família e outros estudos*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 70-1; p. 81, 82, 85, 86.

(...)

Aqueles, aliás, foram tempos difíceis para todos, e não havia razão para Benjamim ser poupado. No meio do trânsito, como amiúde no melhor de um filme ou devaneio, ele é arrastado pela recordação da manhã em que acordou com um estranho dentro do quarto. Era um brutamontes de colete, e trazia na mão um objeto reluzente que Benjamim custou a definir como um porta-retratos. O estranho apontou para a foto tamanho passaporte, torta e diminuta naquela moldura, de um sujeito com o rosto esburacado. Bateu no vidro do porta-retratos e perguntou “conhece?”. Benjamim conhecia de vista o amante de Castana Beatriz e sabia que, se mentisse, poderia tomar pancadas na cabeça até cair em contradição. (...) A caminho da delegacia chorou discretamente, sentado ao lado do estranho no banco traseiro de um carro particular, conduzido por um motorista de quepe; sensível, o estranho deu-lhe dois tapas no joelho e falou “pobre homem”.

(...)

Mas como cedesse de volta ao travesseiro sem exalar sopro algum, a mãe falou por ele: o doutor Campocleste quisera suplicar a Benjamim que se abstinhasse de procurar Castana Beatriz. (...) Segundo a mãe, o doutor Campocleste sabia de fonte sigilosa que os passos de Benjamim eram vigiados; as autoridades apostavam que ele, inadvertidamente, terminaria por levá-las a Castana Beatriz e seu concubino.

(...)

Partiu ligeira mas não muito, o queixo erguido, por um esboço de rua no meio do areal. (...) Viu-a parar, exibir seu perfil, descalçar-se, e quando ela percutiu uma sandália com a outra, parecia bater palmas para apressá-lo. Mas logo começou a correr com as sandálias na mão, e correndo-lhe atrás Benjamim vislumbrou um sobrado verde-musgo, camuflado entre duas amendoeiras. (...) Considerou porém que o dia estava ganho, porque aprendera o caminho e teria novas oportunidades de voltar àquele local. Bateu em retirada, e chegando à duna viu assomarem do outro lado duas cabeças, a do Barretinho e a de um indivíduo com a barba cortada rente, que no primeiro instante tomou por um mecânico. A seguir atentou para sua camisa pólo, sua barriga inchada, seu cinturão de couro, sua calça de brim e a metralhadora que trazia pendurada na mão direita.

(...)

Pelo canto do olho, Benjamim relanceou os homens que convergiam de postos esparsos para o sobrado verde-musgo. Antecipou-se ao Zilé em direção ao táxi, sentou-se no banco traseiro e fechou a janela, com medo de ouvir o início do tiroteio. (...) Em casa, Benjamim sentou-se defronte ao telefone, neste tamborete em que hoje se encontra. Assim como o fita hoje, fitou o telefone durante longo tempo, sabendo, como sabe hoje, que ele não tocaria; nem precisava tocar porque à força de ser fitado, o aparelho já trazia embutida a trágica notícia.⁷²

d) o que restou desta luta política, dos ecos recebidos pela geração seguinte àquela que a realizou – no livro, geração personificada por Ariela Masé, cuja ambição é propagada pelo alcance do sucesso ditado pela mídia (o amor romântico que traga prestígio; o *drink* no meio da tarde; o apartamento à beira-mar), mas a todo momento jogada na realidade que roda sem eixo. (A cidade caótica que se prolifera, os discursos políticos berrados em trios-elétricos, cercados por multidões, balões, mendigos e dançarinas tingidas de louro.)

É pelos clarões do céu que Ariela se dá conta de que já é noite: o itinerário fortuito depositou-a no centro da cidade. Numa bifurcação, opta pela rua mais iluminada, sem saber que vai enfrentar, de pernas nuas, uma sequência de casa de shows eróticos. Bêbados, turistas, pais de família, corretores de automóveis, porteiros de inferninho fazem-lhe propostas; a roupa escolhida para um dia de sol tornou-se noturnamente adequada, como se ela vestisse aquela mesma saia às avessas. Na calçada oposta, Ariela admira a fachada da igreja barroca, quase celestial com os reflexos do neon azul e lilás em pisca-pisca. (...) o caminho de Ariela está entulhado pelo povo que se reúne ao redor de um palanque, onde se exibem uma banda de música e dançarinas louras de botinas brancas e minissaias mais curtas que a sua. (...) Compra um merengue na padaria, vai fuçar a banca de jornal, decide-se por um exemplar de *Palco e Tela* e embarca no 884 que está de partida.

(...)

À beira do chafariz, onde crianças peladas tomam banho, despe o paletó e atira-o para o alto. O paletó sobrevoa o repuxo, abre-se feito um paraquedas e despeja uma chuva de dinheiro. Mendigos acorcondados surgem por detrás das árvores, mas as crianças

⁷² Idem, *ibidem*, p. 54; 55-6; 78-9; 133; 138; 139.

agadanham as notas no ar como quem caça moscas. Abordado por mendigos, Benjamim entra no chafariz e cruza-o com a água pelas canelas. Mas novos mendigos já o aguardam na outra margem, agitando farrapos do seu paletó, e o cortejo só faz engrossar-se até a entrada do seu edifício.

(...)

Dispõe-se a atravessar a rua em direção ao edifício, quando repara nuns tipos que povoam os degraus da portaria. Vê gente dormindo, um cachorro, gente comendo arroz com as mãos, vê uma velha de seios chocos e saia de escocês, sentada com as pernas abertas. Ariela desvia-se, estreita a bolsa contra o peito e procura acercar-se de uns cidadãos eretos que fumam e leem jornais sobre um abrigo de amianto.⁷³

O que resta na busca de sentido para a vida vazia, sem saída, comprimida pela soberania das pedras, pela velocidade da mercadoria ⁷⁴? Os encontros são fortuitos, nos intervalos dos trabalhos cansativos. E os trabalhos, por sua vez, fundados tanto na exploração histórica como no leito de uma violência estapafúrdia, usada à revelia. Portas contemporâneas abertas pelas milícias, pelos esquadrões da morte surgidos no período da ditadura, pelo tráfico, pelo Estado militarizado que, nada empedernido,

⁷³ Idem, ibidem, p. 66, 90, 129.

⁷⁴ Em 1977 Lygia Fagundes Telles descreve uma Pomba Enamorada (“de pernas bambas abriu-lhe os braços e o sorriso. Sorriso meio de lado, para esconder a falha do canino esquerdo que prometeu a si mesma arrumar no dentista do Rôni, o Doutor Elcio, isso se subisse de ajudante para cabeleireira”) que se salva do amor desenganado pelo “vira-folha” Antenor (mecânico, manobrista, motorista de ônibus) jogando-se nos braços do honesto e prestativo taxista Gilvan (“Gilvan, Gilvan, você foi a minha salvação, ela soluçou na noite de núpcias enquanto fechava os olhos para se lembrar melhor daquela noite em que apertou o braço de Antenor debaixo do guarda-chuva”). Ariela não tem a mesma sorte com o seu Jeovan. Ambas moças de subúrbio, a princípio têm o mesmo horizonte, refeito pelos modismos mais ou menos atuais a cada uma: viver o colorido das fotonovelas (Pomba Enamorada segue *Vidas Secretas*; e não é com *Palco e Tela* que Ariela ainda se distraí?). Se Ariela, porém, recém-chegada do interior, cai nas graças do cabo Jeovan durante um passeio na praia (“No mês seguinte Jeovan juntou os amigos numa churrascaria para festejar o aniversário de Ariela. Perto da meia-noite jogava-se o jogo da verdade, e um detetive defronte dela deitou na mesa uma garrafa de cerveja: girou-a, e o gargalo apontou para Ariela, que foi intimada a revelar o segredo de sua vida. Ariela olhou Jeovan no mesmo ato, mas que ela gostava dele não era segredo para ninguém”), e tudo parece seguir nos mesmos moldes acanhados (feitos para acharmos patéticos? feitos para olharmos com condescendência para a *gente humilde*?) de Pomba Enamorada, a violência é íntima e atroz, como dissemos: Jeovan, entrevado após um tiro na espinha, deixa Ariela como prisioneira, sendo vigiada no trabalho medíocre de corretora de imóveis no qual, constantemente, é abusada sexualmente (. Caso se saiba, porém, que algum cliente tomou alguma liberdade, é posteriormente morto por amigos policiais de Jeovan: “No final daquela tarde Ariela subiu com o cliente a um apartamento de segundo andar numa rua silenciosa. Passados cinco minutos, ouviu os motores e as pancadas de portas de automóveis em frente ao prédio. E passados outros cinco, aprendeu que, para os amigos de Jeovan, homem que se deitasse com Ariela era bandido”. No hoje, a violência expandiu-se para dentro, para fora da “casa modesta mas limpa, com sua televisão a cores, seu canário e seu cachorrinho chamado Perereca”. Cf. Lygia Fagundes Telles, “Pomba enamorada ou uma história de amor”. In *Seminário dos ratos*. 1ª ed. revista pela autora, São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 82; p. 85. Cf. Chico Buarque, *Benjamim*, op. cit., p. 153.

coloca em movimento a violência.

Por parte da crítica feita no calor da hora *Benjamim* foi considerado poético (“o escritor Chico Buarque encontra o compositor Chico Buarque pela via do lirismo, e o resultado não é só alta literatura, mas também uma poesia dolorosa, uma quase-música que embala e comove”; “livro surpreendente, onde as palavras são manipuladas para construir imagens perfeitas que poderiam estar numa das letras do autor”⁷⁵). Vale pensar por onde escapa a poesia quando o cerne do livro – não à toa, bruto como pedra – está justamente no percurso que se faz, numa conjunção aparentemente absurda de passado e presente, entre: a violência da permanência de práticas da ditadura militar; a violência das ruas da cidade; a relação fantasma entre pares; a violência enclausurada no âmago das relações de trabalho que tanto são costuradas por aquela violência, ampla, policial, como por outra, íntima, subjetiva, que procura nas promessas da mídia algum quinhão da falsa felicidade. Não por acaso, repetimos tanto a palavra violência – não há sinônimos para substituí-la.

De *Estorvo*, passando por *Benjamim*, chegando a *Leite derramado*, há um percurso vivo das relações sociais de nossa contemporaneidade brasileira – e, portanto, a atualização daquilo que “não tomou forma” percebido por Caio Prado Jr. ao analisar seu contemporâneo (elo iniciado na página 27 deste texto, e que nos trouxe até aqui).

Observando atentamente aqueles (quantos sujeitos autômatos?) que trabalham nas mais imprevisíveis empreitadas para sobreviver, levando para a vida não só um trabalho alienado, mas, como vimos, um trabalho alienado que propaga a violência, ao construir um personagem como Eulálio, Chico Buarque nos mostra como, em sua verborragia, o narrador de *Leite derramado* nos fala da formação do nacional de outro ponto de vista. O ponto de vista dos *vencedores*. Nação, para gente como Eulálio, é

⁷⁵ Cf., respectivamente, José Geraldo Couto, *Folha de S.Paulo*; Nayse Lopez, *Jornal do Brasil*. Juliane Vargas Welter lança hipóteses bem mais emaranhadas e interessantes sobre o livro: “(...) o que temos em *Benjamim* é a realização dos comentários críticos de Schwarz na figura do protagonista atormentado pelo seu passado e não menos atônito. Porém, essa não compreensão é agora mediada pela terceira pessoa e não fica menor, pois o artifício narrativo aponta para um personagem que não teria condições de narrar a própria história.” Cf. Juliane Vargas Welter, “Onde andarão Castana, Matilde, Sergio, Domingos, Ariosto...? Os desaparecidos como princípio formal dos romances de Chico Buarque.” In *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 66, abr. 2017, p. 79.

traduzida em acúmulo de posses. Assim, ao se sentir à vontade para relembrar seu poderio e para com ele montar uma genealogia da violência, como veremos no trecho a seguir, um personagem como Eulálio evidencia que a formação desse nosso nacional aconteceu entre a acumulação concentrada de grupos da elite política e econômica e sucessivas opressões aos pobres, “bando de bárbaros” que, uma vez domesticados, precisam ser gratos por poderem servir – *servir bem, para servir sempre*⁷⁶.

Os sucessivos Eulálios (do narrador moribundo ao tetravô general, por sua vez filho de dom Eulálio) vão aprendendo que o bom uso da força sempre justifica a violência; que força e inteligência podem conviver com erudição (o chicote guardado na biblioteca, atrás da enciclopédia); que benfeitoria e proteção aos pobres são concessões, mas não são de graça:

Saibam vocês que papai tem um chicote guardado ali na biblioteca, atrás da enciclopédia Larousse. Ele um dia me exibiu a peça, a correia trançada de couro de antílope, a flor-de-lis no cabo. É um chicote fora de uso, uma relíquia familiar que ele herdou do pai, meu avô Eulálio. Mas assim que voltar da Europa, se ouvir falar que deram na cabeça do filho, vai distribuir chibatadas às cegas por aí. Vai açoitá-los todos, não importa se homem ou mulher, vai soltar o azorrague em vocês como meu avô no velho Balbino. O Balbino nem era mais escravo, mas dizem que todo dia tirava a roupa e se abraçava num tronco de figueira, por necessidade de apanhar no lombo. E vovô batia de chapa, sem malícia na mão, batia mais pelo estalo que pelo suplício. Se quisesse lanhar, imitaria seu pai, que quando pegava negro fujão, açoitava com grande estilo. O golpe mal estalavam era um assobio no ar o que se ouvia, meu bisavô Eulálio apenas riscava a carne do malandro com a ponta da correia, mas o vergão ficava para sempre. Pegara a manha com seu pai, que veio de além-mar com a frota da corte portuguesa, e quando não estava prestando ouvidos à rainha louca, subia ao convés para dar lições a marujo indolente. Mas isso talvez meu trisavô Eulálio tenha inventado para fazer jus ao chicote que seu pai, o célebre general Assumpção, brandiu em campanha ao lado dos castelhanos contra a França de Robespierre. Para encurtar o conto, esse meu tetravô general era filho de dom

⁷⁶ “Em suma, a vida honesta e independente não está ao alcance do pobre, que aos olhos dos abastados é presunçoso quando a procura, e desprezível quando desiste, uma fórmula, aliás, do abjeto humor de classe praticado por Brás e exposto por Machado de Assis.” Cf. Roberto Schwarz, “A sorte dos pobres”. In *Um mestre na periferia do capitalismo*. 1ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1990, p. 101. (E que, sem forçar a nota e propositalmente, Chico Buarque coloca, por sua vez, na voz de seu narrador.)

Eulálio, próspero comerciante da cidade do Porto, que comprou o chicote em Florença com o intuito de fustigar jesuítas. De sorte que, pensando melhor, papai não gastaria seu chicote histórico com um bando de cascas-grossas. Papai vai simplesmente pô-los no olho da rua, e esse será o pior flagelo para vocês, que emprego igual não hão de encontrar em lugar nenhum. Não falo só pelo salário em dia, pela casa dos fundos onde vocês se embriagam e se masturbam, pelas provisões de boca que vocês devoram, ou pela folga quinzenal e a gratificação natalina. Falo também pelo trato pessoal que mamãe lhes concede, os pequenos furtos que ela releva, as roupas que lhes doa ainda em bom estado. Ela faz questão de que vão todos bem vestidos à missa, e a cozinheira, que era dada à macumba, fez exorcizar na igreja da Candelária. Foram todos vacinados, exame médico só a minha babá não fez, achou uma pouca-vergonha.⁷⁷

Neste presente infinito que atualiza o passado violento, e não apenas na ficção, os pobres foram integrados de modos perversamente inventivos ao sistema econômico⁷⁸; no quarto de hospital de *Leite derramado*, todos ao redor da cama de Eulálio parecem os mesmos sob o ponto de vista do narrador. Sofrendo igual, berrando igual. Ao redor da cama estão unidos no que já se deformou. No momento em que não espera nada além do que a mesma e eterna ladainha agônica. Ao lado de tantos desvalidos, Eulálio é, sem dúvida, mais um. Na narrativa, porém, não apenas o discurso do narrador, mas aquilo que seu olhar não alcança, parece diferenciá-lo dos demais.

“Uma única fazenda de gado leiteiro me bastaria para tocar a vida”, insiste o narrador de *Leite derramado*. Bastaria. É certo que muito mudou no andar histórico da carruagem. Prova disso, conforme apontamos, é o lugar de onde o narrador fala no presente – o fétido hospital público –, e também o que aconteceu com a respeitável e

⁷⁷ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., pp. 102-3.

⁷⁸ “Entre 2004 e 2008, segundo dados da Pastoral do Migrante de Guariba, houve 21 mortes de cortadores de cana nas usinas da região, grande parte atribuída a paradas cardiorrespiratórias. Segundo a entidade, esses migrantes representam 80% da força de trabalho no corte da cana. Cerca de 70 mil pessoas, só na região de Ribeirão Preto. Na primeira década deste século, as mortes desses trabalhadores por exaustão, devido às condições insalubres nos canaviais, foram objeto de denúncia da Pastoral de Guariba junto ao Ministério Público Federal. (...) Nessa conjunção, de corte mecanizado e corte manual, o trabalhador fica com a pior área, onde a máquina não entra e nem dá para queimar, segundo Vera [Navarro, do Departamento de Psicologia e Educação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP)]. ‘Alta tecnologia para a produção e, para o trabalhador, relações arcaicas e precárias.’” Cf. “Condições de trabalho nas plantações de cana-de-açúcar ainda prejudicam trabalhadores”. Rosemeire Soares Talamone, do Serviço de Comunicação Social da Coordenadoria do Campus de Ribeirão Preto/USP, publicado em 8/7/2010 pela ONG Repórter Brasil. Disponível em www.reporterbrasil.org.br, último acesso em 12/10/2017.

nobre linhagem de sua família na geografia da cidade:

Eulálio Montenegro d'Assumpção, 16 de junho de 1907, viúvo. Pai, Eulálio Ribas d'Assumpção, como aquela rua atrás da estação do metrô. Se bem que durante dois anos ele foi uma praça arborizada no centro da cidade, depois os liberais tomaram o poder e trocaram seu nome pelo de um caudilho gaúcho. A senhora já deve ter lido que em 1930 os gaúchos invadiram a capital, amarraram seus cavalos no obelisco e jogaram nossas tradições no lixo. Tempos mais tarde um prefeito esclarecido reabilitou meu pai, dando seu nome a um túnel. Mas vieram os militares e destituíram papai pela segunda vez, rebatizaram o túnel com o nome de um tenente que perdeu a perna. Enfim, com o advento da democracia, um vereador ecologista não sei por que cargas-d'água conferiu a meu pai aquela rua sem saída. Meu avô também é uma travessa, lá para os lados das docas.⁷⁹

O deslocamento do narrador no hospital parece semelhante ao traçado que coube à sua família nas ruas da cidade: do quarto na enfermaria para um canto no pronto-socorro e, no fim, o que lhe resta é a disputa por um espaço no corredor:

No início me revoltei contra os maqueiros por me largarem assim no corredor, na certa estavam em greve outra vez. Mas com os dias me convenci de que no meio deste trânsito não fico pior que na enfermaria, onde a televisão vivia ligada no futebol, eu não conseguia me concentrar nos meus assuntos. O ambiente ainda se degradava à medida que recebíamos os excedentes do pronto-socorro, pacientes com o rosto desfeito, queimaduras, perna amputada, bala na cabeça.⁸⁰

É notável, em primeiro lugar, como no tempo presente da narrativa a voz de Eulálio coloca o declínio de hoje e o poder de outrora em oposição. Mas não é só: também os mistura em sua ladainha e, se por vezes revela o dono da voz na mais consistente degradação (“espero mesmo que nunca tenha entrado em elevadores fedorentos, nem visto essas baratas subindo pelas paredes, nem provado a gororoba de um hospital igual a este”⁸¹), por outras o mostra como magnânimo. Como vimos, grande parte da tentativa de Eulálio em se manter superior se realiza no fato de seu discurso (tanto quando é de nobres lembranças, como quando é de vulgares sensações cotidianas) desconsiderar os que estão ao seu lado. Eles pairam entre o passado

⁷⁹ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 77.

⁸⁰ Idem, *ibidem*, pp. 183-4.

⁸¹ Idem, *ibidem*, p. 27.

glorioso e o desconforto do dia a dia do narrador e criam, tal como o mando que não se completa, outro tipo de matéria que não se resolve no discurso de Eulálio. O herdeiro acostumado a ter o Brasil nas mãos tenta levar adiante o prestígio de uma classe⁸², valorizando as posses de outrora e não a cama pestilenta em que, no presente narrativo, jaz moribundo. Transformado em homem sem nome e sem sobrenome, mas que possui casarões ao vento, Eulálio sobrepõe memórias de uma classe ao cotidiano encardido. Justamente a sobreposição entre o que Eulálio escolhe contar do passado e o que deixa escapar do presente que faz com que seu delírio de moribundo vá além do próprio personagem⁸³. Para entender a problemática contemporaneidade do discurso de Eulálio é preciso, portanto, sobrepor os dois lados de sua fala. É justamente tal dimensão conjunta de passado e presente, em que ambos se entrelaçam e se interpenetram, que cria um cenário coeso na narrativa, ao menos para olhos brasileiros⁸⁴. Cenário este que ganha ainda mais profundidade histórica quando, nesse

⁸² A importância dada a ser representante de uma elite, e carregar tal trunfo, aparece já no Brasil Colônia na figura dos senhores de engenho, misturando poder econômico e influência social. Sem lastros nobres, já que, mesmo constituindo uma classe detentora da riqueza e do poder, os senhores de engenho não possuíam títulos de nobreza – em alguns casos vendidos pela Coroa portuguesa, mas sem passar de pai para filho – *ser* senhor de engenho garantia, assim mesmo, prestígio social. Prestígio social que ia além da própria atividade econômica, que muitas vezes trazia mais dívidas que lucros. A posição de classe é definida pelo Padre Antonil em *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas* da seguinte maneira: “O ser senhor de engenho é título a que muitos aspiram porque traz consigo o ser servido e respeitado por muitos. (...) bem se pode estimar no Brasil o ser senhor de engenho, quando proporcionadamente se estimam os títulos entre os fidalgos do Reino”.

⁸³ Para definir tal sobreposição me valho da descrição da conservação da memória no psíquico que Sigmund Freud faz em “O mal-estar na civilização”: “Os historiadores ensinam que a mais antiga Roma foi a *Roma quadrata*, um povoamento rodeado de cerca no monte Palatino. (...) Não acompanharemos mais as mudanças sofridas pela cidade. Perguntemo-nos agora o que um visitante da Roma atual, munido dos mais completos conhecimentos históricos e topográficos, ainda encontraria desses velhos estágios. (...) Das construções que um dia ocuparam essa moldura ele achará, quando muito, vestígios, pois elas não mais existem. (...) Nesses lugares há ruínas atualmente, não das construções mesmas, porém, e sim de restaurações de épocas posteriores, feitas após incêndios e destruições. Não é preciso dizer que esses resíduos todos da antiga Roma se acham dispersos no emaranhado de uma metrópole surgida nos últimos séculos, a partir da Renascença. Seguramente, ainda muita coisa antiga se acha enterrada no solo da cidade ou sob as construções modernas. É assim que para nós se preserva o passado, em sítios históricos como Roma”. Cf. Sigmund Freud, “O mal-estar na civilização”, trad. Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics/ Companhia das Letras, 2011, pp. 12-3.

⁸⁴ Em *A forma difícil: ensaios sobre arte brasileira*, Rodrigo Naves alerta, como princípio, para a importância de se reconhecer as particularidades do olhar brasileiro, exposto no modo de composição de alguns de nossos artistas plásticos, para que se entenda como a forma de tais obras interpretam a sociedade e nela se colocam. O crítico faz alusões específicas ao universo da crítica das artes plásticas, mas creio que seus juízos são extremamente valiosos para entender como, de maneira mais ampla, a sociedade brasileira é toda composta por situações a princípio desconexas – sendo, na verdade, que é a partir delas que estabelece regras e rumos. Os dois mundos sobrepostos de Eulálio, que desembocam em um cotidiano contemporâneo violento e incerto, sem sentido, mas por onde se segue, seria um bom exemplo. “Algo significativamente diverso ocorre com a arte brasileira. Grande parte dos trabalhos realizados entre nós incorpora sem dúvida as mudanças modernas, mas com um viés todo particular. As obras se veem envolvidas numa morosidade perceptiva que reduz a força de seu aparecimento.

tempo presente em que fala, o narrador encontra-se não apenas jogado no canto de um hospital decrepito, mas preso a uma cama, tendo como única potência – chama de um antigo poder – sua força narrativa. Este narrador de *Leite derramado*, portanto, se julga poderoso, mas não nega seu fim de vida: está, desde o início do romance, preso a uma cama de hospital, fato que, conforme exposto, é imediatamente oferecido ao leitor. E é imóvel nesta cama de hospital que vocifera seus feitos e suas memórias. São resquícios de um outrora orgulhoso *rentier* que agora decai para dono de propriedades de areia, permanecendo entre a sombra do que fora e a representação do que é: um homem miserável e esquecido, como tantos largados em leitos públicos.

A certeza de Eulálio possuir cartões de visita para conseguir o que quer, empurrar a porta certa, permanentemente encostada – ou distribuir, suavemente, alguns favores para que ela se abra – já não parece fazer mais sentido:

Já eu sabia que as portas estavam apenas encostadas, meu pai passara por elas outras vezes. Por ser um jovem inexperiente, como o francês pela aparência me julgava, talvez amanhã eu me visse eventualmente perdido num labirinto com setecentas portas. Mas eu não tinha dúvida de que, para mim, a porta certa se abriria sozinha. De trás dela, me chamaria pelo nome justamente a pessoa que eu procurava. E esta me anunciaria com presteza à pessoa influente, que desceria as escadas para me buscar. E abriria seu gabinete, onde já me aguardariam várias chamadas telefônicas. E pelo telefone, poderosas pessoas me soprariam as palavras que desejavam ouvir. E de olhos fechados, eu molharia as mãos que meu pai molhava. (...) Meu nome é Eulálio d'Assumpção, não por outro motivo a Le Creusot & Cie. me confirmou com seu representante no país.⁸⁵

Sem o efetivo poder que vem do mando, o que resta a Eulálio é perceber que

Cores, formas, linhas têm uma certa autonomia e já não precisam se ocultar por entre os seres que figuram. No entanto essa independência conduz quase sempre a um jogo peculiar, em que faturas, formas e dimensões parecem se ocupar consigo mesmas, adiando indeterminadamente sua definição visual. (...) A afirmação de cores e formas reside em suspender renovadamente sua atualidade. Ou então, como nas melhores obras de Tarsila, em comprometer seu tonalismo sutil com a constituição de imagens estranhas e primordiais, unindo gênese a formas arquetípicas, nacionalmente arquetípicas. As cores leves da infância precisam dar corpo a seres ímpares que simbolizem a origem diferenciada de nossa cultura. A ingenuidade das folhas de papel celofane, a singeleza dos tons caipiras tingem de doçura esses bichos arredios: ovos, cobras, corpos desmedidos, vegetações substancializadas. O que faz nossa particularidade tem traços absolutamente esquisitos. E no entanto eles estão prontos a vir comer em nossa mão, tão logo solicitados. Porque somos igualmente estranhos, sabemos tratar familiarmente mesmo esses ovos metafísicos, plenos e portáteis”. Cf. *A forma difícil: ensaios sobre arte brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

⁸⁵ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., pp. 43-4.

tal porta que permanecia sempre aberta vai se fechando. A partir disso, para entender a dimensão conjunta entre passado e presente na narrativa, é interessante um parêntese que aprofunde a perspectiva crítica. Os cartões de visita apresentados por Eulálio, quando funcionam, no áureo passado do narrador, são bem diferentes do que os cartões exigidos hoje (e justamente) para aqueles que o narrador teima em não enxergar. Na grande, enorme, massa de invisíveis, há os que buscam reconhecimento pelo próprio trabalho – o que quer dizer sobrevivência, voz, valor⁸⁶. Se ora são cruelmente, ostensivamente humilhados em fins de mundo sem saída⁸⁷, vez por outra ainda são tolerados ao apresentarem seus cartões de visita. Diferentemente daqueles sacados por Eulálio, esses são de *recomendação*.

Interessante que tal situação apareça, de modo intrincado, na canção “Cartão de visita”, de Criolo⁸⁸. Na entonação da letra, cercada por efeitos sonoros, assim como na performance do rapper, fica latente (ao lado da crítica) a vontade de pertencer, numa *pura curtição*, a esse *grand monde*⁸⁹. O protagonista da canção está prensado entre o sonho de possuir (“quem não quer ser feliz?”) e a realidade de estar

⁸⁶ “A luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde de vista, é a luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais.” Cf. Walter Benjamin, “Sobre o conceito da História”, trad. Sergio Paulo Rouanet, 1ª ed., 14ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 2011, p. 223.

⁸⁷ “Fábio Rodrigues Sousa tem dificuldade de pagar 70 reais mensais pelo quarto onde mora na zona rural de Buriticupu, interior do Maranhão. O jovem de 21 anos também não consegue ajudar a filha de três anos, que mora com a ex-mulher. Para sair dessa situação, sua maior esperança era trabalhar na obra de duplicação da ferrovia que passa ao lado da sua casa. Ali, na estrada de ferro Carajás, a Vale está investindo no aumento da capacidade dos trilhos que levam o minério da maior mina a céu aberto do mundo, no interior do Pará, aos portos no Maranhão. Embora seja vizinho da obra, Fábio foi cortado da rota de investimentos da multinacional. No ano passado, Fábio chegou a trabalhar quatro meses na construtora Camargo Correa, a terceirizada responsável pela duplicação. Mas perdeu a vaga de mil e duzentos reais mensais ‘sem saber por que’. Em busca de um novo emprego, ele travava a estrada que dá acesso à obra no dia 12 de junho deste ano junto a cerca de trinta pessoas de sua comunidade. O grupo manifestava uma reivindicação comum à região: a demanda por trabalho na obra que tem impacto direto sobre suas vidas. Em resposta, ao invés de emprego, foram reprimidos pela Polícia Militar e processados pela Vale. (...) Fábio e José [*também agredidos pela Polícia*] agora têm vergonha de andar na vila Pindaré, o povoado de cerca de quatro mil habitantes onde nasceram. Dois meses depois do incidente, Fábio continua desempregado. Já José trabalha numa fazenda a duas horas de distância dali. ‘Lá onde eu fico é mais arriscado, tem onça, um bocado de coisa, mas eu me sinto mais seguro’, conta Fábio. Eles contam que fazer um boletim de ocorrência estava fora de cogitação. Agora, eles temem a volta dos policiais, já que reagir não é uma opção onde eles moram, há quase quarenta quilômetros do centro urbano mais próximo, em Buriticupu.” Cf. “Quer trabalhar na Vale? Cuidado com a Polícia Militar”. Piero Locatelli, publicado em 9/9/2015 pela ONG Repórter Brasil. Disponível em www.reporterbrasil.org.br, último acesso em 13/10/2017.

⁸⁸ Cf. Criolo, *Convoque seu Buda*, 2014.

⁸⁹ Cf. “Cartão de visita”, Criolo, *Convoque seu Buda*. Disponível em www.youtube.com/watch?v=7DX4KWYU09U, último acesso em 15/10/2017. E também a performance de Criolo e Tulipa Ruiz no show de lançamento de *Convoque seu Buda*, no Sesc Vila Mariana, São Paulo. Disponível em www.youtube.com/watch?v=vleT8QMcwCg, último acesso em 13/12/2017.

no mesmo plano de uma imensa gama de produtos (“carros importados garantindo o translado/ Blindados, seguranças fardados/ De terno Armani, Loubotin sapatos/ Temos de galão Dom Pérignon/ Veuve Clicquot pra lavar suas mãos”). Artista que canta, indivíduo que voa alto para garantir sua chance de ser visto (“a alma flutua, leite a criança quer beber”). Remoto e improvável desejo de quem, no cartão de visita, apresenta-se como um trabalhador do buffet, não mais ao lado de MCs “portando VIP” ou blogueiras “de fina estirpe”. “Era tudo mentira, sonhei pra valer” – o trabalhador está mais próximo dos meninos no farol que se “humilha e detesta”, da “gente indigesta”, dos invisíveis que, mesmo assim, pagam a conta (“e se eu não existo, por que cobras de mim?”) ⁹⁰.

No tempo atual em que se passa *Leite derramado*, porém, para que Eulálio abra a porta novamente, são necessárias habilidades por ele pouco desenvolvidas – nem cartões de visita, muito menos de recomendação. Não bastam ordens jogadas ao vento, como também, não sejamos ingênuos, não bastariam tradições, amor ou religiosidade. Aqui vale a lembrança do ensaio “Leituras em competição”, de Roberto Schwarz. Ao falar do tipo de leitor ao qual a crônica “O punhal de Martinha”, de Machado de Assis, se dirigiu ao ser publicada, as observações do crítico podem dizer

⁹⁰ Se obras artísticas e realidade se espelham, fora de “Cartão de visita” e de *Leite derramado* Criolo e Chico, tal qual analisa Walter Garcia, cumprimentaram-se como membros de clubes que deveriam lidar com uma matéria comum – as experiências lírica e política que podem estar contidas nos raps e nas canções. Segundo Garcia, “[Em *Criolo Doido – Cálice*] As estrofes de Criolo desembocam no refrão, o que significa dizer que o relato e a crítica desembocam na prece. (...) Na primeira estrofe e no refrão de Criolo [o refrão, a saber: ‘Afasta de mim a biqueira, Pai/ Afasta de mim as biate, Pai/ Afasta de mim a cocaine, Pai/ Pois na quebrada escorre sangue, Pai’], são empregadas gírias, e assim a crônica se forma com a linguagem oral dos lugares e dos confrontos narrados (...) *Criolo Doido – Cálice* não deixa de assinalar um momento em que o rap legitimou a MPB como matéria-prima das culturas das periferias. Nessa perspectiva, o vídeo não deixa de ser uma homenagem de Criolo a Milton e a Chico. Foi a isso que Chico Buarque respondeu com ‘Rap de Cálice’, composição que incluiu na sua turnê de 2011 e no DVD que dela resultou (BUARQUE, 2012): ‘Gosto de ouvir o rap, o rap da rapaziada/ Um dia vi uma parada assim no YouTube/ E disse: ‘Que os pariu, parece o ‘Cálice’/ Aquela cantiga antiga minha e do Gil’/ Era como se o camarada me dissesse: ‘Bem-vindo ao clube, Chicão, bem-vindo ao clube’/ Valeu, Criolo Doido, evoé, jovem artista/ Palmas pro refrão doido do rapper paulista’. Interessante que ‘o rap da rapaziada’ seja referido a um clube, ou seja, a uma associação que não está aberta a qualquer um. (...) Trata-se de uma situação nova para um dos principais artistas da chamada MPB, Música Popular Brasileira: Chico Buarque reconhece que precisou ser aceito em um lugar social que não é o dele, um lugar social onde se produz canções com alta elaboração estética. Por outro lado, jogando no seu próprio campo, Chico elegantemente retribui a homenagem, cita a sua composição ‘Paratodos’ (BUARQUE, 1993) e legitima Criolo. Assim, a resposta de Chico Buarque constrói uma via de mão dupla. (...) O que ‘Rap de Cálice’ deixa de lado, porém, é a crônica da ditadura e da repressão atuais. A isso ou, em outras palavras, ao tema de *Criolo Doido – Cálice*, a composição de Chico não responde. No show da MPB, os versos de Criolo nem sintetizam sofrimento nem relatam ou criticam o cotidiano das periferias urbanas: os versos do ‘refrão doido’ (repare-se no ótimo artesanato de Chico) são as ótimas referências de um ‘jovem artista’.” Cf. Walter Garcia. Notas sobre “Cálice” (2010, 1973, 1978, 2011). In *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 2, v. 2, p. 110-50, jan.-jun. 2014.

muito, também, sobre qual tipo de elite Eulálio representa atualmente, não apenas no Brasil, mas no mundo contemporâneo:

O frequentador carioca de Tito Lívio, que zomba dos compatriotas desfavorecidos e no íntimo se ofende com o destino que lhes cabe, à margem do mundo, não é menos pitoresco do que Martinha. Mas não se pode dizer que seja uma figura localista, pois os seus ressentimentos derivam claramente da história contemporânea em sentido amplo, a qual expressam e cujo quadro de desigualdades e humilhações internacionais não diz respeito só aos brasileiros, mas a todo mundo – embora de maneiras diferentes.⁹¹

Vale, também, a lembrança de outro trecho do mesmo ensaio que elucida o novo cenário no qual os mandos de Eulálio são jogados ao vento:

Por baixo da engrenagem retórica, lógica e estética do particular e do universal, pressionando-a e dando-lhe verdade, como um imenso subentendido, há a luta de classes, luta entre nações, patamares desiguais de acumulação cultural, além de luta artística e crítica.⁹²

Neste sentido, é preciso também levar em consideração que Eulálio, enquanto moribundo, é narrador de um país em que então se instaurou, com a primeira eleição de Lula, utilizando o termo de Francisco de Oliveira, uma “hegemonia às avessas”. Lugar em que “se despolitiza a questão da pobreza e da desigualdade” e, dando mais força ao capital, muda-se o modo de governança:

Trata-se de um fenômeno novo, que está a exigir novas reflexões. Ele não é nada parecido com qualquer das práticas de dominação exercidas ao longo da existência do Brasil. Suponho, também, que ela não se parece com o que o Ocidente conheceu como política e dominação. Não é o patrimonialismo, pois o que os administradores dos fundos de pensão estatais gerem é capital-dinheiro. Não é o patriarcalismo brasileiro de *Casa-grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, porque não é nenhum patriarca quem exerce o mando, nem a economia é “doméstica” (no sentido do *domus* romano), embora na cultura brasileira o chefe político possa se confundir, às vezes,

⁹¹ Cf. Roberto Schwarz, “Leituras em competição”. In *Martinha versus Lucrecia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, pp. 41-2.

⁹² Idem, *ibidem*, p. 42.

com o “pai” – Getúlio Vargas foi apelidado de pai dos pobres e Lula pensa tomar-lhe o lugar; mas o que ele gere, com sua classe, é capital. Não é populismo, como sugere a crítica da direita, e mesmo de alguns setores da esquerda, porque o populismo foi uma forma autoritária de dominação na transição da economia agrária para a urbano-industrial. E o populismo foi – de forma autoritária, enfatize-se – a inclusão *sui generis* da nova classe operária, desbalanceando a velha estrutura de poder no Brasil, deslocando fortemente os latifundiários da base da dominação. Nada disso está presente na nova dominação.⁹³

Roberto Schwarz repõe, em nossos dias, a sátira machadiana àqueles que, à margem de tudo, zombam dos próprios compatriotas; Francisco de Oliveira expõe o que esteve em jogo na reeleição de Lula (“o ceticismo é geral quanto ao segundo mandato. Ninguém, à direita e à esquerda, espera grandes alterações nas políticas governamentais. Lula parece uma barata tonta, clamando por soluções para, conforme diz, ‘destravar’ o desenvolvimento. Afora a continuidade do Bolsa-Família, e a manutenção do conservadorismo na política econômica, o presidente parece ter perdido inteiramente o rumo. O desnorteio mostra uma das consequências de sua vitória, nas proporções em que ocorreu: Lula não tem objetivos porque não tem inimigos de classe”⁹⁴).

Passados nove anos da publicação de *Leite derramado*, passado o segundo mandato de Lula e realizado o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, atores conservadores do jogo político revelaram, sem peias, seu autoritarismo e violência latentes. Se o ceticismo continua geral, seguindo a análise de Francisco de Oliveira, é certo, no agora, que a direita conseguiu, a golpeadas poderosas e à luz do dia, grandes alterações na política governamental, rebaixando ganhos e direitos adquiridos – e provou-se que Lula tem inimigos de classe. O lugar do narrador de *Leite derramado* não mudou de 2009 para cá. Embora possa parecer contraditório, a força do discurso de Eulálio ganhou contornos mais nítidos; ganhou representatividade e uso tanto na batalha contra oprimidos, abrindo espaço para que o poder seja assegurado por outra gente que, de maneiras novas, faz do território e da história nacionais capitais de giro, como também nas bocas que, fazendo o jogo dos poderosos, endossam a opressão de dentro dela. Frases de Eulálio como “nessa senzala eu não fico”, “verdadeiro

⁹³ Cf. Francisco de Oliveira, “Hegemonia às avessas”. *Piauí*, ed. 4, janeiro de 2007.

⁹⁴ Idem, *ibidem*.

purgatório”, “as pessoas aqui não são sociáveis”, “vagabundos que vêm ali a fim de ver desgraça”, vindas de um senhor *respeitável*, dão o primeiro passo para reafirmar que, se antes os pobres eram *dignos* de benfeitorias (e delas, como vimos, não se excluía a violência, os maus-tratos) agora são, sem disfarces, tratados como escória que deve ser exterminada. Cria-se na narrativa mais um tempo sobre o tempo: uma elite arruinada, mas cujo discurso continua pairando sobre um cenário cada vez mais esgarçado, fortalecendo novos vínculos para novíssimas forças de opressão.

Em “Um intelectual diante da barbárie”, prefácio a *O novo tempo do mundo*, de Paulo Arantes, Marildo Menegat é certo ao descortinar o que é nosso tempo – e a dificuldade em apreendê-lo para fazer crítica (quicá arte, lembrando o chiste de Paulo Arantes⁹⁵):

Pensar e dar forma a uma experiência regressiva vivida desde a periferia de um sistema-mundo em desmonte obriga a fazer exercícios heterodoxos e atentos de experimentos intelectuais. As antigas disciplinas do conhecimento, fundadas a partir das exigências da vida intelectual dos países centrais, há muito perderam o fio de realidade que ainda retinham em seus conceitos. Numa época em que, como observou Roberto Schwarz, ‘em lugar da almejada europeização ou americanização da América Latina, assistimos à latino-americanização das culturas centrais’, algo como um *novo tempo do mundo* parece mesmo estar em curso. No período anterior, pensavam-se as disparidades das formas socioeconômicas e culturais entre centro e periferia a partir de um referente do processo histórico dado pelo centro; agora, quando a brasilinização das sociedades anda acelerada pelo planeta, esse esforço de pensamento passa a encontrar na periferia o seu modelo. Longe de essa afirmação compor um mero efeito retórico, tal reposicionamento histórico-filosófico do relógio do mundo implica, entre outras coisas, pensar no (e o) limite de uma forma dialética transtornada, em que o ponto da contradição em que a realidade se reproduz não

⁹⁵ “Não é de hoje a sensação de que o país anda em círculos, quando não se estafa e sacrifica uma geração inteira justamente para não retroceder. A sensação segundo você de que algo anda sem sair do lugar, figurada nas canções de Chico Buarque, entra em cena, para citar dois modelos extremos, no enorme girar em falso entre animação e fastio identificado pelo Roberto Schwarz na hélice que empurra a narrativa machadiana em direção à coisa nenhuma, nulidade porém de uma classe proprietária confortavelmente instalada entre dois mundos, e culmina no movimento delirante de ‘Cidade de Deus’ (o romance de Paulo Lins, não o filme!), que também não leva a lugar algum, como me lembro de Vilma Arêas [crítica literária, professora da Unicamp] ter comentado, referindo-se a um poder neutralizador dos esforços tanto lícitos quanto ilícitos dos pobres para mudar de situação, ali também as coisas não andam e nada acontece. Tudo isto é verdade e otimamente bem achado e melhor ainda formulado. Mesmo assim fico pensando. Quanto aos artistas e sua função sismográfica, tudo bem, mas e nós?”. Cf. Paulo Arantes, “Fim de jogo”, entrevista a Fernando Barros e Silva. *Folha de S. Paulo*, 18. jul. 2004.

oferece mais qualquer impulso que não seja o de um estado de emergência generalizado.⁹⁶

Tendo tal pano de fundo, entende-se com mais profundidade o motivo pelo qual o ponto de vista escolhido para *Leite derramado* é justamente o de um velho oligarca que teima em não morrer e, ainda, na emergência de um hospital público. Esse narrador de elite, mesmo da cama ainda intenta evocar seus mandos – e, neles, explicita a violência, por exemplo, quando expõe os apelos sensuais de Matilde, a quem deseja e repudia com igual devoção, misturando amor e preconceito racial⁹⁷. Revela-se, por essa e outras, um Brasil violento e ao mesmo tempo aparentemente conciliatório (ao menos àqueles que estão acostumados a lidar com os descabimentos cotidianos), onde cabe desejo, mas também, e especialmente, racismo; onde cabem prestígio e um sobrenome importante, mas que já não livram da decrepitude e do esquecimento. Um país que carregando o fardo do passado colonialista o transfigura em violenta atualidade. E, como lugar jogado em uma nova lógica do capital internacional, fica, mais uma vez, à margem, recriando as próprias barbáries sociais.

⁹⁶ Cf. Manildo Menegat, “Um intelectual diante da barbárie”. In *O novo tempo do mundo*, Paulo Arantes. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 10. Ainda sobre o esforço e alcance da tarefa de crítica exercida por Paulo Arantes, e sobre o atual, sua matéria, ver “Em busca do futuro perdido: a tarefa política da nova geração”: “Estes ensaios e entrevistas – heterodoxamente filosóficos e materialistas – sobre a experiência intelectual do tempo presente, ao descreverem sem nenhuma benevolência as suas deformações, bem que poderiam ter como subtítulo, parafraseando Freud ao contrário, o mal-estar na barbárie. Mas afinal que mudanças aconteceram no mundo que permitem infligir tanto sofrimento indevido a parcelas cada vez maiores da população mundial, sem provocar nenhuma comoção visível? Que mutação histórica foi essa que tornou plausível a comparação, extravagante à primeira vista, entre o novo mundo do trabalho, vigente sob o neoliberalismo, e o trabalho forçado do sistema concentracionário nazista? Por que considerar o Brasil um capítulo local do estado de exceção permanente que assola o planeta? (...) Antes de 2013, o ano que não se encerrou, o sentimento era o de uma sociedade presa à maldição de uma conjuntura que não passa, a um horizonte de expectativa nulo sob a hegemonia cultural da direita. Embora os melhoramentos obtidos por milhões de trabalhadores pobres no Brasil não sejam de modo algum subestimados por nosso Autor, o que o incomoda é o outro lado da moeda, o ‘capitalismo brasileiro de cupinchas’ (p. 312). Embora o Brasil de hoje seja muito diferente daquele de 1964 (para não falar do Brasil colônia), vivia-se então e vive-se agora no que talvez se possa caracterizar como ‘Estado Oligárquico de Direito ou Estado dual’, que trata com liberalidade as ‘classes confortáveis’ enquanto à ralé dispensa um tratamento ‘paternalista-punitivo’”. Cf. Isabel Loureiro, Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 59, dez. 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0020-38742014000200389&script=sci_arttext, último acesso em 20/10/2017.

⁹⁷ Em sua análise sobre “Diário de um detento” (Racionais MC’s), Walter Garcia parte de observações sobre o mesmo artigo de Francisco de Oliveira utilizando pouco acima, “Hegemonia às avessas”, e vincula-as ao incômodo causado pelo impacto do *rap* em questão, narrado por um detento – e, acrescento, não por um respeitável, embora decadente, senhor da elite: “De um lado, a conversão, pelo menos desde que o *samba é samba*, do dominado – a mulher negra, a mulata que *é a tal*, o *preto pobre de periferia*, o pobre que *é humilde*, o pobre que *é*, antes de tudo, *um forte e esperto como um jabuti* – em ícone de brasilidade; uma sutileza malandra do dominador que escamoteia a violência da dominação e dificulta o entendimento da necessidade de confronto”. Cf. Walter Garcia, “‘Diário de um detento’: uma interpretação”. In *Lendo música, 10 ensaios, 10 canções*, org. Arthur Nestrovski. 1ª ed. São Paulo: Publifolha, 2007, pp. 184-5.

Importante, então, dentro desse quadro contemporâneo, voltar novamente no tempo para modalizar o que sobrou “desse narrador de elite, que mesmo da cama tenta invocar seus mandos” – que restos da *tradição de cinismo* ele intenta em manter vivos? Vale lembrar a óbvia proximidade de Eulálio com outros senhores de romances brasileiros, especialmente com os narradores machadianos de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, com os quais Eulálio conversa diretamente (guardaremos *Dom Casmurro* para a última parte deste texto). Estão indicadas no nosso narrador a seguinte “expressão geral do meio doméstico” estruturada por Brás Cubas: “vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutilantes, do arruído, da frouxidão da vontade, domínio do capricho, e o mais”⁹⁸. Mas estão afirmadas, também, no corpo do romance, as essenciais diferenças entre eles. O tempo presente da narrativa e os novos atores que nela atuam não nos deixam entender Eulálio como uma simples continuidade dos narradores machadianos. Em termos amplos, Eulálio está jogado às traças, na emergência de um hospital público. Em termos profundos, as diferenças entre os narradores, as quais não se dão apenas em termos espaciais, acontecem na falta de tom no atrevimento que é um claro sinal da derrocada de classe. Na fala de Eulálio não desaparecem os vícios, os caprichos, os preconceitos – eles rondam o ambiente, ecoam. Não mudam nada, mas não desaparecem.

O que em Brás Cubas é cinismo puro, brilhando até no além da vida, e, em Bentinho, mando efetivo, na voz de Eulálio já não alcança nada. Seu palavrário, levando adiante o que aprendeu com outros respeitáveis senhores, retumba no vazio e imobiliza o narrador na paródia da própria classe. Pois bem, no *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a descrição de um jantar na casa do pai do narrador (“um galante episódio de 1814”), coloca em movimento muitos dos poderes e prestígios. A abundância está descrita desde a mesa farta até a (também farta) disposição dos escravos, passando pelo à vontade e pela malemolência, que são íntimas, mas também dividida entre pares:

No intervalo das glosas, corria um burburinho alegre, um palavrear de estômagos satisfeitos; os olhos moles e úmidos, ou vivos e cálidos, espreguiçavam-se ou saltitavam de uma ponta à outra da mesa, atulhada de doces e frutas, aqui o ananás

⁹⁸ Cf. Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 29ª ed. São Paulo: Ática, 2009, p. 42.

em fatias, ali o melão em talhadas, as compoteiras de cristal deixando ver o doce de coco, finalmente ralado, amarelo como uma gema, – ou então o melado escuro e grosso, não longe do queijo e do cará. De quando em quando um riso jovial, amplo, desabotoado, um riso de família, vinha quebrar a gravidade política do banquete. No meio do interesse grande e comum, agitavam-se também os pequenos e particulares. As moças falavam das modinhas que haviam de cantar ao cravo, e do minuete e do solo inglês; nem faltava matrona que promettesse bailar um oitavado de compasso, só para mostrar como se folgara nos bons tempos de criança. Um sujeito, ao pé de mim, dava a outro notícia recente dos negros novos, que estavam a vir, segundo cartas que recebera de Loanda, uma carta em que o sobrinho lhe dizia ter já negociado cerca de quarenta cabeças, e outra carta em que... Trazia-as justamente na algibeira, mas não as podia ler naquela ocasião. O que afiançava é que podíamos contar, só nessa viagem, uns cento e vinte negros, pelo menos.⁹⁹

A certeza do inabalável prestígio levado vida afora e, conseqüentemente, o lugar na primeira fila sempre garantido (“Nunca mais deixei de pensar comigo que o nosso espadim é sempre maior do que a espada de Napoleão”); a afetação da erudição de salão, que impressiona (“Ao contato de tal homem, as damas sentiam-se superfinas; os varões olhavam-no com respeito, alguns com inveja, não raros com incredulidade. Ele, entretanto, ia caminho, a acumular adjetivo, advérbio sobre advérbio, a desfiar todas as rimas de *tirano* e de *usurpador*”); as pratas herdadas, as jarras de países distantes, as rendas de toalhas ancestrais, os doces feitos por religiosas, os móveis de antanho, os salões suntuosos recebendo a sociedade seleta. Tudo reverbera na mais encarnada cor local, colocando a família no “ruído das aclamações [que] chegasse aos ouvidos de Sua Alteza, ou quando menos, de seus ministros”. Cenas que se repõem, com as devidas diferenças, em muitos episódios de nossa literatura – no corpo deste trabalho, por exemplo, estão em textos escolhidos não apenas de Machado de Assis, mas também de Oswald de Andrade – e não por acaso. Tais poderes, em Eulálio, são matéria de memória. Sua perda definitiva, aliás, será disposta frente aos olhos do narrador de *Leite derramado* em uma das cenas que mais revelam a profunda derrocada de sua família, como analisamos anteriormente (ver páginas 20 a 27 deste texto). Frente a tal descompasso, a diferença entre o *exercício do cinismo* realizado por Brás Cubas e seus pares e a presença da desfaçatez *apenas em discurso*, no caso de Eulálio, fica mais explícita.

⁹⁹ Cf. Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, op. cit., pp. 43-3.

De que maneira a representação alegórica do narrador de *Leite derramado*, com todas as modalizações da presença do cinismo e do ranço elitista, joga luz no momento atual (e no percurso histórico) da sociedade brasileira que a narrativa intenta percorrer? Ou seja: o que a forma literária do romance, cristalizada em um narrador moribundo, cuja antiga desfaçatez vira bufonaria, revela sobre as relações sociais e econômicas que rodeiam sua cama¹⁰⁰? Buscando entender a força deste quadro social dentro do romance precisaremos investigar detidamente dois aspectos do narrador de *Leite derramado*, já apontados: 1) o essencial descolamento dos atos de Eulálio quando colocados em comparação com os de narradores machadianos, nos quais certamente se inspira, e dos quais veementemente se afasta, deixando entrever linhas de uma estrutura social brasileira que, mesmo ainda presente, já não é mais a mesma; 2) a cordialidade presente em seus atos, num mando que não mais se completa, mas ainda persiste, mesmo em ecos. Os dois tópicos serão desenvolvidos nas próximas páginas.

Para entender Eulálio, portanto, é também necessário entender outros senhores ditos respeitáveis – e igualmente não confiáveis – da tradição literária brasileira. São a lucidez e o tom mandatário, vindo de outros, dos mais diversos modos, e ainda levados com zelo pelo moribundo, que dão lastro e força à voz de Eulálio. São eles que diferenciam seu discurso, passando-o de simples *memórias* para *posicionamento de classe*. É neste ponto estrutural, sem dúvida, voltando aos narradores machadianos, que Eulálio se identifica com Brás Cubas: tanto as memórias de um como de outro são usadas para explicitar não só os caprichos dos sujeitos, mas como eles extrapolam a casa e se transformam em verdadeiros modos sociais. Assim como Brás Cubas, Eulálio até intenta mostrar superioridade, triunfar sobre o leitor. Mas desmorona rápido, sem cinismo, com real verdade:

De nada me adianta me gabar de ele ter sido confidente de dona Maria Louca, se aqui

¹⁰⁰ Na resenha “O retratista e os intelectuais às voltas com 1964”, Anderson Gonçalves, Edu Teruki Otsuka e Ivone Daré Rabello, ao comentarem a resenha “Cetim laranja sobre fundo escuro”, escrita por Roberto Schwarz sobre *Leite derramado*, demarcam bem a posição do narrador no romance: “Com o palavrório interminável de Eulálio de Assumpção e a descontínua rememoração de sua extensa história familiar, exhibe-se o verdadeiro protagonista do romance: a contemporaneidade, cujas desgraças põem o passado em perspectiva e ditam o olhar de nossas elites senhoriais, que, mesmo arruinadas, nunca acabam de morrer. O passado patriarcal ao mesmo tempo se opõe ao presente e o prefigura e desqualifica.” Cf. Anderson Gonçalves, Edu Teruki Otsuka, Ivone Daré Rabello, “O retratista e os intelectuais às voltas com 1964”. Revista Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo: n. 57, dez. 2013.

ninguém faz ideia de quem foi essa rainha. Hoje sou da escória igual a vocês, e antes que me internassem, morava com minha filha de favou numa casa de um só cômodo nos cafundós.¹⁰¹

Sem lastro, sem poder, o que resta? Embora traga ecos dos narradores machadianos – e, assim, ecos dos comportamentos e posicionamentos daquela mesma elite, da mesma ligação ao poder – Eulálio não é o perfeito narrador volúvel da contemporaneidade brasileira. Suas palavras não são capazes de ocultar o que quer que seja; seu discurso não é ilustrado, muito menos se vale das artimanhas da inteligência para se aproximar ou desdenhar, ao seu bel-prazer, dos que estão ao seu lado (ou daqueles que o leem). A realidade, a emergência, a pobreza, tudo está ao seu redor – o que o protege são apenas palavras que, ao mesmo tempo, não o tiram de lá, nem deixam de expor sua decadência. Não há cinismo, não há manejos virtuosos: o que restou foram a matéria bruta do preconceito, deslavado, e o discurso desse Eulálio, que fica, como o corpo imaginado do narrador, flutuando como massa amorfa pelo romance.

Eulálio, assim, escapa a Brás Cubas e Bentinho, ou, melhor dizendo, os torna contemporâneos sem os transformar em modelos estanques. Se tenta carregar os mesmos “ares de fidalgo”, Eulálio lida justamente com o declínio de tal nobreza sem stirpe no hoje. Enquanto Brás Cubas conseguia triunfar sobre o leitor, “brilhar sempre duas vezes”, nas palavras de Roberto Schwarz, Eulálio sequer consegue manter sua pretensa classe na discussão com um motorista de táxi. Não é por acaso, aliás, que o motorista de taxi é chamado por Eulálio de “chofer” – uma corruptela por si esnobe, já em desuso, do francês *chauffeur*, algo que deixa a distância entre o discurso do narrador e a realidade ainda maior.

Do meu último passeio, só me lembro por causa de uma desavença com um chofer da praça. Ele não queria me esperar meia horinha em frente ao cemitério São João Batista, e como se dirigisse a mim de forma rude, perdi a cabeça e alcei a voz, escute aqui, senhor, eu sou bisneto do Barão dos Arcos. Aí ele me mandou tomar no cu mais o barão, desaforo que nem lhe posso censurar. Fazia muito calor no carro, ele era um

¹⁰¹ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 50.

mulato suarento, e eu a me dar ares de fidalgo. Agi como um esnobe, que como vocês devem saber, significa indivíduo sem nobreza.¹⁰²

De maneira semelhante, a autoridade do narrador é ridicularizada em uma passagem na qual vale se deter mais precisamente, e sobre a qual falaremos na próxima parte do texto, “Quem é calado”. O trecho, que mostra uma conversa entre Eulálio e policiais (aos quais ele se refere como “meganhas”) recoloca, entre outros atores, o jogo entre o narrador e a enfermeira analisado anteriormente. Podemos adiantar que, lúcido como Brás Cubas, o que trai Eulálio é o presente, ou melhor, a relação do narrador com os que estão presentes a sua volta. É o presente narrativo que imobiliza o narrador na cama apenas permitindo que seu poderio de outrora se faça real – ao menos como lembrança – na potencialidade de sua fala. Em *Leite derramado*, porém, diferentemente dos romances citados, o narrador, por mais que ainda mantenha o vigor de sua voz em alguns momentos, é passado para trás por outros narradores. Desde a televisão ligada, que o emudece – “eu queria dizer que meu avô foi comensal de dom Pedro II, trocou correspondência com a rainha Vitória, mas sou obrigado a ver essas dançarinas bizarras, tingidas de louro”¹⁰³ –, passando por pastor que é “um homem de Deus, antes que agiota” e todo um cenário que parece não caber no entendimento de quem convive mas não faz parte da realidade atual:

Perplexa, Maria Eulália olhava aqueles homens de calção à beira da estrada, as meninas grávidas ostentando as panças, os moleques que atravessavam a pista correndo atrás de uma bola. São pobres, expliquei, mas para minha filha eles podiam ao menos se dar o trabalho de cair suas casas, plantar umas orquídeas.¹⁰⁴

O corpo de Eulálio, quando lembrado, é por estar sendo furado, virado, permanentemente dolorido; porque está no fim. O que vale ao narrador é o olhar, que tem um campo restrito, sua fala, com certa capacidade sagaz de interpretar a realidade presente, e suas lembranças. Para entender a força imobilizadora que a cama exerce em um narrador como Eulálio, é preciso também entender a lucidez que acompanha seu discurso, mesmo quando, voltando ao passado, o narrador parece devanear. Eulálio sabe do seu declínio, sabe o lugar onde acabou jogado. Insiste em manter o tom mandatário (que percorre o livro todo, de diferentes maneiras: “minha linhagem”;

¹⁰² Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 50.

¹⁰³ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 51.

¹⁰⁴ Idem, *ibidem*, p. 177.

“gozo privilégios”; “tive berço”) para que, com ele, se diferencie dos demais – os quais ele trata, com falsa condescendência, como “iguais”, afirmando por negação, sua superioridade.

A atualidade da voz deste narrador acamado nos faz perceber, ao longo do romance, conforme o tempo presente se torna mais evidente na fala de Eulálio, que sua potência narrativa vai se extenuando – é o fim da voz desta elite, que ainda comanda, mas não exatamente da mesma maneira? Até onde vai a imobilidade de um corpo na cama, para onde ainda conseguirá se estender sua voz?

O certo é que na derradeira fala de Eulálio se misturam outras falas, expostas cotidianamente, no Brasil atual: o poder do tráfico, nas feições do filho do tataraneto traficante que “em breve serão como as de uma espécie extinta”; a força de uma potente religiosidade, que faz sua filha dizer “enormidades no alto-falante”, expor a história da família “ao juízo daquela gentinha da igreja”... Tudo isso parece ser mais forte do que a reverberação do poder e da estirpe de outrora, mas perante tudo isso paira sua ladainha cordial, mesmo em frangalhos.

Os mandos e o lugar social do narrador de *Leite derramado*, que já na época da festa começam a parecer “reliquias respeitáveis”, continuam a acontecer no tempo presente da sua fala. Beiram o trágico, mas transformam-se em ridículo por sua falta de verossimilhança quando inseridos no quadro da atualidade, ao qual o próprio narrador se refere de forma evasiva:

E se antes me carregavam para a tomografia à toa, agora que estou carecido não tenho quem me examine. Minhas contas não devem estar em dia, ouço rumores de que serei despachado para um hospital da rede pública. Nesse caso vou precisar dos seus préstimos, pois você sem dúvida conhece alguma casa de saúde mais séria, em Botafogo havia uma de carmelitas. Em instituições tradicionais meu nome abre portas, ao contrário do que ocorre nesta espelunca, onde nos extorquem dinheiro sem investigar sua origem. Porque meu tataraneto, você sabe, faz comércio de entorpecentes, acho que outro dia o vi com a namoradinha nessa televisão, os dois algemados num aeroporto, escondendo a cara. Se ele for parar no xadrez, aí mesmo é que a Maria Eulália vai me entregar às baratas. Isso porque ela não sabe que ainda tenho recursos, se soubesse já os teria torrado como torrou o casarão, o chalé, os

imóveis todos, até o jazigo da família ela passou nos cobres.¹⁰⁵

A narrativa atesta que não faz mais sentido apelar à enfermeira desconhecida, pedindo por um lugar em uma casa de saúde respeitável; assim como é óbvio, pelo menos para quem vê de fora, para quem se coloca ao redor da cama do moribundo, que sua situação não é a de quem ainda tem “recursos”. Por que, então, a insistência neste fiapo de prestígio, esgarçado por uma cômica derrocada, ainda mais quando em contraste com o que acontece ao largo do olhar do narrador? Talvez a resposta esteja justamente no que fica *além* da cama de Eulálio – tudo aquilo que ele adivinha, mais do que vê. Porém, se não nega essa realidade ao redor (e, inclusive o modo como tudo é resolvido dentro dela), o narrador também não deixa de embaralhar em sua percepção os modos de outrora. É que revela ao ser transferido do quarto que ocupa no hospital. Já não lhe resta esperança de ter ajuda diferenciada (nem usando da simpatia, nem da violência); mas, ao mesmo tempo conserva uma tênue esperança de que, conhecendo suas origens, algo será... diferente. A ladainha com a qual Eulálio narra o presente, porém, dá a impressão de que, enquanto fala, o narrador já é arrastado para outro lugar, tornando ainda maior a fenda que se abre no presente com a permanência de seu discurso:

Paciência. Mais dia, menos dia, fatalmente chegaria a minha vez. Os senhores, por favor, sejam prudentes ao me deslocar, pois tenho uma fratura no fêmur de calcificação precária. É escusado ameaçar meus colegas de enfermaria, ninguém vai interceder por mim. Meu pai é morto, mas minha mãe tem dinheiro no banco e patrimônio familiar. (...) Também tenho uma filha, minha herdeira universal, já me fez passar todos os bens para o seu nome a fim de adiantar o inventário. Mas Maria Eulália não dará um tostão por mim, nem que os senhores lhe mandem minha orelha pelo correio. Mesmo porque não tem mais de onde tirar, transmitiu sua herança recentemente ao meu tataraneto.¹⁰⁶

A presença deste tataraneto no discurso de Eulálio, aqui e em outras passagens da narrativa, é um dos raros momentos em que as lembranças do narrador perdem o tino, caindo em uma barafunda que beira o delírio (como visto, se as lembranças se embaralham com o presente ao longo da narrativa, são mais como sobreposições do que como delírio. Não há perda de foco, no passado ou no presente; apenas em uma

¹⁰⁵ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 120.

¹⁰⁶ Idem, *ibidem*, pp. 167-8.

ocasião, como veremos na última parte do texto). Sem saber ao certo como definir a origem do herdeiro, Eulálio parece perder o pé da própria história, mesmo que nela o seu próprio nome vá se desdobrando e renomeando os descendentes:

Esse talvez os senhores conheçam, Eulálio d'Assumpção Palumba Neto, metido a galã, cabelos claros ondulados, para Maria Eulália seus olhos azuis lembram os do meu avô, num retrato a óleo que se perdeu por aí. Cá entre nós, tenho dúvidas quanto à ascendência do rapaz, dado como filho póstumo do meu bisneto Eulálio. Os senhores vão cair para trás, mas meu bisneto era tão preto quanto o chefão aí da quadrilha. Teve um caso passageiro com a mãe da criança, moça muito refinada, por quem não ponho a mão no fogo. Pelo sim, pelo não, criamos o garoto, que recém-nascido nos foi entregue em domicílio pelo chofer particular de madame Anna Regina de Souza Vidal Pires de Albuquerque. Essa minha cunhada é viúva de um usineiro, ex-governador de Pernambuco, e mora em Copacabana de frente para o mar, num apartamento cheio de obras de arte, santos barrocos, oratórios folheados a ouro.¹⁰⁷

É este mesmo tataraneto de procedência incerta, a quem a bisavó “passava os dias a pentear o cabelo, com medo de que encarapinhassem”, protegido para investir “na sua apresentação pessoal, de modo a ser aceito em círculos de jovens bem-nascidos”, que rouba as joias de Matilde guardadas por Eulálio para “comprar jaquetas de couro, tênis fosforescentes, aparecia sempre com o último modelo de telefone celular”. Caso chamado para resolver os problemas do tataravô, não usaria de mandos e desmandos que, no discurso, não levam a lugar nenhum (“os camaradas aqui debocham dos meus bons modos, minha linguagem acurada os ofende”): “deixem meu tataraneto saber como sou tratado aqui, por muito menos ele tocou fogo numa boate em Ipanema”¹⁰⁸.

Eulálio parece tentar se valer, então, de dois modos de proteção: um calcado na cordialidade, nos mandos passados, e outro que, mesmo negando a procedência pouco ilustre do tataraneto, reconhece em seus negócios (até que ponto o narrador esconde o que sabe?) o novo modo de conseguir aquilo que se almeja. Não mais importam as origens nobres, inventadas ou não, às quais o narrador ainda se aferra (“Então lhe expliquei que papai foi o político mais influente da Primeira República,

¹⁰⁷ Idem, *ibidem*, p. 168.

¹⁰⁸ Para todas as citações do parágrafo, cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 169, pp.170-1.

contei que o rei Alberto costumava vir da Bélgica se aconselhar com ele, até aponte numa foto a rainha Elizabeth como sendo minha mãe”¹⁰⁹). Ao mesmo tempo, o dinheiro fácil, o sexo das meninas à disposição, a cocaína a granel em uma singela comemoração do seu aniversário de cem anos¹¹⁰ convivem com Eulálio, mas rapidamente dele escapam, como se o narrador fosse, discursando na cama do hospital ou caminhando a esmo pelo “bairro sem prestígio”, o mesmo moribundo a quem não interessa dar ouvidos, ainda que, cambaleante, insista em colocar em prática seus preconceitos, mando e certa tênue simpatia misturada a uma superioridade de classe que permanece sem lugar. Para entender o tênue prestígio que Eulálio insiste em preservar ao largo de sua cômica derrocada no romance, me valeu a análise empreendida por Walter Garcia sobre a posição assumida pelo narrador na canção “Carioca”, de Chico Buarque. De acordo com Walter Garcia:

O sujeito de *Carioca* se (re) encanta com o pregão de tapioca e, sobretudo, com a natureza que passa (“poente”) e que permanece (“espinha de tuas montanhas”); e a paralisia do movimento circular irá se resolver de forma um tanto otimista na canção, como já sublinhei – a ascendência final da melodia recrudescer a degradação mas, ao mesmo tempo, prepara a retomada triunfal do pregão de rua. A liberdade do narrador de *Carioca*, em sua movimentação ambivalente, tem assim um fundamento *cordial*. É por se manter distante e ágil, qual “o homem da Gávea [que] criou asas”, zanzando de um assunto a outro, “sambando na lama de sapato branco” – é por meio desse distanciamento e dessa agilidade que o narrador consegue sustentar a simpatia com que canta as atividades humanas e envolver em doçura a realidade violenta. E, nesse ponto, a canção acaba nos revelando que, ao cantar expressamente o presente, tem, sim, os olhos voltados para o passado, para o tempo histórico em que a *cordialidade* parecia ter razão de ser ou, até mesmo, parecia organizar uma nova sociedade, insuflando a utopia desenvolvimentista. A conservação de uma utopia cordial, no tempo histórico de ruína de suas bases concretas, é o fundamento da forma artística e o limite de *Carioca*.¹¹¹

Diferente do narrador de “Carioca”, entretanto, Eulálio não apresenta “movimentação ambivalente”. Está, desde o início, em tal situação de decrepitude que

¹⁰⁹ Idem, *ibidem*, p. 172.

¹¹⁰ Faço referência a cena descrita pelo narrador no capítulo 22 de *Leite derramado*, quando o tataraneto de Eulálio e sua namorada, Kim, lhe oferecem uma pequena comemoração de aniversário. Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., pp. 173-4.

¹¹¹ Cf. Walter Garcia, *Melancolias, mercadorias – Dorival Caymmi, Chico Buarque, o pregão de rua e a canção popular-comercial no Brasil*, op. cit., pp. 224-5.

seus mandos cordiais não geram nada além de deboche ou malcriação: “nem bem eu abria a boca e já se manifestavam: não fode, vovô, conta outra!”¹¹². A cordialidade já não vale em absoluto para o narrador, fato que, seguindo o pensamento de Walter Garcia, anuncia grandes fendas na ruína desse tipo de sociabilidade. Dentro de sua narrativa particular, que é o que lemos no romance, Eulálio mantém o mesmo comportamento até a morte, no corredor do hospital, quando uma enfermeira lhe fecha os olhos, talvez por simpatia, talvez por protocolo. Os pedidos simpaticamente intransigentes têm cada vez menos sentido quando jogados contra a realidade que os envolvem: a perda de todas as propriedades; a ida para a periferia; a exploração, nada cordial, empreendida contra ele por um pastor evangélico; o tataraneto traficante; o fim anônimo no hospital, onde também segue um percurso degradante, indo da cama do quarto para a enfermaria e, de lá, para o corredor. Eulálio não é ambíguo, certamente não encanta a ninguém como o narrador de “Carioca”¹¹³. O máximo que desperta é uma curiosidade mórbida, “não há passante que não afrouxe o passo para me espiar, como a um desastre à beira da estrada”¹¹⁴. Eulálio está jogado no meio do “povaréu sonâmbulo” que o outro avista de cima. Seria possível considerá-lo, inclusive, já sem a posse dos direitos aos cuidados básicos (“não tenho quem me dê soníferos, analgésicos, cortisona”¹¹⁵), vítima das mesmas violências banalizadas dos sobreviventes do trabalho precário, sendo obrigados a “transformar a si mesmo(s) em uma mercadoria ambulante, a fim de competir em pé de igualdade com o que o consumidor se habituou a ver e ouvir nas formas tecnológicas mais sofisticadas de anúncio”¹¹⁶. O alcance do confronto anunciado em *Leite derramado* continua sendo exposto por um representante de elite. Tanto que, no parágrafo final da narrativa, em seu delírio de morte, Eulálio se volta para o passado da família, para a morte de seu tetravô, que agora é o próprio narrador:

O célebre general Assumpção devia ter uns duzentos anos, parecia mais velho que Matusalém, no século retrasado desafiara Robespierre e agora jazia numa simples padiola. Ele já não dizia coisa como coisa, se intitulava camareiro de dom Afonso VI e acreditava estar no palácio de Sintra, em mil seiscentos e lá vai pedrada. Tive pena porque para o velar só havia mamãe e eu, me admirou que não comparecessem

¹¹² Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 184.

¹¹³ Cf. Walter Garcia, op. cit., pp. 228-9.

¹¹⁴ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 184.

¹¹⁵ Idem, ibidem, p. 183.

¹¹⁶ Cf. Walter Garcia, op. cit., p. 229.

autoridades, marechais, nem um representante da família real.¹¹⁷

Misturando a cena da lembrança à agonia em que ele mesmo se encontra, o que permanece é a aspiração pela grandeza – mesmo que a cena possa misturar datas e fatos, em seu âmago permanece a busca do narrador por um nobilíssimo reconhecimento. Tal aspiração se frustra, em verdade, tanto na lembrança como no presente narrativo. Mas sua presença é mais forte do que a “gente estranha à sua volta, uns indivíduos de aparência bronca que se riam”¹¹⁸, sombras que abrem passagem para a enfermeira que finalmente cobre com lençol seu “outrora belo rosto”¹¹⁹.

Mesmo que a decrepitude de uma classe, o *outrora belo rosto* do narrador de *Leite derramado*, afirmem mais categoricamente a ruína da cordialidade do que a ambiguidade do narrador da canção “Carioca”, também reafirmam, ao mesmo tempo, sua permanência: a cordialidade segue vociferando surdamente, talvez barrando um confronto direto que poderia ser promovido dentro (e fora) do romance. Se não promove, certamente revela, por outro lado, a não-organização de classe por parte dos trabalhadores, dos pobres, aliada à individuação cada vez mais profunda. É por tal fenda que o mando cordial segue – ao menos no que é representado no romance – mantendo espaço em uma sociedade que, concomitantemente, vai adiante, gerando outros tipos de exploração.

¹¹⁷ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 195.

¹¹⁸ Idem, *ibidem*.

¹¹⁹ Idem, *ibidem*.

Quem é calado

“Entretanto, a justeza de um retrato tem força literária só quando propicia perspectivas não-evidentes.”¹²⁰

“Todo o esforço de democratização, de criação de uma esfera pública, de fazer política, enfim, no Brasil, decorreu, quase por inteiro, da ação das classes dominadas. Política no sentido em que a definiu Rancière: a da reivindicação da parcela dos que não têm parcela, a da reivindicação da fala, que é, portanto, dissenso em relação aos que têm direito às parcelas, que é, portanto, desentendimento em relação a como se reparte o todo, entre os que têm parcelas ou partes do todo e os que não têm nada.”¹²¹

¹²⁰ Cf. Roberto Schwarz, “A sorte dos pobres”. In *Um mestre na periferia do capitalismo*, op. cit., p. 101.

¹²¹ Cf. Francisco de Oliveira, “Privatização do público, destituição da fala e anulação da política: o totalitarismo neoliberal”. In *Os sentidos da democracia*. 2ª ed. Petrópolis (RJ), Vozes/ Brasília, Nedic, 1999, pp. 60-1.

Não porque da varanda atiro pérolas E a legião de famintos se engalfinha ¹²²

Uma pequena nota acerca da estrutura deste texto antes de continuar a análise sobre o romance ¹²³. A princípio, a parte aqui denominada “quem é calado” ¹²⁴ seria independente, funcionando talvez como segundo capítulo, certamente como trecho autônomo (embora complementar) ao falar abundante de Eulálio. Entendi, a priori, que as memórias, preconceitos, vícios e piadas do narrador, que nos fazem mergulhar em suas vivências e seguir a historiografia que nos é exposta, formavam uma potência encerrada em si mesma. Daí a insistência, por algum tempo, em tentar nomear esse tipo de narrador: *moribundo, acamado, proprietário de fantasmagorias* – características que, de fato, de modos diversos o definem, mas não tanto quanto seu discurso. É o discurso que carrega, em si mesmo, o que poderíamos chamar de “peso flutuante”. A presença incômoda dessas palavras, cravejadas de mandos cordiais tão fora do lugar mas ao mesmo tempo ainda tão reconhecidos nas esquinas, que definem o narrador e, por consequência, o lugar social de onde chega essa fala. Arriscaria, então, dizer que é esse algo disforme que a verborragia de Eulálio expõe, essa

¹²² Cf. Chico Buarque, “Sonhos sonhos são”, *As cidades*, 1998.

¹²³ “Nada se deixa extrair pela interpretação que já não tenha sido, ao mesmo tempo, introduzido pela interpretação. Os critérios desse procedimento são a compatibilidade com o texto e com a própria interpretação, e também a sua capacidade de dar voz ao conjunto de elementos do objeto.” Cf. Theodor W. Adorno, “O ensaio como forma”. In *Notas de literatura I*. Trad. Jorge M. B. de Almeida. 1ª ed. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003, p. 18.

¹²⁴ Um dos eixos centrais de minha pesquisa de mestrado é justamente tudo o que é propositalmente calado pelo compositor Chico Buarque ao elaborar o álbum *Sinal fechado*. Aponto como, em 1974, gravar um álbum (primeiramente por exigência de contrato com a gravadora), emprestando a voz para composições de outros artistas, logo após a censura de *Calabar* (que foi lançado como um álbum violado, de capa branca, apenas com os dizeres, interrompidos, *Chico canta*), é responder não apenas ao aparelho repressivo do Estado como também à máscara – já tão mercadológica que, como rótulo publicitário, pretendia minar a crítica política à despeito dos artistas – de “cantor político” que mais emudecia do que fazia ecoar as mensagens contrárias ao golpe de então: “O malandro e a melancolia, duas vozes que fazem de *Sinal fechado* uma resposta baseada no contra: a voz marginal, a voz mais interna e subjetiva capaz de cantar tristezas individuais e ao mesmo tempo comum a todos, montam um contradição da exclusão. A não-possibilidade do canto (ora vetado pela censura, ora pela expectativa de público e crítica por um canto preso ao protesto) é represada nas vozes alheias a Chico Buarque e, ao mesmo tempo, extremamente intrínsecas a ele.” (Cf. Maria Luísa Rangel de Bonis, *A crítica e o artista: samba, repressão e poesia em Chico Buarque*. São Paulo: PUC-SP, 2005, dissertação de mestrado, p. 59).

deformação (ela sim meio morta, meio viva) contraditoriamente vigorosa em seu discurso, que empurra o narrador adiante ¹²⁵.

A força do discurso desse narrador, ao mesmo tempo que apaga os que estão em volta, deles depende para continuar existindo. Como já foi exposto, Eulálio não fala sozinho; fala por cima dos outros. Reconhece seu fim de linha, reconhece a perda dos privilégios no presente e não dá voz aos que estão ao seu lado. Desta maneira, ao separar quem fala de quem é calado perderíamos justamente o chão que dá coerência à narrativa – da maneira como o romance é construído pelo autor, perderíamos não só o nexos narrativo de dentro do livro, mas justamente o nexos do *modus operandi* reproduzido a contento pela elite aqui de fora, da nossa vida real.

Levando em conta esta abjeta e cotidiana contextura, também neste texto quem é calado fica à reboque de quem fala. E, assim como na vida, é necessário problematizar esta construção. Ao colar no ponto de vista apresentado por Eulálio para descrever quem e o que está a sua volta, correríamos o risco de, num primeiro momento, continuar reproduzindo o olhar distante de quem vê os pobres como massa uniforme. Ou de, por meio da construção de seu narrador, acusar o autor de não alcançar a exata dimensão da opressão e o modo de trabalhá-la em sua obra. No falatório geral, esse poderia ser entendido como um dos limites de *Leite derramado* ¹²⁶, misturando-se obra, artista e lugares sociais – de quem escreve, de quem lê. Por conta de tantas imbricações, é preciso cautela ¹²⁷.

¹²⁵ Devo esta percepção central à ideia desenvolvida por José Antonio Pasta Júnior, mesmo que originada em outro contexto: “essa contradição em ato que é o Brasil, cuja própria história, se assim se pode dizer, é a da alternância fastidiosa da construção e da ruína e, de certo modo, a conjunção de ambas, ‘nação’ indefinidamente límbica, que a barbárie faz tender entre impulsos contrários a Céu e Inferno, mas que o pêndulo parado da má-infinidade mantém, por isso mesmo, suspensa entre um e outro, num limbo ou limiar do além, sem que de todo ganhe um corpo ou o perca, sem que de todo ganhe ou perca uma ‘alma’”. Cf. José Antonio Pasta Júnior. *Pompeia (A metafísica ruinosa d’O Ateneu)*. São Paulo: FFLCH-USP, 1991, tese de doutoramento, p. 225.

¹²⁶ “Frequentemente tendemos a considerar a obra literária como algo incondicionado, que existe em si e por si, agindo sobre nós graças a uma força própria que dispensa explicações. Esta ideia elementar repousa na hipótese de uma virtude criadora do escritor, misteriosamente pessoal; e mesmo quando desfeita pela análise, permanece um pouco em todos nós, leitores, na medida em que significa repugnância do afeto às tentativas de definir os seus fatores, isto é, traçar de algum modo os seus limites.”; “Isto quer dizer que o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público.” Cf. Antonio Candido, “O escritor e seu público”. In *Literatura e sociedade*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, p. 84; p. 86.

No que refere a certo teor de críticas dirigidas a Chico Buarque, que se repetem ao longo dos anos (“Se, nos países socialistas, a esquerda traiu o povo, o desespero com relação ao Brasil é inverso. De certo modo, o povo traiu a esquerda; o desespero, o rancor de Chico Buarque a partir dos anos 70, a

Entender que aqueles que são calados por Eulálio estão a todo momento presentes no romance, *mesmo submersos ao discurso do narrador* – é entender que, assim como na narrativa, na vida real os pobres continuam integrados e sem voz no que se refere ao campo de direitos e de trabalhos que não sejam precários ou abstratos. Se para um narrador morto, mas ainda mandatário, como Brás Cubas, o capricho e o bem-querer (posto que com lastro financeiro) eram garantias de “acesso aos bens da civilização”¹²⁸, para os trabalhadores contemporâneos ao nosso tempo

referência não mais utópica, mas irônica, de suas canções depois dessa época significam, acima de tudo, a derrota que se abateu sobre um país que não reconhece mais a si mesmo.” [Cf. Marcelo Coelho, sobre *Estorvo*, “Chico Buarque faz um livro impopular”. *Folha de S.Paulo*, 3/8/1991.], me baseio em alguns dos argumentos de Walter Garcia (“Um mapa para se estudar Chico Buarque”) ao analisar o livro *Chico Buarque*, de Fernando Barros e Silva: “Há um silêncio, no livro, sobre o lugar específico da sociedade a partir do qual essa obra é produzida, no qual é bem veiculada e bem consumida apesar (ou por causa?) do ‘mal-estar’ representado. (...) Se, por um lado, o livro de Fernando Barros e Silva silencia sobre a diversidade das forças históricas que atuaram na ruína daquela ‘promessa histórica’ de que a obra de Chico é testemunho (...) por outro menciona-se uma traição do povo ‘a si mesmo’ (...) restando então perguntar: de que lugar se atiram pedras no povo traidor?”. Cf. Walter Garcia, “Um mapa para se estudar Chico Buarque”. São Paulo: Revista do IEB, n. 43, set. 2006, pp. 197-8.

¹²⁷ No artigo “O Brasil contemporâneo em dois romances de Chico Buarque”, Leonardo Octavio Bellineli de Brito comete um equívoco interpretativo que, talvez por pressa de chegar a veredictos como esse, prejudica a análise de *Leite derramado*. Evidencio o equívoco unicamente por me parecer um importante gancho para explicar o ponto que mencionei: entender, sem derrocadas de um lado ou de outro e sem perder de mira o que nos é revelado no corpo do romance, o que significa “*quem cala fica à reboque de quem fala*”. Bem, segundo o Leonardo de Brito, “apesar de enfermo, Eulálio não morre, como o passado brasileiro não passa. Fica a questão: tal como Eulálio, que não tem mais salvação, o Brasil não teria mais saída?”; “a morte do narrador não é afirmada, o que joga dúvidas e complexifica o quadro, pois, seguindo o mesmo raciocínio, se Eulálio não morreu, este Brasil ‘do passado’ também não teria morrido. A incerteza colocada pelo autor aqui – porque esse âmbito da narrativa já escapa ao narrador, de modo que o autor se faz presente neste momento – é, então, coerente com toda a estrutura narrativa articulada ao longo do livro” (Cf. Leonardo Octavio Bellineli de Brito, “O Brasil contemporâneo em dois romances de Chico Buarque”, *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.23.1, 2016, p.108-127.).

Ora, em *Leite derramado*, a cena de morte do protagonista não deixa sombras de dúvidas, embora misture os tempos e os antepassados de Eulálio à percepção que o narrador tem do próprio corpo e da própria consciência no momento de partida (jogo de cena importante para entender a força do discurso do narrador, conforme indicamos na p. 50): “Então abriu passagem uma jovem enfermeira, que se debruçou sobre meu tetravô, tomou suas mãos, soprou alguma coisa em seu ouvido e com isso o apaziguou. Depois passou de leve os dedos sobre suas pálpebras, e cobriu com o lençol seu outrora belo rosto” (Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 195.). Além de ser uma redução da estrutura da trama à fórmula do “tempo passou e não passou”, Leonardo de Brito acaba incorrendo na necessidade do *diagnóstico de fim de linha* que não aproveita os recursos críticos e estilísticos que a obra – mesmo com seus limites – oferece. É apressada a acusação de que um dos pontos fracos de *Leite derramado* recai no fato de “apesar de fazer uma caracterização brilhante da elite brasileira ao longo do tempo, com figurações convincentes do modo de se portar, de escrever e pensar, a parte ‘atualizada’ dos Assumpção – netos, bisnetos, tataranetos do narrador – fica de fora do enredo e, nesse sentido, a contribuição para a investigação do contemporâneo fica relativizada, embora se possa dizer que a continuidade da reprodução das iniquidades sociais continua no contemporâneo” (Cf. Leonardo Octavio Bellineli de Brito, “O Brasil contemporâneo em dois romances de Chico Buarque”, op. cit.).

¹²⁸ “Faltando fundamento prático à autonomia do indivíduo sem meios – em consequência da escravidão o mercado de trabalho é incipiente – o valor da pessoa depende do reconhecimento arbitrário (e humilhante, em caso de vaivém) de algum proprietário.”; “Não sendo proprietários nem escravos, estas personagens não formam entre os elementos básicos da sociedade, que lhes prepara uma situação ideológica desconcertante. O seu acesso aos bens da civilização, dada a dimensão marginal do

que aparecem em *Leite derramado*, os caprichos de Eulálio, assim como todas as memórias do protagonista, não valem de nada – nos séculos que separam os narradores, a exploração não parou de crescer, muito pelo contrário. É deste ponto que partimos para a elaboração da análise.

Antes de voltar a *Leite derramado*, gostaria de pontuar como uma outra referência artística – a peça “O nome do sujeito”, concebida e escrita pela Companhia do Latão em 1998 – ajudou a entender a alheação, seguindo o olhar do narrador, dos que ficam a volta de Eulálio, revelando a força da escolha acertada de um ponto de vista, quando consciente, para a estruturação crítica de uma obra.

A peça, que parte da fusão de crônicas de Gilberto Freyre (em especial de “Um barão perseguido pelo diabo”, escrita em 1929¹²⁹) e do *Fausto*, de Goethe, e mais alguns outros textos, para registrar o comércio das almas na Recife dos anos 1920. “Contada do ponto de vista da escuridão do teatro”, conforme o próprio grupo o descreve, o experimento traz um salto dialético na arquitetura de sua narrativa cênica. Isso porque a história não é simplesmente contada na escuridão do teatro: no ir e vir dos personagens que gravitam em torno do Barão, esse, que é o centro dos acontecimentos, não aparece nenhuma vez em cena. No palco posicionam-se um bonequeiro da rua, um imigrante português, um charlatão de feira, um mendigo ex-boiadeiro, um ventríloquo, ente outros... trabalhadores, transeuntes comuns.

Na “deliberada eliminação dos protagonistas (...) – a ponto de não lhes dar sequer o direito da presença em cena”, nas palavras de Iná Camargo Costa, a peça “adota resolutamente o ponto de vista dos hoje designados como excluídos”:

trabalho livre, se efetiva somente através da benevolência eventual e discricionária da classe abonada. Assim, se não alcançam alguma espécie de proteção, os homens pobres vivem ao deus-dará, sobretudo cortados da esfera material e institucional do mundo contemporâneo.” Cf. Roberto Schwarz, “A sorte dos pobres”. In *Um mestre na periferia do capitalismo*, op. cit., pp. 99-100.

¹²⁹ “Todo o esforço do Barão – ou do Visconde – para libertar-se do demo foi inútil. Vinha o Barão ao Recife e aqui vivia como qualquer outro Lorde pernambucano da época, vida alegre e descuidada. Jantava no Torres. Ia afofado em carro de luxo às corridas do Piranga. Mas de repente recebia um sinal misterioso: era do Chifrudo para ir encontrá-lo sozinho nas Brenhas, tarde da noite – noite sem lua; e como que refrescar a assinatura no trato que levianamente fizera com o Príncipe Negro. Simples Barão, tinha que obedecer ao Príncipe. Era então visto a galopes pelos ermos, montado num cavalo que ninguém sabia se era deste mundo, se do outro. Cavalo levado do diabo. (...) Os parentes e os amigos procuravam adoçar-lhe o terror, pois era homem respeitado e estimado pelos seus. Davam-lhe água benta para banhar os olhos terrivelmente secos. Uma mucama esfregava-lhe alecrim pelo corpo lasso: corpo de branco que tivesse apanhado de estranho chicote que não ferisse mas doesse até a alma: dor seca e terrível.” Cf. Gilberto Freyre, “Um barão perseguido pelo diabo”. In *Assombrações do Recife Velho*. São Paulo: Global, pp. 101-5.

Aqui se trata de subalternos, explorados e oprimidos. Brechtianamente, sem os enjoativos ingredientes do melodrama, como a compaixão e o sentimentalismo. Entre estes não poderiam faltar os alpinistas sociais nem os métodos com os quais são cooptados pelos donos da vida. Estes últimos são os agentes de todas as desgraças que testemunhamos e *não têm visibilidade*”¹³⁰.

Pelas brechas, pelos vazios deixados pela ausência-presença do Barão, o público é chamado para os discursos daqueles que costumamos não notar. Na cena a seguir, da qual tirei algumas passagens, o imigrante português Antônio Lyra leva para a Casa de Misericórdia o mendigo, agonizante, atropelado pelo cavalo do Barão possuído pelo demônio – que em nenhum momento aparece em cena e cuja culpa e responsabilidade permanecem, afinal, “subentendidas”.

(16. Antônio leva o atropelado à Casa de Misericórdia)

Num pátio da Casa de Misericórdia, uma freira e um atendente observam o corpo do mendigo agonizante.

ANTÔNIO Um cavaleiro a todo galope passou-lhe por cima, a cabeça entrou na pedra.

ATENDENTE [*Mais distante, à freira.*] Irmã, pergunte o nome.

IRMÃ Senhor, o nome dele, por favor.

(...)

IRMÃ Não é o mendigo devoto da porta da Matriz?

ANTÔNIO Quanto querem para atendê-lo? Eu tenho dinheiro, digam. Eu pago o que for preciso.

ATENDENTE Parece que está morto.

Pausa. Antônio certifica-se da morte do mendigo.

IRMÃ Têm morrido muitos homens pretos ultimamente. Que Deus o leve.

ATENDENTE Senhor, onde foi o acidente?

ANTÔNIO Eu não o conhecia, encontrei na rua.

IRMÃ Mas o senhor não viu o cavaleiro?

ANTÔNIO Não. Estava escuro. Não vi nada.¹³¹

¹³⁰ Cf. Iná Camargo Costa, “E a vida continua”. In “O nome do sujeito (um fragmento)” pp. 10-1.

¹³¹ Cf. Sérgio de Carvalho, Márcio Marciano, “O nome do sujeito”. In *Companhia do Latão 7 peças*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, pp. 72-3.

Na cena, há a clara referência à crônica de Gilberto Freyre, embora ela seja vista de outro ângulo. Diferentemente do narrador da crônica, que se antecipa a defender o pobre Barão das artimanhas do tinoxoso, nos enredando em um discurso cheio de fartura e benevolência, na peça restam os vazios não preenchidos, a vida – qualquer – se esvaindo sem esforço:

Todo o esforço do Barão – ou do Visconde – para libertar-se do demo foi inútil. Vinha o Barão ao Recife e aqui vivia como qualquer outro Lorde pernambucano da época, vida alegre e descuidada. Jantava no Torres. Ia afofado em carro de luxo às corridas do Piranga. Mas de repente recebia um sinal misterioso: era do Chifrudo para ir encontrá-lo sozinho nas Brenhas, tarde da noite – noite sem lua; e como que refrescar a assinatura no trato que levianamente fizera com o Príncipe Negro. Simples Barão, tinha que obedecer ao Príncipe. Era então visto a galopes pelos ermos, montado num cavalo que ninguém sabia se era deste mundo, se do outro. Cavalo levado do diabo.¹³²

As sutilezas estruturais da montagem mostram, portanto, que não se trata que, uma vez o Barão fora de esquadro, os outros tenham seus minutos de fama, seu lugar ao Sol (que a eles se abram, magicamente, as portas da esperança). Longe disso: é o considerar-se aceitável que a violência sobreviva, escancarada, para além de qualquer agente nomeador, o principal índice que reafirma a falta de importância dos pobres.

Voltando ao romance, voltando ao olhar de Eulálio sobre os que o cercam, é preciso levar em conta todo o proposital desconforto que os preconceitos enfileirados pelo narrador provocam. Dentro do cinismo polido estão sobrepostas camadas de distanciamento dos demais que valem a pena ser analisadas detidamente.

O pequeno fazia de tudo para chamar sua atenção, mas ela não se impressionou nem quando ele começou a pretejar. Da noite para o dia os cabelos dele se encrespavam, o nariz de batata engrossou mais ainda, e quanto mais o menino escurecia, mais me perturbava a sensação de conhecer sua cara de algum lugar. Era curioso porque, tirante o preto Balbino e um ou outro criado, eu não tinha muita gente de raça nas minhas relações, nem nunca avistei a mãe do menino, a dos nomes fictícios. E a cor

¹³² Cf. Gilberto Freyre, “Um barão perseguido pelo diabo”. In *Assombrações do Recife Velho*, op. cit., p. 104.

do menino provinha dela, logicamente, eu não poderia esperar de um neto comunista que se juntasse com moça de pedigree.¹³³

Nesta passagem, que faz parte do vigésimo capítulo de *Leite derramado*, Eulálio tece considerações sobre seu bisneto, que nasceu na prisão, filho do neto que vai para a luta armada. É digno de nota que o narrador comece a descrever o bisneto pelo tom de pele. Nada sutil, o uso do verbo *pretejar* não é menos violento do que vem a seguir: a total desqualificação de uma pessoa através de sua aparência, de suas características físicas (cabelos crespos; nariz “grosso”; pele que escurece), traços que, neste discurso retrógrado, definem não uma *raça*, como quer o narrador, mas um lugar de opressão¹³⁴. O passo seguinte, nada casual, é que a desqualificação racista se iguala à desqualificação política (“eu não poderia esperar de um neto comunista que se juntasse com moça de pedigree”). Trataremos com mais vagar sobre este caminho da genealogia dos Assumpção, e onde ela irá desembocar, adiante. Por hora, concentrando-se neste trecho, é de se notar o fato de os preconceitos são fortes, vigorosos. É de se notar como se forma, ao longo de *Leite derramado*, uma galeria de estereótipos diversificados e ao mesmo tempo sistemáticos, representativos. Procedimento caprichoso por parte do narrador (e aí também há o privilégio da ilustração), que por sua vez, também não deixa de mostrar como os tipos sociais funcionam arquitetonicamente. Expõe-se, por cima de tudo e sempre, o humor aliado ao sadismo, velha conjunção conhecida por quem manda – um “abjeto humor de classe” muito bem configurado pelo autor em seu personagem.

Voltemos à análise do trecho em que Eulálio conversa policiais, anunciada na página 59 deste texto. Vale retomar o trecho:

¹³³ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., pp. 148-9.

¹³⁴ Dentro desta chave é interessante retomar algumas passagens do rap “Negro drama” e localizá-las em uma das apresentações do Racionais MC’s, realizada em 2006, na Zona Leste de São Paulo. Antes de o grupo começar a narrar, temos a visão geral da plateia: um mar de juventude negra que se une aos rappers já na introdução de “Negro drama” colocando força, garra, ódio, grito à experiência de estarem vivos. São meninos, meninas, crianças (aos dois minutos do clipe, é importante que se note, uma criança pequena dançando nos ombros de um adulto. Seu cabelo é crespo, arrumado em *black power*) contando para si mesmos, para todos, a angústia e a força da negritude. Os recursos temáticos são afirmativos. A primeira característica física para descrever o que é ser negro: “cabelo crespo” (“e a pele escura”); em “Negro drama” as vivências – com dores, superações, orgulhos – são expostas enfileiradas, fazem-se sentir. Os temas, o tempo histórico, a função e a perenidade da arte se movimentam em conjunção. Cf. “Negro drama” (Edy Rock/ Mano Brown); *Nada como um dia após o outro dia*, 2002 / Cf. Racionais MC’s, *1000 trutas 1000 tretas*, 2006.

Fazia tempo que eu não saía de casa, e mal a velha se recolheu ao quarto, resolvi pegar uma aragem, procurar um bar aberto com gente interessante. Ao dar com a rua deserta, me dirigi às luzes de uma praça, mas após quadra e meia de caminhada cansei um pouco. Segui até a esquina, onde estava parada uma radiopatrulha com dois meganhas dormindo nos bancos reclinados. Eia!, gritei, batendo na lataria, e o do volante acordou no susto, me apontando uma arma. Os dois se olharam quando exigi entrar no carro, eu precisava espichar as pernas antes de retomar o passo. Instalado no banco traseiro, desafiei-os a adivinhar minha idade, e pareceram céticos quando anunciei meu centenário. Cem anos, insisti, e esbanjando saúde, apesar do coração momentaneamente acelerado, e lhes falei do meu amor incestuoso por uma pequena nascida em 1989. Visto que o assunto não rendia, perguntei-lhes se estavam felizes aqui ou se pretendiam voltar para a África. Opinei que servir na polícia era um grande progresso para os negros, que ainda ontem o governo só empregava na limpeza pública. Depois lhes perguntei se porventura sabiam o preço da cocaína no Rio, e se possível também no exterior, mas eles continuavam sonolentos. Então pedi emprestado um celular, para trocar ideias com algum conhecido, mas o do volante ligou o motor e perguntou pelo meu endereço. O carro foi na contramão até a porta de casa logo ali, e eles não quiseram subir para levar umas fatias de bolo.¹³⁵

Aqui estão estruturados alguns elementos importantes para entender o lugar de fala do oligarca miserável e dos que são calados em *Leite derramado* – ou, em termos melhores, daquilo que lateja entre o discurso de Eulálio e aqueles que seguem alheios, desenvolvendo modos próprios de sobreviver, carregando opressão em cima de opressão, e também criando suas próprias; nestes encontramos ironia?

No trecho do romance acima se abrem: 1) a ironia que é posse do narrador, não dos outros (à maneira de Brás Cubas aqui ele é “trocista e amalucado, que serve de *cor local brasileira* na caracterização de classe”¹³⁶); 2) a distância efetiva entre o cenário do presente (um bairro modesto, quem sabe se com sua graça *aos que são de fora*, mas que exige vigilância constante); 3) o andar à vontade do narrador, embora mambembe, sempre sentindo que a intimidade da casa pode extravasar para as ruas; 4) a reação dos que recebem Eulálio: se dispersos, também à vontade, são automaticamente alertas a qualquer barulho, prontos para atirar. Prontidão que, por

¹³⁵ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 175.

¹³⁶ Cf. Roberto Schwarz, “A sorte dos pobres”. In *Um mestre na periferia do capitalismo*, op. cit., p. 103.

outro lado, se transforma em imediato alheamento ao perceber que *não correm perigo*.

A cena começa com Eulálio batendo na lataria da radiopatrulha como se o carro fosse um cavalo, ou uma carroça. Por tudo o que vem adiante (a relação que se estabelece entre os trabalhadores, o falar de Eulálio, o lugar em que a cena se passa) não seria forçar a nota afirmar que a cena de *Leite derramado* coloca em situação, numa espécie de modificação histórica que retoma e atualiza o passado e o presente¹³⁷, três episódios de tempos distintos de nossa literatura: o capítulo “O almocreve”, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*; o poema “pobre alimária”, escrito por Oswald de Andrade; e três poemas de Francisco Alvim, “Selas”, “Mas” e “Descartável”. Cada qual a seu modo, as obras conjugam as presenças do atraso, do que esperava-se moderno, dos que detêm o capital, dos que são estraçalhados pela elite, pelo mundo do trabalho, por si mesmos. Colocadas em comparação, apontam um caminho no qual vão sendo evidenciadas as relações entre classes na nossa história, dentro e fora dos livros.

Antes de nos determos nos três episódios propostos acima, e embora escape ao alvo deste trabalho, não se pode deixar de pontuar a existência de uma constelação de obras na literatura brasileira que, em seu corpo constitutivo, lança diversificados entendimentos às complexas ramificações pontuadas no parágrafo anterior.

Além da comparação entre os três episódios propostos poderíamos citar diferentes obras cujos narradores elaboram a presença e o eco da elite oligárquica, do patriarcalismo, da escravidão, da opressão em si mesma, da opressão gerada pelo trabalho humilhante, do crime, da violência, do consumo como elos indissociáveis. Teríamos, assim, personagens como o mestre José Amaro e Lula de Holanda, em *Fogo morto*:

¹³⁷ De acordo com José Antonio Pasta Júnior, “A observação imediata da realidade brasileira pode dar lugar, simultaneamente, a duas experiências do tempo aparentemente antagônicas e incompatíveis: de um lado, o sentimento de uma renitência do passado, que como que se recusa a passar, e se supõe imutável, invadindo o presente sobretudo sob a forma da persistência de relações sociais arcaicas, cuja marca colonial é indisfarçável; de outro lado, a percepção de uma mudança vertiginosa, que tudo subverte – dissolve vínculos sociais tradicionais, pulveriza instituições aparentemente sólidas (família, Estado, religião, costumes etc.) e transforma de modo inaudito até mesmo o meio físico e o ambiente natural.” Cf. José Antonio Pasta Júnior. *Formação supressiva: constantes estruturais do romance brasileiro*. São Paulo: FFLCH-USP, 2011, tese de livre-docência, p. 57.

– Hein, mestre José Amaro, o seu pai matou em Goiana, não é verdade, hein, mestre José Amaro? Eu não quero assassino no meu engenho. Não é, Amélia? Pode procurar outro engenho, mestre José Amaro. Hein, mestre José Amaro, ouviu? Procure outro engenho.

Aquilo foi como uma bofetada na cara. O mestre deu dois passos para trás, estava com os olhos esbugalhados, com um nó na garganta. E quando pôde falar, não via ninguém na sua frente, via só a luz do sol faiscar na parede branca da casa.

– Não sou cachorro, coronel Lula. Não sou cachorro.¹³⁸

Como Luís da Silva e Julião Tavares, em *Angústia*, de Graciliano Ramos:

Filho de uma puta. Esse artista privilegiado aperreou-me durante semanas, tirou-me o apetite. Na repartição, no cinema, no jornal, no café, perseguia-me a lembrança da voz antipática:

– Um grande espírito, um nobre espírito. Emoção e conhecimento perfeito da língua.

Filho de uma puta. Não podia ser nosso amigo. Encontrava-me na rua:

– Como vai, Silva?

E ali, no outro lado da mesa, as pernas cruzadas, com a intenção de se demorar – sorrisos, patriotismo, a grandeza do poeta morto.

Comecei a odiar Julião Tavares. Farejava-o, percebia-o de longe, só pelo modo de empurrar a porta e atravessar o corredor.

– Canalha!

E rangia os dentes, arrumava os papéis tremendo de raiva. Tudo nele era postigo, tudo dos outros.

(...)

O que não achava certo era ouvir Julião Tavares todos os dias afirmar, em linguagem pulha, que o Brasil é um mundo, os poetas alagoanos uns poetas enormes e Tavares pai, chefe da firma Tavares & Cia., um talento notável, porque juntou dinheiro. Essas coisas a gente diz no jornal, e nenhuma pessoa medianamente sensata liga importância a elas. Mas na sala de jantar, fumando, de perna trançada, é falta de vergonha. Francamente, é falta de vergonha.¹³⁹

Como Fabiano e o soldado amarelo, em *Vidas secas*, também de Graciliano:

¹³⁸ Cf. José Lins do Rego, *Fogo morto*, op. cit., p. 175.

¹³⁹ Cf. Graciliano Ramos. *Angústia*. 69^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2014, pp. 61-2.

Irritou-se. Por que seria que aquele safado batia os dentes como um caititu? Não via que ele era incapaz de vingar-se? Não via? Fechou a cara. A ideia do perigo ia-se sumindo. Que perigo? Contra aquilo nem precisava facão, bastavam as unhas. Agitando os chocalhos e os látigos, chegou a mão esquerda, grossa e cabeluda, à cara do polícia, que recuou e se encostou a uma catingueira. Se não fosse a catingueira, o infeliz teria caído.

Fabiano pregou nele os olhos ensanguentados, meteu o facão na bainha. Podia matá-lo com as unhas. Lembrou-se da surra que levava e da noite passada na cadeia. Sim senhor. Aquilo ganhava dinheiro para maltratar as criaturas inofensivas. Estava certo? Bulir com as pessoas que não fazem mal a ninguém. Por quê? Sufocava-se, as rugas da testa aprofundavam-se, os pequenos olhos azuis abriam-se demais, numa interrogação dolorosa.¹⁴⁰

Como José protegendo o irmão Albino, ambos operários, do proprietário Joaquim Prestes, em “O poço”, de Mario de Andrade:

José parou de esfregar o irmão. Se virou pra Joaquim Prestes. Talvez nem lhe transparecesse ódio no olhar, estava simples. Mandou calmo, olhando o velho nos olhos:

– Albino não desce mais.

Joaquim Prestes ferido desse jeito, ficou que era a imagem descomposta do furor. Recuou um passo na defesa instintiva, levou a mão ao revólver. Berrou já sem pensar:

– Como não desce!

– Não desce não. Eu não quero.

Albino agarrou o braço do mano mas toma com safanão que quase cai. José traz as mãos nas ancas, devagar, numa calma de morte. O olhar não pestaneja, enfiando no do inimigo. Ainda repete, bem baixo, mas mastigando.

– Eu não quero não sinhô.

Joaquim Prestes, o mal pavoroso que terá vivido aquele instante... A expressão do rosto dele se mudara de repente, não era cólera mais, boca escancarada, olhos brancos, metálicos, sustentando olhar puro, tão calmo, do mulato. Ficaram assim. Batia agora uma primeira escuridão do entardecer. José, o corpo dele oscilou milímetros, o esforço moral foi excessivo. Que o irmão não descia estava decidido,

¹⁴⁰ Cf. Graciliano Ramos, *Vidas secas*. 100ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006, p.101.

mas tudo mais era uma tristeza em José, uma desolação vazia, uma semiconsciência de culpa lavrada pelos séculos.¹⁴¹

Como o delegado Vilela e sua relação com o mundo do crime – humanitária, a princípio, mas depois, encharcada do ódio que pensara combater em “A coleira do cão”, de Rubem Fonseca:

“Vou te dar a última chance”, disse Vilela. “Onde é que o Bambaia e a turma se escondem – Beicinho, Groselha, a corja toda. Onde?”

“Não sei, doutor, juro que não. Quero ver minha mãe morta!”

“Não adianta, doutor”, disse Washington.

“Você quer ir embora, vai agora, que eu vou matar esse cachorro”, gritou Vilela para Deodato.

“Se o senhor diz que não vai dar galho eu fico”, disse Deodato, dentro do papel, mas surpreendido com o grito de Vilela.

“Ajoelha”, gritou Vilela, tirando do cinto uma automática negra.

Jaiminho ajoelhou-se. “Eu não sei de nada”, soluçou. Seu corpo nu tremia.

Vilela encostou o cano da arma no peito de Jaiminho, que começou a bater os dentes.

“Na cabeça, doutor”, disse Washington.

Vilela levantou a arma encostando-a na têmpora de Jaiminho, que acompanhou com os olhos arregalados o movimento da pistola. A lanterna acesa refletia em seus olhos.¹⁴²

Como a violência, ela aqui personagem em suas múltiplas formas, encarnada na linguagem em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato:

Blindado, o Mercedes azul-marinho faz uma meia-parada em frente à Graduate School, fila dupla, de entre dezenas de uniformes um menino destaca-se, pula para dentro, aprisionada lá fora a histeria do preâmbulo da tarde – crianças algazarrentas, periquitos neuróticos, motores. Amarfanha o terno Armani cinza-chumbo do pai, que, desajeitado, acarinha a carapaça de finos cabelos pretos do filho, a encardida mochila aos pés.

– Não falei que vinha?

(...)

– E se a gente fosse comer um Big Mac?

¹⁴¹ Cf. Mario de Andrade, “O poço”. In *Contos novos*. 16^a ed. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras Reunidas, 1993, pp. 68-9.

¹⁴² Cf. Rubem Fonseca, “A coleira do cão”. In *A coleira do cão/ Contos reunidos*. 1^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 232.

- Um Big Mac?
- E então?
- A gente vai no McDonalds?
- Hum, hum!
- Yes! Yes!

(...)

Entretanto, observando-o por detrás da vidraça, a boca lambuzada, vermelho-ketchup, amarelo-mostarda, as certezas redemunham nos maios de vento. E se ele o condenasse? E se ele “não” o condenasse? Como explicar que... não se orgulhava... do seu... negócio...

(...)

Tanto sacrifício, no final não desse uma guinada, teria encarnado mais um, como seus pais, que Deus os tenha, e como provavelmente seus filhos: zés-ninguém. (...) Visionário, agora, nas linhas da palma macia de suas mãos, unhas bem tratadas, leem-se portos, aeroportos, pistas de pouso clandestinas, pontes, rios, estradas por onde borbulham

pistolas Glock austríaca e Jericó israelense

submetralhadoras Uzi israelense e FM argentina

fuzis russos AK-47, austríacos Rugger 223, Suíços Sig Sauer

rifles AR-15, M-16

Senta-se frente ao filho, nugget no molho barbecue, “E aí, está gostando?”¹⁴³

Voltando aos narradores de Machado de Assis, como vimos, Eulálio a eles se refere e, a seu modo, ao lidar com questões do seu presente narrativo, ultrapassa. Alguns dos narradores construídos por Oswald de Andrade e, especialmente, algumas das recorrentes estruturas utilizadas em sua poesia, o tipo de humor e enquadre escolhidos pelo modernista, que marcam o lugar de classe do autor¹⁴⁴, estão presentes a todo momento não apenas na caracterização e nas falas de Eulálio, mas, como um todo, na própria estrutura de *Leite derramado*. Antes de seguir adiante, e para delimitar o quadro no que se refere à obra do modernista, citaremos dois exemplos em que isso acontece – ambos revelando ângulos escolhidos pelo narrador para descrever

¹⁴³ Cf. Luiz Ruffato, *Eles eram muitos cavalos*. 11ª ed., “revista, definitiva”. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pp. 54-5-6.

¹⁴⁴ “Antes de prosseguir, não custa dizer que um poeta não melhora nem piora por dar forma literária à experiência de uma oligarquia: tudo está na consequência e na força elucidativa das suas composições. Não se trata de reduzir o trabalho artístico à origem social, mas de explicitar a capacidade dele de formalizar, explorar e levar ao limite revelador as virtualidades de uma condição histórico-prática; sem situar o poema na história, não há como ler a história compactada e potencializada dentro dele, a qual é o seu valor.” Cf. Roberto Schwarz, “A carroça, o bonde e o poeta modernista”. In *Que horas são?*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 23.

tanto uma situação entre pares (que não deixa de contar com a familiaridade entre os mais diversos níveis de subalternos) como uma cena de trabalho (de um *outro*).

13. Mudança

Na casa de tia Gabriela havia o espaço de meus livros num sofá fronteiro para mamãe me olhar.

A família parenta chegou de noite da Fazenda Nova-Lombardia com a governante implicante e o sistema Kneipp nos pés das primas jambos. Criados e criadas negrinhas e uma manteiga diferente.

14. Um primo

Mamãe conversava muito com tia Gabriela porque elas eram viúvas. E o Pantico inquietava minha tranquilidade com anos menos e carrinhos feitos para descidas ladeiras amigo íntimo do copeiro arranjador de almanaques nas farmácias.

15. Conselhos

No quarto de dormir ralhos queridos não queriam que eu andasse com meu primo. Pantico não tivera educação desde criança e por isso amava vagamundear. Que diriam as famílias de nossas relações que me vissem em molecagens gritantes ou com os servos? Só elas é que devíamos frequentar.

Eu achava abomináveis as famílias das nossas relações.¹⁴⁵

As – já explícitas, desde o título – *memórias sentimentais* deste narrador de Oswald de Andrade nos revelam, nesses três capítulos colocados em sequência no romance, gradações da aproximação entre o narrador e os que são por ele considerado populares. Tudo passeia frente aos olhos de João Miramar, que nos conta do que acontece no dentro e no fora de sua esfera familiar estabelecendo distâncias: na mesma frase cabem a “família parenta”, vinda da fazenda, trazendo primas, mestiças, mas que fazem tratamentos médicos modernos e provavelmente caros. Por sua vez, todo o cenário está próximo dos “criados e criadas negrinhas”, mas separados, não por acaso, pelo corte abrupto de um ponto final. Os empregados, na verdade, se equivalem ao novo gosto da manteiga, como se ambos fossem igualmente surpreendentes para o narrador. Em seguida, o primo, estranho nos modos no mundo,

¹⁴⁵ Cf. Oswald de Andrade, *Memória sentimentais de João Miramar*. 10ª ed. São Paulo: Editora Globo, 2000, pp. 78-9.

nos anos a menos, rompe as barreiras reais, mas não ditas, do mundo apresentado ao narrador até aquele momento. O estar à vontade com o carrinho de rolimã pelas ruas, a amizade com o trabalhador da casa e o acesso à cultura popularesca, da farmácia, também das ruas (conseguida pela amizade com o copeiro – uma troca de favores?), inquieta João Miramar. A proximidade com o primo é logo proibida ao narrador: o primo “não tivera educação desde criança” e, quanto “aos servos”, o que diriam “as famílias de nossas relações?”. O preconceito é explícito, violento, ao mesmo tempo que educado e velado. O narrador toma posição contrária frente à proibição, dita como *conselho*, o que, evidentemente, deve ser considerado um importante passo crítico, repleto de radicalidade: “Eu achava abomináveis as famílias das nossas relações”. Há uma quebra entre a visão de mundo trazida junto da família e aquela que ao narrador se descortina nos mais diversos *vagamundeares*. Mas o peso dos livros no sofá, da fazenda, dos tratamentos médicos modernos, dos “ralhos queridos” em contraposição à dimensão equiparada entre os criados e criadas negrinhas, a manteiga, o copeiro, o almanaque – são subalternos e são mercadorias que promovem o mesmo grau de curiosidade – indicam um olhar de elite (ilustrada) que não seria facilmente ultrapassado apenas com boas intenções.

enjambement do cozinheiro preto

Chamava-se José

José Prequeté

A sua habilidade consistia em matar de longe

Decepando com uma larga e certa faca

Cabeças

De frangos, patos, marrecos, perus, enfim

Da galinhada solta no quintal

Do Grande Hotel Melo ¹⁴⁶

O “cozinheiro preto”, que é José, mas também, por mera brincadeira ou carinhosa alcunha dada em chiste, é José *Prequeté* (retomando, aqui, o perequeté das

¹⁴⁶ Cf. Oswald de Andrade, *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*. In *Poesias reunidas*, 1^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 129.

figuras populares, dos iguais, dos zé-ninguém¹⁴⁷), é apresentado também como alguém capaz de decepar cabeças. A quebra de verso anunciada desde o título, a quebra do julgamento acerca do José se dá justamente aí, não por acaso no verso mais curto que nos suspende em suspense: as “cabeças” são dos frangos, patos, *enfim*, de toda a sorte de aves à disposição nas dependências do hotel onde José (cozinheiro preto, prequeté) trabalha. O teor do poema – inclusive em seu viés crítico – revela que o trabalhador, negro, carrega alta voltagem de violência; e que essa violência é extravasada nos domínios de uma propriedade, num grande hotel, onde o homem (cozinheiro preto, prequeté) exerce uma função. A pulsação da fúria não deixa de estar presente e, espertamente, é colocada de modo a assustar aos leitores que, pelas descrições colocadas em rápido movimento, são capazes de alicerçar preconceitos: negro, qualquer um, violento. Ao José (cozinheiro preto, prequeté), entretanto, não é dada a chance de usar ao cabo sua força e determinação (não seriam justificadas frente ao cenário opressivo, se visto por outro ponto de vista?). Sua função de cozinheiro (preto, prequeté) o deixa enrodilhado no *enjambement* que aqui é social; sua força, destinada à galinhada, foi cristalizada nos fundos da cozinha, deixando os proprietários tranquilos. Além do poema, o desenho que o acompanha, feito pelo autor, revela, em traços tremidos e infantis, um homem baixo, de nariz largo, parado pacatamente com uma faca ensanguentada nas mãos¹⁴⁸.

¹⁴⁷ A figura aparece em uma esquina da cidade em *Macunaíma*. O herói, raivoso por uma situação anterior, não economiza sua raiva frente ao *qualquer um*, que talvez sirva justamente para receber a injúria alheia:

“Então Macunaíma percebeu o logro e abriu numa gritaria desgraçada, caminho da pensão. Virando uma esquina encontrou o José Prequeté e gritou para ele:

– Zé Prequeté, tira bicho do pé pra comer com café!

José Prequeté ficou com ódio e insultou a mãe do herói porém este não fez caso não, deu uma grande gargalhada e foi seguindo. Mais adiante lembrou que ia indo pra casa zangado e pegou na gritaria outra vez.” Cf. Mario de Andrade, *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras, 1991, p. 84.

¹⁴⁸ Embora não tão explicitamente como na poesia Pau Brasil, como nota Roberto Schwarz em “A carroça, o bonde e o poeta modernista”, neste poema de 1927 também há certo grau da graça familiar, da uma visão condescendente e encantada do Brasil popular que está (literalmente, aqui) no quintal de quem narra – e desenha – a cena: “Vista pelo outro lado do binóculo, a vida parece um desenho de Tarsila, onde homens, bichos e coisas evoluem sob um signo enternecido e diminutivo. Esta distância, que permite passar por alto os antagonismos e envolver as partes contrárias numa mesma simpatia, naturalmente é um ponto de vista por sua vez”. Cf. Roberto Schwarz, “A carroça, o bonde e o poeta modernista”. In *Que horas são?*, op. cit., p. 21. Em *O Brasil de Rosa (mito e história no universo rosiano): o amor e o poder*, Luiz Roncari chama a atenção para o poema de Oswald de Andrade aqui analisado, no seguintes termos: “O zé-ninguém é o outro, tanto o cozinheiro negro como o prequeté da expressão popular (...) Duas figuras da pândega modernista”. Cf. Luiz Roncari, *O Brasil de Rosa (mito e história no universo rosiano): o amor e o poder*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 2004, p. 142. Acredito que a brincadeira, mais do que apenas mau gosto, revela, no chiste afirmativo, a posição de classe do eu-lírico do poema.

Já as situações trazidas pelos poemas de Francisco Alvim dão, como veremos, em sua particularidade de estilo, o lugar cotidiano para as grandes opressões nacionais. São, todos esses, terminando em *Leite derramado*, episódios que inventam (ou traduzem?) as consequências que a estrutura social brasileira trazia (e traz) aos desfavorecidos.

Encontro de Brás Cubas com o almocreve: em um breve resumo do acontecido, este narrador nos conta que, certa feita, um jumento em que estava montado quis disparar, fazendo-o ter certeza de que estava perto da morte: seu pé havia ficado preso no estribo e ele se desequilibrava no ventre do animal. Para a divina sorte do narrador, um almocreve que estava por perto acode a tempo de pegar a rédea e, num átimo, deter o animal.

O almocreve salvara-me talvez a vida; era positivo; eu sentia-o no sangue que me agitava o coração. Bom almocreve! enquanto eu tornava à consciência de mim mesmo, ele cuidava de consertar os arreios do jumento, com muito zelo e arte. Resolvi dar-lhe três moedas de ouro das cinco que trazia comigo; não porque tal fosse o preço da minha vida, – essa era inestimável; mas porque era uma recompensa digna da dedicação com que ele me salvou.¹⁴⁹

Durante todo o capítulo o que salta aos olhos é a conhecida desfaçatez do narrador machadiano. A ela aqui estão alinhadas a falta de caráter e especialmente a certeza de que sua vida vale mais do que qualquer moeda, serviço ou favor, atos explícitos no texto. O desenrolar dos fatos vai colocando, pouco a pouco, a mesquinhez e o cinismo do narrador na frente de qualquer gesto que compense o trabalho do almocreve. A ajuda é um favor e estão sempre todos a disposição, sem reclamar: todo o quadro é pintado sem disfarces, daí a força da mesquinhez e do cinismo que acabam por distanciar ainda mais o narrador do trabalhador que a ele se sujeita. Assim como “a enfermeira”, “o chofer”, “os meganhas” de *Leite derramado*, aqui na cena narrada por Brás Cubas o trabalhador não tem nome, ou melhor, sua função o nomeia. O almocreve, desde sua entrada em cena, se esforça para agradar e conseguir ser recompensado. O “bom almocreve!” é dedicado e está sempre pronto a

¹⁴⁹ Cf. Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, op. cit., p. 60.

ajudar, tratando Brás Cubas com respeito, distância e *atenta consideração*. Ao esperar por alguma gratificação chega a humilhar-se a ponto de conversar de igual para igual com o jumento, o que só reforça o desprezo de quem detém o dinheiro e avalia se deve pagar ao trabalhador que, afinal, só “cedeu a um impulso natural, ao temperamento, aos hábitos do ofício” – simples “instrumento de Providência”:

Tirei-a, vi-a reluzir à luz do sol; não a viu o almocreve, porque eu tinha lhe voltado as costas; mas suspeitou-o talvez, entrou a falar ao jumento de um modo significativo; dava-lhe conselhos, dizia-lhe que tomasse juízo, que o “senhor doutor” podia castigá-lo; um monólogo paternal. Valha-me Deus! até ouvi estalar um beijo: era o almocreve que lhe beijava a testa.

- Olé! exclamei.
- Queira vosmecê perdoar, mas o diabo do bicho está a olhar para a gente com tanta graça...¹⁵⁰

Aos que se lembram, o almocreve, sem saber ou se importar com o que *o doutor* pensa, recebe um cruzado em prata e fica mais do que satisfeito, “com evidentes mostras de contentamento” e é esta, também, uma das chaves críticas que o autor nos propõe através do discurso cínico e perverso de seu narrador, que sente remorsos por ter dado tanto. O almocreve não apenas é visto como um “algo” (pois é próximo dos bichos, dos instrumentos da sorte e do acaso) feito para servir – o próprio personagem se coloca em tal posição, contentando-se com pouco, que é melhor do que nada. Assim, tanto a posição de prestígio do narrador quanto a da submissão do trabalhador são atestadas duplamente e, como se conjugam, seguem se complementando sem entretanto se misturar, em um funcionamento metódico. O que fica evidente é que não há independência adquirida pelo trabalho, não há vida honesta e livre; isso “não está ao alcance do pobre, que aos olhos dos abastados é presunçoso quando a procura, e desprezível quando desiste, uma fórmula, aliás, do abjeto humor de classe praticado por Brás e exposto por Machado de Assis”¹⁵¹.

¹⁵⁰ Idem, *ibidem*, pp. 60-1.

¹⁵¹ Cf. Roberto Schwarz, “A sorte dos pobres”. In *Um mestre na periferia do capitalismo*, op. cit., p. 101. Ainda como nota Roberto Schwarz ao analisar dona Plácida, é digno de nota como a história da personagem em contraste com o que pensa dela Brás Cubas revela como a pobreza descreve “seu ciclo regular, por assim dizer funcional, e não falta método a seu absurdo. Neste sentido ela tem sim uma finalidade, embora humanamente insustentável, qual seja a de reproduzir a ordem social que é a sua desgraça. Como ficamos?” (Idem, *ibidem*, pp. 104-5).

Ao comparar a cena narrada por Brás Cubas com a cena protagonizada por Eulálio e pelos policiais, as semelhanças e diferenças atestam a passagem do tempo sem que isso, não custa explicitar novamente, seja sinônimo de progresso. Mudam os lugares sociais – garantias de prestígio, certezas de exploração – que ocupam os personagens de ambas as cenas, mas em quais medidas?

Em se tratando dos narradores, enquanto Brás Cubas é cínico e educado, o deboche de Eulálio é excessivo, abusado. A cumplicidade do desagrado de lidar com “*os de baixo*”, da visão caricata dos trabalhadores, se dá, nas páginas machadianas, entre narrador e leitores, problematizando criticamente o *ponha-se no seu lugar*. Já em *Leite derramado*, o narrador escancara suas opiniões não só para quem o lê, mas para os próprios personagens. O jogo já não é o do cinismo entre iguais, que propositalmente, no plano da narrativa, deixa de fora os mal-educados: é o do deboche completo, jogado na cara de quem, afinal, o merece. Através de Brás Cubas, Machado de Assis oferece a matéria literária envolta em um cinismo tão evidente que, transformando-se em crítica, forma a proposital traição de classe. Chico Buarque conta com a ironia e com o absurdo do deboche descontrolado de seu narrador para atestar a violência de seus preconceitos. E como ficam os trabalhadores aos quais ambas as cenas se referem?

Se na cena machadiana o almocreve se curva às moedinhas, faz que não percebe o cinismo do doutor, os policiais, em *Leite derramado*, não se alteram com o verborrágico preconceito de Eulálio. São tratados como animais (pois não são eles os cavalos que conduzem a carroça?), são tratados como gente da pior qualidade, que merece emprego ruim ou vida bandida. Se não se curvam por migalhas nem levam a sério o discurso (sabem, como os leitores, que o narrador está sem eira nem beira) fecham-se, sonolentos. Passamos, então, da submissão por pouquíssimo para a falta de reação absoluta: *como ficamos?*, continua ecoando a pergunta.

(Antes de prosseguir, importante ressaltar novamente, aqui, que numa primeira camada a falta de reação dos policiais frente a Eulálio *deve* continuar sendo entendida por seu discurso ser risível, já oco: continua ecoando aí a principal ironia que constrói o romance, justamente a de Eulálio ser esse oligarca miserável. Porém, em outra medida, a falta de reação absoluta dos trabalhadores engloba o próprio Eulálio. Como se todo o cinismo e a cumplicidade entre pares de outrora, agora o deboche deslavado e já sem lastro, fossem caminhos sem volta, sobre os quais se

colocaram novas formas de exploração e opressão que desembocam no absoluto descarte dos pobres.)

pobre alimária

O cavalo e a carroça
 Estavam atravancados no trilho
 E como o motorneiro se impacientasse
 Porque levava os advogados para os escritórios
 Desatravancaram o veículo
 E o animal disparou
 Mas o lesto carroceiro
 Trepou na boleia
 E castigou o fugitivo atrelado
 Com um grandioso chicote ¹⁵²

Animais *e/ou* trabalhadores *e/ou* populares de um lado; gente educada, bacharelada, com pressa, ternos e inteligência, de outro – lugares opostos que se conjugam, sem que a junção dessas e de tantas outras incongruências concentradas nestes poucos versos sejam problemas. Indicam, antes, um tipo particular de modernidade, de progresso – um “*moderno-de-província*” – do qual derivam estanques lugares sociais. O poema de Oswald de Andrade conta, em suas rápidas linhas, uma história:

Na altura da metade, o poema exhibe uma funcional falta de jeito, de que vai depender seu voo. Até aí, e depois até o fim, a narrativa avança por dísticos, ao ritmo de uma ação a cada duas linhas, o que estipula e confere alguma extensão aos propósitos correspondentes. Os versos do meio fogem à regra: num, os anônimos “Desatravancaram o veículo”; no outro, “o animal disparou”. Como traço de união entre os dois, a conexão inespecífica “e”, acentuando a disparidade e certa equivalência humorística dos sujeitos – os populares e a alimária – bem como de suas iniciativas. Por atrelamento, se é possível dizer assim, o cavalo fugitivo expõe os imprevistos do mundo do carroceiro. Complementarmente, faz ver que é precário o verniz do mundo dos advogados. Note-se que a intervenção do chicote restabelece a

¹⁵² Cf. Oswald de Andrade. *Poesias reunidas. Pau Brasil/Postes da Light*, op. cit., p. 73.

ordem, não porque impeça novas obstruções do trânsito, e sim porque reequilibra a economia das autoestimas, por sobre a inalterada rachadura social.¹⁵³

Como se nota, utilizo a análise empreendida por Roberto Schwarz em “A carroça, o bonde e o poeta modernista”¹⁵⁴. Não apenas por conta dos acertos apurados, mas especialmente porque suas análises (assim como, nas páginas anteriores, aquelas que interpretam as relações entre o narrador morto de Machado e seus subalternos) sem dúvida fazem parte da própria estrutura de *Leite derramado* e da concepção do narrador do romance (à revelia dele próprio, é claro, se cabe aqui uma brincadeira)¹⁵⁵.

O que fica de “pobre alimária” na cena entre Eulálio e os policiais? Retomando nosso percurso, o que fica do almocreve nos atores que se movimentam entre a carroça e o bonde? O que fica deles na radiopatrulha invadida pelo oligarca mambembe de *Leite derramado*? Note-se que as modificações trabalham em ascendência cronológica, mas as cenas não param de repor situações e atores, como se avançassem carregando fraturas: *modificadas, mas sempre presentes*.

O salto entre a relação que Brás Cubas estabelece com o almocreve (explicitada pelo próprio narrador) e aquela narrada pelo observador que fica ao mesmo tempo fora e dentro da confusão nos trilhos do poema de Oswald de Andrade (lugar que lhe dá um distanciamento crítico e bem-humorado), está no explícito cada vez mais óbvio da condição de coisa, ou de bicho, afirmada aos populares e aos que vivem de trabalhos precários – todos *indefinidos* pela terceira pessoa do verbo

¹⁵³ Cf. Roberto Schwarz, “A carroça, o bonde e o poeta modernista”. In *Que horas são?*, op. cit., p. 26.

¹⁵⁴ Cf. Roberto Schwarz, op. cit.

¹⁵⁵ Para estruturar *Leite derramado*, é evidente que Chico Buarque propositalmente se utiliza das principais referências bibliográficas que fazem parte da historiografia, estudos, esforços, para entender e interpretar a formação do Brasil. Assim, é dos caminhos investigados por Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr., Gilberto Freyre, Raymundo Faoro, Antonio Candido, para citar alguns, que nasce o mais exato contorno do narrador do romance e sua relação com o tempo presente que o encerra. Todas as nossas potências, os nossos progressos, os arcaísmos e os atrasos estão, no romance, presos no corpo de um oligarca decadente e moribundo, cuja ideia de *nação* sempre conteve apenas as (outras) posses de sua família; em suma, a formação da nação, nas mãos da elite, se transformou em *grande piada*, sem excluir generosas doses de violência. Tudo isso é, então, parte decisiva no que se esgotou, no leite que foi derramado. Num passo crítico adiante, a noção que é *decomposição* aquilo que seria formação, colocada por Roberto Schwarz, aparece, também, como chave decisiva para entender a estrutura do romance de Chico Buarque. Novamente não seria exagero afirmar que o autor se vale das interpretações de Roberto Schwarz para localizar seu narrador no tempo presente da narrativa que lhe escapa e envolve, a saber, o fim de linha, a emergência, a violência e a alienação. Ao longo das partes que estruturam este texto tentamos seguir este percurso crítico e revelar tais referências, baseando-se nelas para as análises interpretativas do romance e de seu lugar no tempo histórico em que foi produzido.

“desatrancaram”¹⁵⁶. Este apagamento do sujeito que realiza a ação já acontecia, antes, para Brás Cubas, quando o homem por trás do trabalhador era (e continuará sendo) apenas um almocreve. Nos dois casos, portanto, o que nos é oferecido é o “o trabalho sem sujeito reconhecido”.

É preciso também considerar o cenário que emolduram cenas. A cena machadiana se passa em um ambiente que ainda conta com traços mais arcaicos do que modernos (a modernidade, supostamente, estaria interiorizada nos hábitos ditos liberais do narrador; suposição um tanto dissonante pelo fato de ele *montar em jumentos*). A cena do poema de Oswald, em pleno início de industrialização brasileira, conta com um tipo de progresso que, a sua maneira, invade a pasmaceira local:

De um lado, o bonde, os advogados, o motorneiro e os trilhos; do outro, o cavalo, a carroça e o carroceiro: são mundos, tempos e classes sociais contrastantes, postos em oposição. A vitória do bonde é inevitável, mas como a diferença de tamanho entre os antagonistas não é grande, e a familiaridade das suas presenças é igual, o enfrentamento guarda um certo equilíbrio engraçado.¹⁵⁷

As relações entre os atores de ambas as cenas também muda: se antes o almocreve está disposto a se humilhar, há uma distinção entre os tipos de trabalhadores, suas funções e o quanto estão dispostos a se curvar (ou a violentar os que estão abaixo de si) frente ao que julgam ser seus superiores. Nesse ponto, não é a somente a convivência entre as diferentes gentes no cenário que revela um progresso que depende do atraso e vice-versa, como nota o crítico: junto ao anonimato dos trabalhadores que retiram o veículo da balbúrdia, há presença inequívoca (e certamente decisiva) do chicote, ele sim, desatravancando tudo. O chicote volta-se ao animal, volta-se aos trabalhadores, volta-se a ambos? O sentido é figurado, mas a

¹⁵⁶ “O anonimato a que fica relegado o sujeito de ‘Desatravancaram o veículo’ – certamente os populares que andavam por ali – deve-se à mesma postura importante, que não se digna especificar a ajuda alheia.” Cf. Roberto Schwarz, “A carroça, o bonde e o poeta modernista”. In *Que horas são?*, op. cit., p. 15.

¹⁵⁷ Idem, ibidem. “A nossa realidade sociológica não parava de colocar lado a lado os traços burguês e pré-burguês, em configurações incontáveis, e até hoje não há como sair de casa sem dar com elas. Esta dualidade, cujos dilemas remontam à Independência e desde então se impõem inexoravelmente ao brasileiro culto, suscitou atitudes diversas; talvez não seja exagero dizer que ela animou a parte crucial de nossa tradição literária. (...) Já com Oswald o tema, comumente associado a atraso e desgraça nacionais, adquire uma surpreendente feição otimista, até eufórica (...) Um ufanismo crítico, se é possível dizer assim.” Cf. Roberto Schwarz, “A carroça, o bonde e o poeta modernista”. In *Que horas são?*, op. cit., p. 13.

ação vibra em realismo para quem sente a violência no lombo. No poema, assim como na cena machadiana, o ciclo se fecha, porém com mais variantes: nem tudo parece *estar no lugar* como propositalmente nos indicava o olhar distante, talvez frívolo, certamente desdenhoso, do narrador morto. O distanciamento do texto deste narrador-observador nos joga no meio da confusão: é a nós, certamente guiados por sua visão descompassada, irônica e ligeiramente acanalhada das coisas, que também nos afetam os pesos e as medidas daquilo que cabe nas brechas entre o cômico e o irascível, mas não só. O poema nos joga na cara, pelas articulação entre as escolhas estéticas e as forças da realidade, a certeza de que a presença dos pobres é rarefeita, ou, antes, mais revelada pela força da negatividade e da violência ¹⁵⁸.

A mesma decisão nos chama para o centro da cena de *Leite derramado*, muito também por via do humor avacalhado e nada sutil do narrador do romance. Retomando um dos pontos do começo da análise, “aqueles que seguem alheios, desenvolvendo modos próprios de sobreviver, carregando opressão em cima de opressão, e também criando suas próprias; nestes encontramos ironia?”. Certamente não, pelo menos não a mesma que nos é oferecida pelo narrador, e isso fica ainda mais evidente ao seguirmos os passos que demos até então. O que resta entre o almocreve (sem nome próprio, mas com função), entre os sujeitos anônimos que trabalham nos trilhos modernistas e os policiais do hoje que, alheios, não revidam ao ódio e ao preconceito anunciados aos quatro ventos por Eulálio? Restam justamente o teor da violência e do sufocamento intrínsecos aos que foram subtraídos de nome, função e voz, nesta ordem. Resta o trabalho alienado, qualquer coisa que anestesia e faz os trabalhadores estarem e não estarem ali, atentos e sonolentos como num ligadesliga autômato: o mesmo moto-contínuo a que a enfermeira presta contas ¹⁵⁹. É duplamente crítico o caminho que faz com que a voz de um oligarca miserável como Eulálio, já sem lastro ou valor, ao mesmo tempo cale e reafirme opressões. “Opinei

¹⁵⁸ “Um modo até certo ponto precário de suprir a falta de densidade do objeto, falta que reflete, no plano da cultura, o mutismo inerente à unilateralidade das relações coloniais e depois imperialistas, e inerente também à dominação de classe nas ex-colônias. Conhecidamente, a mencionada rarefação é o tormento dos artistas nestes países, mas a bem das proporções não custa lembrar que Machado de Assis já a havia vencido superiormente (...). Mudando de ângulo, vimos como o gosto modernista pela pura presença empurrava para segundo plano a dimensão relacional das figuras, em certo sentido lhe suprimindo o antagonismo e a negatividade. Vimos igualmente a correspondência entre esta estética e o progressismo conservador da burguesia cosmopolita do café. Articulados assim, o *parti pris* de ingenuidade e de ‘ver com olhos livres’ algo tem de uma opção por não enxergar, ou melhor, por esquecer o que qualquer leitor de romances naturalistas sabia.” Cf. Roberto Schwarz, idem, ibidem, p. 27.

¹⁵⁹ Ver páginas 9 e 10 deste texto.

que servir na polícia era um grande progresso para os negros, que ainda ontem o governo só empregava na limpeza pública. Depois lhes perguntei se porventura sabiam o preço da cocaína no Rio, e se possível também no exterior, mas eles continuavam sonolentos”. Há uma reafirmação na precariedade, um enraizado preconceito racial, dos mais abjetos, que insiste que lugar de negro é na África e, uma vez aqui, trabalhar com qualquer coisa que não seja um serviço ligado ao passado escravocrata é oportunidade a não ser que, já que negros são bandidos, estejam ligados ao tráfico de drogas – no Brasil ou em âmbito internacional – ou a qualquer outra atividade ilícita. Eulálio desfia, da mesma maneira que em relação ao bisneto negro, preconceitos e lugares-comuns. Novamente aqui eles aparecem vigorosos, como que a provocar os personagens e, em outra camada, também quem lê. Em “Prefácio com perguntas”, Roberto Schwarz, aprofundando ideias de Francisco de Oliveira, dá substância ao quadro que envolve o romance e o vai-e-vem de que tratamos até aqui. Escrito no começo dos anos 2000, o texto responde diretamente às questões colocadas em problematização no romance de Chico Buarque e acerta, ainda muito, com o cenário atual – que, por sua vez, está afirmando cada vez mais a exceção de quaisquer regras ou direitos:

(...) a marca da “exceção permanente” no dia a dia brasileiro. Com perdão dos compatriotas que nos supõe no Primeiro Mundo, como não ver que o mutirão da casa própria não vai com a ordem da cidade moderna (embora na prática local vá muito bem), que o trabalho informal não vai com o regime da mercadoria, que o patrimonialismo não vai com a concorrência entre os capitais, e assim por diante? (...) O avanço nos torna – quem diria – contemporâneos de Machado de Assis, que já havia notado no contrabandista de escravos a exceção do *gentleman* vitoriano, no agregado verboso a exceção do cidadão compenetrado, nas manobras da vizinha pobre a exceção da paixão romântica, nos conselhos de um parasita de fraque a exceção do homem esclarecido. A dinâmica é menos incompatível com a estática do que parece. Dito isso, há maneiras e maneiras de enfrentar o desajuste, que a seu modo resume a inserção do país (ou do ex-país, ou semipaís, ou região) na ordem contemporânea.¹⁶⁰

¹⁶⁰ Cf. Roberto Schwarz, “Prefácio com perguntas”. In Francisco de Oliveira, *Crítica à razão dualista | O ornitorrinco*, op. cit., pp. 15-6. Ainda de acordo com Roberto Schwarz: “Seja como for, não há uma estrada conhecida, e muito menos pavimentada, que leve da posição atrasada à adiantada, ou melhor, da perdedora à vencedora. Se é que o caminho existe, ele não obedece às generalidades ligadas a uma noção universalista do progresso, à qual bastasse obedecer. Pelo contrário, é no curso normal deste, em

A “ordem contemporânea” aparece mais forte em *Leite derramado*, então, no que é calado pelo discurso de Eulálio. No corpo do romance, entendemos que toda a não-reação dos trabalhadores está relacionada ao movimento dos trabalhos que avançam cada vez mais precarizados e alienados, que os desorganiza enquanto sujeitos e enquanto classe, e também a tudo isso estar submerso ao falatório sem lastro, mas insistente, do narrador – que, por sua vez, dá contorno não apenas ao personagem mas também a tudo e a todos que se encontram a sua volta ¹⁶¹. Antes mando, antes proteção, o contorno desta voz no hoje se transforma em imobilismo. Assim, dentro do romance, até certo ponto a voz protege o narrador de sua decadência (proteção frágil, que não impede que ele morra no corredor do hospital, abandonado) e, por outro prisma, também impede o avanço dos que são calados para qualquer lugar: ódio, revide que seja, qualquer tipo de resposta que afirme que algo se modificou.

O passo adiante em nossa análise é perceber que sim, que continuamos em movimento rumo a exceção que já se tornou regra; que do trabalho precarizado que retoma o lugar da escravidão nasceu, há tempos, a noção de que os trabalhadores (seres humanos) são descartáveis. Justamente, e aqui fechamos o ciclo começado em Machado de Assis, o que nos é esfregado na cara, sem cerimônias, pelos poemas de Francisco Alvim, que só reproduzem as situações do dia a dia e reafirmam, a cada momento, a coexistência desses tempos de exploração ¹⁶²:

sua figura presente, reduzida à precedência dos preceitos de mercado, que se encontra o motor do desequilíbrio. A consideração dialética do progresso, vista objetivamente pelos vários aspectos que vai pondo à mostra, sem ilusão providencial ou convicção doutrinária a seu respeito, sem ocultação de suas consequências regressivas, é uma das qualidades deste ensaio.” Idem, *ibidem*, p. 18.

¹⁶¹ Em termos globais (e que, já em 1999, época da publicação destes escritos de Robert Kurz, o Brasil ensinava para o mundo), não é de se estranhar que os esquadros específicos de *Leite derramado* se refiram a este quadro maior, cujas violências não têm o contorno da voz de um oligarca falido, mas do próprio esgarçamento provocado pelo capital. “É evidente: a luta global de extermínio e distribuição não deixará sobrar em nenhum lugar uma ilha de bem-aventurados, com economia de mercado. Ameaçado por parte de todas as regiões de perdedores, inundado de fugitivos e clandestinos e ao mesmo tempo sobrecarregado por uma minoria crescente de pobres nativos, o Ocidente já não pode manter a frágil normalidade em sua superfície. Mesmo que uma polícia planetária capitalista consiga durante algum tempo reprimir, com meios bárbaros, as reações igualmente bárbaras da maioria perdedora, não poderia fazer nada contra a criminalidade em massa interna, contra o crescente terror sangrento individual e contra ações de sabotagem em grande escala por parte de insatisfeitos técnica e cientificamente qualificados (...) Jamais foi tão verdadeiro quanto hoje o mito antigo do ditador cuja fortaleza parecia inatingível por fora, mas podia ser derrubada sussurrando-se uma única palavra no interior.” Cf. Robert Kurz, *O colapso da modernização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999, pp. 188-9.

¹⁶² “Voltando à fala comum, digamos que a peculiaridade que se expressa nela é menos do poeta que da própria formação social em funcionamento, na qual nos reconhecemos e examinamos para bem e para mal, isto é, entre alegres e consternados – graças à invenção de uma arquitetura literária.”

Selas

Experimentei
Não reagiu

Mas

é limpinha

Descartável

vontade de me jogar fora ¹⁶³

Podendo ser lidos sem pausas, sem estranhamento entre o que é título ou corpo do poema; especialmente por terem sido colocados em sequência no corpo da edição original, a continuidade entre a *cena* do primeiro poema, o *juízo de valor* do segundo (que finge ultrapassar ao, na verdade, dar como certo o preconceito) e a *sensação* do segundo é sadicamente confortável. Não que a primeira situação se esgote na segunda e, conseqüentemente, na terceira. Sabemos (cruéis, ao humilhar; cínicos, ao não assumir o quanto são considerados passageiros, sem importância, os pobres, dos quais se quer distância) estar longe desta consciência. O importante a destacar aqui é que entre esses três poemas há um salto: aquilo que cabe no intervalo mudo ¹⁶⁴ de não reagir a uma violência – avaliada, inclusive, no índice (absurdo) de poder decidir sobre higiene corporal do outro – e se saber descartável é a matéria ao redor da cama de Eulálio em *Leite derramado*.

Tal chave explícita nos poemas de Francisco Alvim não é colocada, de imediato, no romance. Tomando o campo da narrativa, até que ponto os trabalhadores

(...)

“A limpeza das falas, sem luxo, redundâncias, frases feitas, figuras de linguagem, arremate lapidar, universalismos etc., ou seja, sem traço literário convencional, é trabalho literário seu, que lhes decanta o conteúdo pragmático e as torna comensuráveis, peças de um mesmo sistema, abrindo à consideração um verdadeiro fundo nacional de ironias. Este salto do livro para a vida do leitor, como saltou da vida nacional para dentro do livro.” Cf. Roberto Schwarz, “Um minimalismo enorme”. In *Martinha* versus *Lucrecia*, op. cit., p. 121-2.

¹⁶³ Cf. Francisco Alvim, *Elefante*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 92, 93, 94.

¹⁶⁴ “É claro que entre este ‘descartável’ e o anterior ‘misturado’ passou tempo. Uma noção pertence à sociedade de consumo, a outra terá nascido com o fim da escravidão. Ainda assim, a constelação de classe a que as duas se referem permanece constante: de um lado, a gente distinta e bem esclarecida, dita civilizada, mas que manda; de outro, a massa dos sem-direito. O condicionamento recíproco dos campos, nos termos paralegais da autoridade e da informalidade, é um nexos central e persistente de nossa experiência.” Cf. Roberto Schwarz, “Um minimalismo enorme”. In *Martinha* versus *Lucrecia*, op. cit., p. 118.

ali calados e alheios, o cenário difuso de emergência, são desmobilizados pelo discurso de Eulálio? Não perdemos de vista que de nada vale o falatório deste narrador. Mas sem dúvida as palavras do narrador, mesmo sem valia, desorganizam a ação dos populares, que mais parecem corpos estranhos a flutuar numa prosa cheia de (agora fictícias) propriedades. Chegamos a um plasma em que nada sai do lugar: reconhecemos que as opressões contra os pobres, feitas pelos de cima, não pararam de acontecer e de se reinventar. O que o romance nos faz perceber é que *mesmo as opressões* saíram das mãos de um tipo como Eulálio e, de modos continuamente mais perversos, ganharam vida e se reproduziram de maneiras que este narrador não consegue nos apresentar somente através de sua experiência ¹⁶⁵.

¹⁶⁵ O que não deixa, por sua vez, de ser um registro de formação da sociedade brasileira até aqui e, especialmente, de certa veia da literatura que aqui se faz. “O que se dá a ver aqui, portanto, é que a questão da modernização, no Brasil, não é apenas uma questão entre outras, mas, sim, que ela se confunde com a própria constituição do país e lhe dita o ritmo singular de sua formação histórica. Nessa condição, ela repercute em todos os quadrantes de sua vida pensada e, ao longo do tempo e à custa de muito esforço intelectual, enraizou-se profundamente nas ciências humanas e sociais, nas quais tem encontrado formulações apuradas, que contribuem para definir seu sentido e alcance. (...) a literatura foi o principal meio de investigação do país sobre si mesmo. Nesse sentido, também a literatura não é, no Brasil, uma manifestação cultural entre outras, mas o *organon* privilegiado de seu autoconhecimento e impulso formativo. Nessa qualidade, ela apropriou-se antes e, provavelmente, mais amplamente daquela questão central da formação histórica do Brasil do que já puderam fazer as humanidades.” Cf. José Antonio Pasta Júnior, *Formação supressiva: constantes estruturais do romance brasileiro*, op. cit., pp. 64-5.

Leite
derramado

Terei ciúme

Até de mim

No espelho a te abraçar ¹⁶⁶

Matilde passeia por toda a narrativa. Etérea, parece ser provocativa, divertida. Entra no mar como se pulasse corda; na fila dos pêsames em um velório é como se esperasse por sua vez na sorveteria. É a ela a quem Eulálio pensa se dirigir quando fala com as enfermeiras, difusas, de plantão. É dos seus seios que entorna o leite derramado que dá título às memórias que são o corpo dessa narrativa¹⁶⁷. É ela a dona das cenas mais líricas – com direito a rompantes de ciúmes e ódio – que nos conta o narrador. Por meio dela, Eulálio, um homem aparentemente oco, banal, se transforma em poeta: “e até o fim deixei todas as portas abertas para ela”; “não sei se existe um destino, se alguém o fia, enrola, corta. Nos dedos de alguma fiandeira, provavelmente a linha de Matilde seria de fibra melhor que a minha”; “sem Matilde, eu andava por aí chorando alto, talvez como aqueles escravos libertos de que se fala. Era como se a cada passo eu me rasgasse um pouco, porque minha pele tinha ficado presa naquela mulher”; “com o tempo aprendi que o ciúme é um sentimento para proclamar de peito aberto, no instante mesmo de sua origem. Porque ao nascer, ele é realmente um sentimento cortês, deve ser logo oferecido à mulher como uma rosa. Senão, no instante seguinte ele se fecha em repolho, e dentro dele todo o mal fermenta”; “era como se, na calada da noite, Matilde passasse para buscar suas coisas no rosto da filha, em vez dos vestidos no armário ou dos brincos na gaveta”; “meu pensamento em Matilde tinha formas vagas, era pensar num país e não numa cidade”. É através de Matilde que Eulálio revela seu nome. Antes de introduzi-la em suas lembranças, o narrador nos apresenta suas posses (mesmo que já não existam), o prestígio de sua

¹⁶⁶ Cf. Chico Buarque, “Tua cantiga”, *Caravanas*, 2017.

¹⁶⁷ “Corri para a abraçar, envergonhado do meu mau juízo, mas ela aprumou o vestido bruscamente e se esquivou de mim, deixando a torneira aberta. E vi respingos de leite nas bordas da pia, o ar cheirava a leite, vazava leite no vestido da sua mãe (...).” Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 136.

estirpe. Somente quando Matilde salta em sua memória, entretanto, parecemos vislumbrar os contornos íntimos deste oligarca moribundo.

Vi como ela se aproximava não em linha reta, mas em parafuso, a se entreter com meio mundo à sua volta, como se estivesse numa fila de sorveteria. Mais ela vinha, mais eu ansiava por vê-la face a face, e mais me angustiava a possibilidade de perder outra vez a compostura. Chegou, me fitou com os olhos subitamente marejados, me abraçou e sussurrou no meu ouvido, Eulálio. Matilde falou Eulálio, e me confundiu. Tive um arrepio pelo seu sopro quente em meu ouvido, e outro arrepio a contrapelo, por ouvir um nome que quase me humilhava. Eu não queria ser Eulálio, só mesmo os padres me chamavam assim nos tempos de colégio. A me chamar Eulálio, preferia envelhecer e ser sepultado com meus apelidos infantis, Lalinho, Lalá, Lilico. O Eulálio do meu tetravô português, passando por trisavô, bisavô, avô e pai, para mim era menos um nome do que um eco. Então a encarei e disse, não entendi. Matilde repetiu, coragem, Eulálio, e já agora, em sua voz ligeiramente rouca, parecia que meu nome Eulálio tinha uma textura.¹⁶⁸

“Menos um nome do que um eco”. O sussurro de Matilde assusta Eulálio e o devolve a si mesmo. Por meio da presença da mulher, por quem ele nutre um sentimento que mistura amor, posse e preconceito, vislumbramos não apenas os contornos íntimos de Eulálio, mas características que o fazem voltar no tempo como um excelente figurão de sua classe: patriarca, herdeiro de uma oligarquia influente e importante, acostumado a ter o Brasil nas mãos, ao prestígio. Este é o Eulálio que dialoga com Matilde em suas lembranças. O cotidiano da emergência do hospital desaparece: Eulálio volta a ser, inclusive na maneira de colocar os preconceitos em relação à Matilde, um narrador machadiano – mais especificamente, traz para as páginas de *Leite derramado* o protagonista de *Dom Casmurro* ao se relacionar com seu par amoroso, Capitu¹⁶⁹. Diferente do que ocorre ao colocarmos Eulálio e Brás Cubas em comparação, sendo possível elencar as diferenças entre eles (trazidas, em especial, pelo entorno contemporâneo)¹⁷⁰ ao ver-se par a par com Bentinho, é como

¹⁶⁸ Idem, ibidem, pp. 31-2.

¹⁶⁹ “Dom Casmurro entrou para a literatura brasileira como a nossa busca do tempo perdido (...) ou ainda como romance lírico do primeiro beijo, da descoberta do amor, das devoções ingênuas, tudo destruído pela traição de uma mulher. Indicamos o avesso dessa pureza na grosseria, no autoritarismo patriarcal e de classe que o desempenho do narrador coloca em cena.” Cf. Roberto Schwarz, *Dois meninos*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 39.

¹⁷⁰ Ver página 52 deste texto.

se, em Eulálio, o contemporâneo se eclipsasse. É interessante notar, neste sentido, como há duas passagens, uma de *Leite derramado*, outra de *Dom Casmurro*, que se assemelham no sentido e na forma. Começemos com *Dom Casmurro*:

Não soltamos as mãos, nem elas se deixaram cair de cansadas ou de esquecidas. Os olhos fitavam-se, e depois de vagaram ao perto, tornavam a meter-se uns pelos outros... Padre futuro, estava assim diante dela como de um altar, sendo uma das faces a Epístola e a outra o Evangelho. A boca podia ser o cálix, os lábios a pátena. Faltava dizer a missa nova, por um latim que ninguém aprende, e é a língua católica dos homens. Não me tenhas por sacrílego, leitora minha devota; a limpeza da intenção lava o que puder haver menos curial no estilo. Estávamos ali com o céu entre nós.¹⁷¹

Para, em seguida, ler *Leite derramado*:

Mal sabia ela que, de noite, eu espreitava da minha janela de fundos a hora de Matilde pisar a relva do jardim na ponta dos pés, entre as amendoeiras e a casa dos empregados. Eu descia correndo e lhe abria a porta da cozinha, que Matilde apenas ultrapassava. Encostava-se na parede da cozinha, a respiração curta, e me arregalava os olhos negros. Em silêncio nos olhávamos por cinco, dez minutos, ela com as mãos na altura dos quadris, agarrando, torcendo a própria saia. E corava pouco a pouco até ficar bem vermelha, como se em dez minutos passasse por seu rosto uma tarde de sol. A um palmo de distância dela, eu era o maior homem do mundo, eu era o Sol.¹⁷²

Vale a pergunta, depois da leitura de trechos tão semelhantes: até que ponto cultivamos o narrador de *Leite derramado* preso a esse passado? Aceitamos suas características conservadoras, arcaicas, quando no campo amoroso? Voltaremos ao ponto. No traço de desfaçatez que assemelha Eulálio a Bentinho cabe todo o seu relacionamento com Matilde, a quem deseja, a quem talvez ame, a quem evidentemente procura possuir. De modo análogo ao protagonista de *Dom Casmurro*, Eulálio não consegue conter seu desejo, muito menos seu ódio, de amar uma mulher negra e de classe social inferior – ao longo da narrativa, os exemplos são muitos. E, embora quase sempre recalcados por parte do narrador (“Matilde era de pele quase

¹⁷¹ Cf. Machado de Assis, *Dom Casmurro*. 36ª ed. São Paulo: Ática, 2009, p. 35.

¹⁷² Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., pp. 45-6.

castanha, era a mais moreninha das congregadas”; “mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta”; “não sei quem abastecia minha filha com tantas maledicências, Matilde tinha a pele quase castanha, mas nunca foi mulata”), por vezes assumem o centro da cena, em amplos círculos de desprezo que se abrem partindo da suposta falta capacidade intelectual de Matilde, passando pela cor de sua pele e chegando, violentamente, à agressão de gênero, perpetuando o fantasma do sexo frágil. *Um homem de outro tempo, os preconceitos de sempre*: lugares-comuns que, no entanto, não funcionam apenas como lugares comuns. São pequenas peças atestando não apenas o lugar social onde permanece a personagem-fantasma, que desaparece nas lembranças confusas do narrador (fugiu com o amante francês? Foi acometida pela loucura, por uma doença tristíssima? Simplesmente desapareceu, não se sabe como? Morreu no exílio, como conta a carta que chegou do estrangeiro, mas que Eulálio nunca abriu?) e permanece oprimida no tempo presente da narrativa.

Já isso certamente ele disse para me lisonjear, e me fez rir porque Matilde em francês era quase tatibitate. Eu cogitara mesmo em levá-la à recepção da embaixada, e para a ocasião ela havia feito as unhas e separado um vestido cor de laranja. Mas concluí que não valia a pena, Matilde ficaria encabulada naquele meio. Política não lhe interessava, negócios, muito menos, amava fitas de caubói, mas não sustentaria uma conversação sobre literatura. Aos dezesseis anos, quando deixou o colégio para casar comigo, não tinha completado o curso ginasial. (...) Ainda éramos namorados no dia em que ela sentou ao Pleyel de minha mãe, e me preparei para escutar alguma peça de Mozart, compositor que ela cantara, ou fingira cantar, na missa de sétimo dia do meu pai. Mas com mão pesada, ela tocou um batuque chamado Macumba Gegê, vá saber onde aprendeu aquilo.¹⁷³

Dava até para vê-la, embasbacada de viajar em camarote matrimonial, na condição fajuta de madame Dubosc, com assento permanente à mesa do comandante. Seria exibida pelo amante nos salões de Paris, como séculos atrás uns índios tupinambás na corte francesa, encantaria a metrópole com seu maxixe, seu francês esdrúxulo e sua beleza mestiça. E tome bateaux-moches, torre Eiffel, Mona Lisa, uns flocos de neve, em pouco tempo ela acreditaria ter visto praticamente tudo na vida. Aí o inverno se

¹⁷³ Idem, *ibidem*, p. 45.

estenderia, os dias ficariam curtos, e Matilde, espírito simples, no Jardim de Luxemburgo se pegaria a sonhar com a pracinha dos brinquedos em Copacabana.¹⁷⁴

Preconceito, patriarcalismo: são tais instâncias, e não os trabalhadores sem voz, os doentes sem rosto, que rondam a cama de Eulálio quando o narrador menciona a mulher. Tentando conter Matilde, Eulálio tenta, em verdade, colocá-la no lugar da maioria das mulheres, arrastando a mais típica sociedade patriarcal brasileira para a cena contemporânea. É esta a impressão mais forte, a marca da personagem no romance. Se sua ausência é poética, sua permanência acontece também pelos preconceitos, ora leves, ora jocosos, ora vigorosos, mas sempre a postos.

É característico do regime patriarcal o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela, o fraco; ele, o sexo nobre, ela, o belo. (...) O padrão duplo de moralidade, característico do sistema patriarcal, dá também ao homem todas as oportunidades de iniciativa, de ação social, de contatos diversos, limitando as oportunidades da mulher ao serviço e às artes domésticas, ao contato com os filhos, a parentela, as armas, as velhas, os escravos.¹⁷⁵

Em sua resenha sobre *Leite derramado*, “Cetim laranja sobre fundo escuro”, Roberto Schwarz percebe a “fibra amatória” de Eulálio como uma das características mais genuínas do narrador. Na relação amorosa entre Eulálio e Matilde, “tanto o amor como o ciúme se alimentam da desigualdade de classe e de cor, que segundo a ocasião funcionam como atrativo ou objeção”:

Há um ponto em que Eulálio não é medíocre. O seu gosto pelas mulheres é forte e lhe dita condutas e análises surpreendentes, em dissonância com a sua frouxidão geral, com seus preconceitos de toda ordem e as obnubilações do ciúme. Longe de ser um erro na construção da personagem, o desnível compõe um tipo. Ainda aqui estamos em águas machadianas, onde também a fibra amatória é a exceção que escapa a certo rebaixamento genérico e derrisório imposto pela condição de ex-colônia às elites brasileiras. Como marca local, a desproporção entre a intensidade da vida amorosa e a irrelevância da vida do espírito é uma caracterização profunda, com alcance

¹⁷⁴ Idem, *ibidem*, pp. 156-7.

¹⁷⁵ Cf. Gilberto Freyre, *Sobrados e mucambos*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 152.

histórico, a que o romance de Chico Buarque acrescenta uma figura.¹⁷⁶

Certa feita, notamos que o sobrenome da família paterna do narrador, Assumpção, é apresentado ao leitor com pompa e circunstância típicas de uma cerimônia solene, e se por muitas e muitas vezes Eulálio se regozija de sua posição social – jantares e charutos enquanto vê a vida passar em estações de inverno, viagens de navio, fazendas e mausoléus – é também verdade que antes mesmo de tal apresentação formal, o que toma a cena é a figura de Matilde, embrulhada em vestido laranja e ciúmes:

Chegado o dia, vestiu-se como achou que era de bom-tom, com um vestido de cetim cor de laranja e um turbante de feltro mais alaranjado ainda. (...) Parecia empinada na ponta dos pés, com os sapatos de salto, e estava muito corada ou com ruge demais. E quando vi sua mãe naquele estado, falei, você não vai. Por quê, ela perguntou com voz fina, e não lhe dei satisfação, peguei meu chapéu e saí. Nem parei para pensar de onde vinha a minha raiva repentina, só senti que era alaranjada a raiva cega que tive da alegria dela.¹⁷⁷

A mistura entre desejo e posse na relação amorosa, na qual esse tipo de violência se escancara, é muito presente, também, em algumas canções de Chico Buarque, como nota Adélia Bezerra de Menezes – situações em que se trata, mais do que de um discurso amoroso, de um “discurso de poder, de uma relação senhor-escravo”.

Pois o “outro”, para Sartre, é aquele que me transforma em objeto com o seu olhar, que me paralisa, me rouba o mundo, me arrebatava a liberdade e, no limite, me extermina. Se um é sujeito, o outro se torna necessariamente seu objeto, coisificado. Quando se rompe o isolamento e o ser humano se expõe à comunicação, será necessariamente para dominar ou ser dominado. A única defesa parece, como em Sartre, ser o ataque. Importa assinalar, mais uma vez, que o conflito – produto da alienação – se fere entre os espécimes do gênero: macho e fêmea – que logo se tornarão senhor e escravo. À fala incisiva da força contrapõe-se a fala insinuante da perfídia – ambas delineando esse relacionamento absolutamente infernal, em que o

¹⁷⁶ Cf. Roberto Schwarz, “Cetim laranja sobre fundo escuro”. In *Martinha versus Lucrecia*, op. cit., p. 147.

¹⁷⁷ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., pp. 11-2.

embate das classes se vê acirrado pelo conflito dos sexos.¹⁷⁸

Aquilo que Adélia analisa em *Se eu fosse seu patrão* poderia, também, ser espelhado na relação entre Eulálio e Matilde. E poderíamos às perguntas iniciais feitas no início desta análise: “até que ponto cultivamos o narrador de *Leite derramado* preso a esse passado? Aceitamos suas características conservadoras, arcaicas, quando no campo amoroso?” .

Então me vi tomado por um sentimento obscuro, entre a vergonha e a raiva de gostar de uma mulher que vive na cozinha. Eu seguia Matilde, que falava sozinha, que meio cantarolando perguntava pelo chá de boldo, e de repente não sei o que me deu, agarrei-a com violência pelas costas. Joguei-a contra a parede e ela não entendeu, começou a emitir gemidos nasais, o rosto achatado nos ladrilhos. Prendi seus punhos na parede, ela se debatia, mas eu a controlava com meus joelhos atrás dos seus. E com meu tronco eu a apertava, eu a espremia a valer, eu quase a esmagava na parede, até que Matilde disse, eu vou, Eulálio, e seu corpo tremeu inteiro, levando o meu a tremer junto.¹⁷⁹

Poderíamos considerar que o repentino desaparecimento de Matilde é uma das principais certezas de que o poderio de Eulálio se desvaneceu? Um traço de liberdade que separa Eulálio e Matilde de Bentinho e Capitu? Ao seguirmos esse fio que nos é oferecido pelo narrador (um fio vigoroso que, nas suas idas e vindas nos envolve por toda a narrativa), permitimos que ele nos seduza em seu bem falar:

Eu também preferia não dar mais as caras na rua, vivia fechado comigo, me reservando para a grande revanche. Porque quando Matilde voltasse ao nosso chalé, o bairro inteiro ouviria os maxixes e sambas da sua vitrola. Levaria ela mesma a filha à praça, a amamentaria sentada no balanço, com o peito de fora daria bom-dia às babás e às mães, riria à toa. Na praia de Copacabana andaria ao meu lado para que todos a vissem de maiô, adúltera, vá lá, mas saudável e irrepreensível de corpo. Por isso toda noite eu a esperava à janela do quarto, e Matilde não vinha, não vinha, aos

¹⁷⁸ Cf. Adélia Bezerra de Menezes, *Figuras do feminino na canção de Chico Buarque*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê editorial, p. 70.

¹⁷⁹ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., pp. 66-7.

nossos encontros furtivos. E já no limite da minha esperança, eis que ela pisava a relva do jardim na ponta dos pés, e eu descia com o coração na boca para lhe abrir a porta da cozinha.¹⁸⁰

E, desta forma, liberte a desfaçatez que guarda (herança dos senhores machadianos?) a seu bel-prazer. Nos deixamos levar pela poesia e pelo lirismo, pelo fantasma da mulher divertida, sedutora, e nos afastamos do tempo presente: tempo que oprime Matilde, porque dela só restam as carcaças do preconceito; tempo que oprime Eulálio, mas cujo corpo aqui flutua, esquecendo e se livrando de seu real estado, e como que reconfigurado no típico patriarca brasileiro que, no livre-arbítrio da poesia, se sustenta no agora.

¹⁸⁰ Idem, *ibidem*, pp. 1887-8.

Não sonho mais ¹⁸¹

Voltemos à exposição da genealogia de Eulálio. Em posse de elementos para decifrar os modos como seu discurso, com seu peso flutuante, opera, nos deteremos novamente na *genealogia da violência* empreendida pelos Assumpção.

Desta feita não esmiuçaremos o passado, a formação dessa genealogia tão bem descrita por nosso narrador ¹⁸². Vale a pena, porém, retomá-la rapidamente. Acompanhando os passos de formação da nação brasileira, a família chega com a corte portuguesa em 1808: o primeiro Assumpção a pisar nas novas terras é traficante de escravos; durante o Império, tem representação abolicionista: o avô de Eulálio, “grande defensor da raça negra”, cria o projeto de devolver os negros brasileiros para a África e lá criar uma nova nação; o pai de Eulálio, ligado à política, “republicano de primeira hora, homem culto e bem-apegoado” é representante de uma importadora e revendedora de armas (ultrapassadas, que chegam ao Brasil pelo triplo do preço real). Por parte de sua mãe, Eulálio herda o poder vindo da terra: “só em pastagens os Montenegro possuíam metade do estado de Minas Gerais”. Casa-se com Matilde “a mais moreninha de sete irmãs”, comportamento que, segundo sua mãe, mulher “de outro século”, não é condizente com a classe da família. Maria Eulália, “fruto desse amor”, por sua vez, escolhe como marido um imigrante italiano cujo pai “enriqueceu em São Paulo estripando porcos”. Acompanhando fielmente o ponto de vista do narrador, nada disso seria exatamente um problema se, como vimos, com a crise de 1929, os Assumpção não tivessem perdido seu poderio econômico.

Descolando-se do ponto de vista do narrador e levando em consideração o percurso traçado pelos que são calados, no presente da narrativa, nos deteremos *no hoje*. Onde desemboca a genealogia dos Assumpção, onde terminam os herdeiros de Eulálio? Consideraremos o escopo do contemporâneo tomando o segundo marco histórico colocado pelo próprio narrador do romance (talvez à revelia de sua própria

¹⁸¹ Cf. Chico Buarque, “Não sonho mais”, *Vida*, 1980.

¹⁸² Ver página 41 deste texto.

consciência, mas certamente não à revelia da consciência de seu autor ¹⁸³): o golpe de 1964. Pensamos, também, no nosso destino, fora do livro, posterior essa data. Em mente, a mesma pergunta feita por Paulo Arantes: “tudo somado, o que resta afinal da Ditadura?” ¹⁸⁴.

Levando em consideração o eixo de *Leite derramado*, talvez o argumento indique com mais proximidade (e não menos horror) o “simplesmente tudo” a que se responde logo em seguida. Isso porque voltar à genealogia da violência dos Assumpção e, dentro dela, examinar os destinos de seu neto, de seu bisneto, do tataraneto, do próprio Eulálio, dos que são calados a sua volta, deixa evidente o estado de exceção em que vivemos, dentro dos mais diversificados e atrozes tipos de violência. E, especificamente, coloca às claras as forças que operam neste caminhar – desde quando?, poderíamos perguntar. O romance, assumindo a família do protagonista como um eixo não só narrativo, mas histórico, nos dá a resposta.

Do fracassado casamento entre Maria Eulália e Amerigo Palumba, nasce um “garotão rebelde, e com toda a razão”: “já maduro entrou nos eixos, mas você deve lembrar quando ele meteu na cabeça de ser comunista”. Deixamos, por hora, a genealogia dos Assumpção por aqui, para retomá-la adiante. Do neto ligado à luta armada contra o regime pós-1964 ao tataraneto traficante há um salto histórico que a fala de Eulálio, embora tente, não consegue acompanhar – “minha cabeça às vezes fica meio embolada. É uma tremenda barafunda, filha, você nem vai me dar um beijo?”. Não apenas o poder político e as aparências, mas o jogo financeiro mudam completamente de mãos: o golpe, amparado pela modernidade imperialista do capitalismo de então, deixa para trás os valores da tradicional e obsoleta burguesia nacional. Vale lembrar uma das definições colocadas por Roberto Schwarz para este período, em “Cultura e política, 1964-1969, alguns esquemas”, que explica muito do abismo entre 1) o poder violento, em várias instâncias, imposto e massacrante especialmente a partir de 1968; 2) o lugar da elite tradicional, em parte representada pelos Assumpção que, tendo apoiado o golpe militar, logo também fica sem lugar nas decisões de cúpula (ainda mais quando já não detém o poderio econômico, como a família de Eulálio); 3) a força popular, da pequena burguesia e dos trabalhadores que,

¹⁸³ O primeiro marco histórico feito por Eulálio é a crise de 1929, conforme analisado na página 21 deste texto.

¹⁸⁴ Cf. Paulo Arantes, “1964”. In *O novo tempo do mundo*, op. cit., p. 281.

por importantes momentos bem organizados pré-1964 são novamente jogados ao limbo – limbo muito bem atualizado em *Leite derramado*, aliás, como vimos, não só pela enfermaria de um hospital público onde gritos não têm rosto, mas por todos os trabalhadores mudos que se relacionam com o narrador.

Assim, se, como vimos, já com a crise de 1929 a família de Eulálio não acompanha os vitoriosos, pois lhe falta poder econômico, o golpe civil-militar de 1964 deixa os Assumpção comendo poeira, embora tenha se aproveitado de toda sua *tradição de classe e respeitabilidade*. Roberto Schwarz, em “Cultura e política, 1964-1969, alguns esquemas”, define o uso descartável tanto dessa herança:

O governo que instaurou o golpe, contrariamente à pequena burguesia e à burguesia rural, que ele mobilizara mas não ia representar, não era atrasado. Era pró-americano e antipopular, mas moderno. Levava a cabo a integração econômica e militar com os Estados Unidos, a concentração e a racionalização do capital. Neste sentido o relógio não andara para trás, e os expoentes da propriedade privada rural e suburbana não estavam no poder.¹⁸⁵

Nesta chave, são, em *Leite derramado*, os caminhos da genealogia dos Assumpção e, mais especificamente, os destinos de seu neto, bisneto e tataraneto, que revelam nossa atualidade – e, sem que percamos a pergunta de vista, o que parece ter restado da ditadura. No pós-1964, há um desvio na genealogia dos Assumpção que surpreende. O neto de Eulálio, que não largava os livros de História, “veio comunicar que se tornara comunista”, justamente no “bloco histórico da crueldade social que se abateu sobre o país em 1964”, como o retrata Paulo Arantes¹⁸⁶. Com essa decisão, o neto de Eulálio muda a família de lugar. Ao menos um Assumpção não está ao lado dos usurpadores, mas dos que lutam contra a ideologia (conservadora, direitista, militarizada, capitalista, imperialista) dominante. Lugar que o narrador não entende: podem ser esquisitices da juventude; pode ser que o neto, visionário, acabe em “algum bureau político”, “conselho de ministros”, “comitê central do partido”. Afinal, se “vier o comunismo” é ao lado dos poderosos que a família Assumpção sempre tentou se alinhar:

¹⁸⁵ Cf. Roberto Schwarz, “Cultura e política, 1964-1969, alguns esquemas”. In *O pai de família e outros estudos*, op. cit., p. 84.

¹⁸⁶ Cf. Paulo Arantes, “1964”. In *O novo tempo do mundo*, op. cit., p. 282.

Que seja, falei comigo. Se vier o comunismo, Eulálio d'Assumpção Palumba chegará provavelmente a algum bureau político, a um conselho de ministros, se não ao comitê central do partido. Mas em vez do comunismo, veio a Revolução Militar de 1964, então tratei de lhe lembrar nossas antigas relações de família com as Forças Armadas, até lhe mostrei o chicote que pertenceu ao seu sexto avô português, o célebre general Assumpção.¹⁸⁷

Eulálio, sabemos, se engana. O neto está ao lado daqueles que respondem e lutam contrariamente ao golpe: no romance, o personagem é retratado como “comunista da linha chinesa”. A resposta da máquina da ditadura aos ideais e estratégias da luta revolucionária de esquerda, também sabemos, é cruel. O comunismo não vem; o bisneto, por sua vez, nasce na prisão, em uma época em que os presos políticos são jogados no mesmo “vácuo jurídico da ralé carcerária”¹⁸⁸. Procedimento com o qual o narrador parece concordar, pelos termos que usa para definir esse período da história brasileira, a saber: “Revolução Militar de 1964”; “gente insensata”; “padres vermelhos”; “vida clandestina”; “uma sua comparsa”. Há, porém, uma importante contradição em seu discurso. Voltaremos a ela adiante. Antes, é preciso se deter a outro ponto que, na estrutura da narrativa, nos revela a dimensão da ruptura que significou 1964 – ruptura que fica ainda mais profunda ao ser narrada, em contrapelo, por uma voz conservadora e ligada ao poder (mesmo *in memoriam*) como Eulálio, tão preso às suas boas lembranças, ao seu bem falar, à deformação tão à vontade de um projeto de nação.

O rio de memórias do narrador, que mesmo indo e voltando durante o romance, mantém um fluxo de consciência¹⁸⁹, especialmente no que se refere ao campo historiográfico, no momento em que conta sobre as infâncias do neto e do bisneto, se embaralha. Eulálio repete quase as mesmas lembranças ao tratar de ambos, cujas vidas trilharam veredas diversas mas, não por acaso, amarradas pelo laço da violência.

Eulálio começa contando sobre o neto:

¹⁸⁷ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 126.

¹⁸⁸ Cf. Paulo Arantes, “1964”. In *O novo tempo do mundo*, op. cit., p. 283.

¹⁸⁹ “A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas.” Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 41.

Mas ainda que assim fosse, ela já me havia recompensado com Eulalinho, que virou um filho para mim. Por ele até rememorei antigas berceuses, não me encabulava de cantar baixinho, quando no meio da noite o garoto se metia na minha cama, assustado com alguma coisa. Ensinei-o a ler, arranjei-lhe uma bolsa de estudos no meu antigo colégio de padres onde meu nome ainda abria portas. Apeguei-me ao garoto, que malgrado o Palumba no nome e as feições um tanto rústicas, pertencia com certeza à minha estirpe. Acompanhava-me aos sebos na cidade e me ajudava a desencavar fotografias do início do século, quando os Assumpção davam as cartas no país, conforme lhe ensinei. Foi ele quem encontrou uma foto de 1905 onde meu pai, jovem senador, aparecia de cartola numa comitiva do presidente Rodrigues Alves. Eu o levava de calças curtas ao Senado, fiz fotografá-lo na tribuna de onde seu bisavô tantas vezes discursou.¹⁹⁰

A segunda lembrança, a seguir, a princípio se refere ao bisneto (“Tempos depois nos telefonaram para buscarmos uma criança no hospital do Exército, era o filho do Eulálio e de uma sua comparsa que pariu na prisão”). Mas repete e se sobrepõe às lembranças que o narrador guarda sobre o neto. Confusões senis, sem dúvida, mas não só: descompassos da História que se revelam, através do ponto de vista do narrador, uma parte da própria história que ele não consegue narrar. Tanto que na terceira lembrança, Eulálio retoma a infância do neto, patinando no tempo:

Esse Eulalinho criei como se fosse um filho, ensinei-o a ler, matriculei-o no colégio de padres onde meu nome abria portas, fiz fotografá-lo de calças curtas no Senado. Desde o princípio se mostrou um aluno sagaz, interessado em História do Brasil, discutia com seus professores de igual para igual, e um dia virou comunista.

Esse Eulalinho criei como se fosse um filho, ensinei-lhe a abrir as portas, fiz fotografá-lo de calças curtas com padres vermelhos, mas o sabor do remédio estava estranho. Não estou gostando da sua cara, não reconheço esse seu sorriso cáustico.¹⁹¹

Eulálio parece querer apagar deliberadamente o que aconteceu entre o neto e o bisneto. Mas não consegue. A luta armada, a busca pela construção de um outro país, que, utopicamente, não seria feito por antigas relações de família e nem pelo mergulho no crime, resultam no Estado e na sociedade militarizados, no mergulho no

¹⁹⁰ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 126.

¹⁹¹ Idem, *ibidem*, p. 127.

tráfico, no trabalho alienante e opressor, os pobres jogados à própria sorte. Como vimos, é esse o cotidiano que Eulálio vive no presente da narrativa, é o que se movimenta ao redor de sua cama. Os acordos são outros e, mesmo dentro das memórias sempre tão cheias de prestígio e poder, Eulálio se conscientiza (e nos conscientiza, por continuidade) dos novos tempos¹⁹². No redemoinho de lembranças entre o neto e o bisneto, é a violência, ação imediata dos militares, que as separa. Note-se o proposital descompasso entre a resposta armada e a intenção do neto de Eulálio: *mimeógrafo, impressão caseira dos panfletos*, (ingenuidade?) *ser um “herói da resistência”*.

Trouxe um mimeógrafo para casa, imprimia panfletos, em vão tentei lhe explicar que o heroísmo é uma vulgaridade. Uma noite carregou suas tralhas numas mochilas, e minha filha entrou em desespero, disse que ele tinha partido para a vida clandestina. Não demorou muito, sete agentes da polícia invadiram nosso apartamento, vasculharam tudo, sacolejaram Maria Eulália, perguntaram por um tal de Pablo, e eu lhes disse que havia um equívoco, o garoto era um Assumpção de boa cepa. Ainda lhes apontei o retrato do meu avô na moldura dourada, mas um brutamontes me deu um tapa na orelha e me mandou enfiar o avô no cu. Esse ignorante espalhou no chão meu acervo de fotos, e nem me adiantaria protestar quando confiscou o chicote florentino.¹⁹³

Há outro momento na narrativa de *Leite derramado*, ainda nos restos do golpe de 1964, em que Eulálio agarra o contemporâneo¹⁹⁴. O modesto apartamento que ele, Maria Eulália e o neto, Eulálio, vão morar, no bairro da Tijuca, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, no começo dos anos 1960, é um palco no qual se revela um panorama do regime civil-militar. Começamos pelo fato de a mudança da família

¹⁹² “Quando o então ministro Delfim Netto organiza um almoço de banqueiros no palacete do São Paulo Clube, antiga residência de dona Veridiana Prado, durante o qual o dono do Banco Mercantil passou o chapéu, recebendo em média 110 mil dólares *per capita* para reforçar o caixa da Operação Bandeirante (Oban), não se trata de uma vaquinha, por assim dizer, lógica, inerente aos trâmites da acumulação em um momento de transe nacional (...) o fato é que se transpôs um limiar ao se trazer assim, pelas mãos de um ministro de Estado, os donos do dinheiro para o reino clandestino da sala de tortura: esse o passo histórico que uma vez dado não admite mais retorno, assim como não se pode desinventar as armas nucleares que tornaram a humanidade potencialmente redundante.” Cf. Paulo Arantes, “1964”. In *O novo tempo do mundo*, op. cit., p. 282.

¹⁹³ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., pp. 126-7.

¹⁹⁴ A análise a seguir se baseia no capítulo 20 de *Leite derramado*, entre as páginas 141 e 153 do romance.

acontecer para um prédio que se localiza justamente na Tijuca – reduto de parte da classe média reconhecidamente conservadora, retrógrada, reacionária¹⁹⁵ (“o edifício tem lá sua classe, com o hall de entrada metido a art déco, os vizinhos são discretos, os porteiros limpinhos”). Um detalhe perto do que dentro do bairro se ergue, e ainda hoje: o PIC (Pelotão de Investigações Criminais) que, entre os anos de 1964 a 1985, abrigou o DOI-Codi e foi reconhecido em 2013, pela Comissão da Verdade do Rio de Janeiro, como um dos nove pontos da cidade no qual havia celas e salas para tortura de presos políticos¹⁹⁶.

A crítica ao nacionalismo a todo custo; ao patriotismo cego que encubra torturas; ao conhecido *Brasil ame-o ou deixe-o* que, propagandeado pelo governo, reverbera nas camadas médias, está explícita em *Leite derramado*. Assim, na escolha do lugar onde, para Eulálio, “era uma novidade tomar a fresca nas ruas da Zona Norte”, estão as metáforas de um Brasil ainda arcaico e a súbita ebulição do mais antigo conservadorismo em total sintonia com a violência que o golpe encampa – o aparecimento da “camada geológica do país”¹⁹⁷. A aparição de Xerxes (“veterano

¹⁹⁵ Não seria exagero afirmar que uma família como a que figura no centro do filme *Tudo bem*, de Arnaldo Jabor (1978), pudesse ser vizinha dos Assumpção, embora mais de vinte anos adiantada no tempo (que só vai para trás, ao que parece). Na sinopse e análise empreendidas pela historiadora Tânia da Costa Garcia, “uma família estereótipo das camadas médias, seus valores e comportamentos no Brasil dos anos 1970, é recortada no filme de Jabor como o segmento mais representativo da ideologia do regime militar. O golpe fora realizado pelas elites civis e militares com apoio desse setor intermediário, temeroso das ameaças do comunismo. Sob a ditadura o país conhecia o milagre econômico, o acesso ao consumo como solução para todos os males. (...) O grupo familiar subdivide-se da seguinte forma: Juarez, o marido, funcionário público aposentado do IBGE e ex-militante integralista. Durante quase todo o filme, seu personagem traja hobby e chinelos como se da vida nada mais esperasse – os novos tempos não lhe interessam. Seu lugar dentro da casa é o escritório ou a biblioteca. Lá se encontram suas lembranças do passado, a memória nacional simbolizada por cânticos indígenas e aves empalhadas da fauna brasileira. Sua esposa, Elvira, é a típica mulher do mundo privado, sua preocupação fundamental é com a vida conjugal. Não dando crédito à impotência sexual do marido, apela para todo tipo de misticismo para afastar da vida dele a outra, a amante imaginária. É essa desconhecida que no subgrupo ocupa o lugar da mulher desejada em oposição à esposa santa e guardiã da moral. Os filhos do casal são dois. A filha segue o exemplo da mãe, sua preocupação fundamental é arranjar um casamento. O filho, ao contrário do pai, fervoroso nacionalista, trabalha numa empresa norte-americana – sinais dos tempos!”. Cf. Tânia da Costa Garcia, “*Tudo bem* e o nacional-popular nos anos 70”. In *História*, São Paulo: v. 26, n. 2, p. 188-9, 2007.

¹⁹⁶ “Em uma delas [das salas do DOI-Codi], conhecida como ‘geladeira’ ou ‘caixinha de música’, o detento ficava isolado em um ambiente de baixíssima temperatura, e era obrigado a escutar um barulho que se assemelhava ao som emitido por uma turbina de avião. O relato é de Cid Benjamin, que ficou preso no DOI-Codi durante quase dois meses em 1970, e hoje trabalha no setor de comunicação da Comissão da Verdade do Rio. Já a última sala à direita do corredor principal do prédio era conhecida como ‘boate’ ou ‘sala roxa’ em função de um jogo de luzes que davam ao ambiente um ‘tom macabro’. Lá, de acordo com Álvaro Caldas, membro da Comissão da Verdade, centenas de pessoas foram torturadas.” Cf. “DOI-Codi no Rio tinha salas de tortura ‘caixinha de música’ e ‘boate’”. Hanrrikson de Andrade, *Folha de S.Paulo*, 23/9/2013.

¹⁹⁷ “Agora, no rastro da repressão de 1964, era outra camada geológica do país quem tinha a palavra. ‘Corações antigos, escaninhos da hinterlândia, quem vos conhece?’ Já no pré-golpe, mediante forte aplicação de capitais e ciência publicitária, a direita conseguira ativar politicamente os sentimentos

center-half do Fluminense Football Club”, “um grandalhão com cara de nortista, nariz chato, pele grossa”), vizinho dos Assumpção, evidencia a predileção da potência da nação brasileira, na cultura e também no esporte, no futebol-maravilha, no *ninguém segura este país*. A ironia em *Leite derramado* fica por conta de Xerxes não apenas estar afastado do futebol mas se revelar um péssimo exemplo também no campo dos bons valores:

Pareceu-me de fato um tanto acima do peso, tinha o rosto inchado, mas se dizia ansioso por voltar aos treinamentos. Reputava-se um injustiçado, acreditava que em 1950 o Brasil venceria a Copa do Mundo, se o técnico da seleção não o tivesse preterido em benefício de um perna-de-pau. Em 1954 teve problemas disciplinares, mas para a Copa de 58 estava certo de ser convocado, prometeu ao meu neto trazer um troféu da Suécia. Enquanto isso saía com minha filha toda noite, ela de batom vermelho e ele sempre nos trinques. (...) o Xerxes, quando bebia, costumava bater na minha filha, mas em bairros mais populares cenas do gênero são corriqueiras, não escandalizam ninguém.¹⁹⁸

É neste tempo, neste lugar, que o neto de Eulálio passa “noite trás noite absorto em leituras”. Aqui se revela, de maneira muito íntima e muito brutal, a violência recebida pela escolha de um caminho – que começa nos livros – para mudar o país, para livrá-lo de um gigante golpe, já tão enterrado nas crueldades comezinhas. Aqui está a contradição de que falamos anteriormente, na página 103. Ao descrever as escolhas do neto nesta passagem, Eulálio não desdenha dele como faz anteriormente, aliando-se, inclusive em vocabulário, ao discurso dos *linha dura*. Mesmo que por um instante, tudo está no plano do que poderia ter sido. Instante que é rompido pela violência que entra na casa (a mesma cena, o mesmo muro, que se entrepõe e confundiu as lembranças de Eulálio sobre o neto e o bisneto):

arcaicos da pequena burguesia. Tesouros de bestice rural e urbana saíram à rua, na forma da ‘Marcha da família, com Deus pela liberdade’, movimentavam petições contra divórcio, reforma agrária e comunização do clero, ou ficavam em casa mesmo, rezando o ‘Terço em família’, espécie de rosário bélico para encorajar os generais. Deus não deixaria de atender a tamanho clamor, público e caseiro, e de fato caiu em cima dos comunistas. No pós-golpe, a corrente da opinião vitoriosa se avolumou, enquanto a repressão calava o movimento operário e camponês.” Cf. Roberto Schwarz, “Cultura e política, 1964-1969, alguns esquemas”. In *O pai de família e outros estudos*, op. cit., p. 82. A situação vivida por Eulálio é o outro lado do espelho daquela vivenciada – e empedernida – por Castana Beatriz em *Benjamim*, conforme analisamos nas páginas 35, 36, 37 e 38 deste texto.

¹⁹⁸ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., pp. 142-3.

Era visível o conforto do Eulálio com a mãe ali quietinha numa cama ao lado da sua. E ela naturalmente se afeiçoava mais e mais ao garoto, só de sentir sua presença noite trás noite absorto em leituras, à luz da lanterna na cabeceira. Mas não o interrompia com lengalengas maternas, não o importunava com beijos e afagos, nem com olhares apreensivos, tenho a impressão de que Maria Eulália amava o filho com o olfato. E perdeu o senso quando ele sumiu no mundo, o Eulálio mudou de nome, dizem que era um destemido, partiu determinado a enfrentar as Forças Armadas. Maria Eulália nunca mais dormiu direito, saía toda manhã atrás de más notícias e só voltava tarde da noite com boatos pavorosos. Numa alta madrugada ouvi barulheira à nossa porta, e eu já ia chamar a polícia, crente que era o Xerxes com saudade de bater na minha filha. Mas era a polícia, vinte agentes arrombaram o apartamento, bagunçaram tudo, sacolejaram Maria Eulália e me falaram grosserias.¹⁹⁹

(No próximo parágrafo, realizaremos uma pequena paráfrase para chegarmos à pedra de toque que envolve todos os acontecimentos expostos até então: o destino do neto, do bisneto e do tataraneto de Assumpção. Analisando o final dessa genealogia, ainda calcada na violência, chegamos às forças que regem o hoje, cama de onde nosso narrador continua discursando.)

Evidente que o desaparecimento do neto de Eulálio como resultado da ação repressiva do Estado. A família, sem notícias sobre ele, recebe seu filho, nascido no hospital do Exército. A reação de Maria Eulália traz à tona a óbvia sensação, da qual compartilhamos: a criança é uma reparação pelo desaparecimento de seu filho (“tomou-a [*a notícia*] por uma desfaçatez, aquela criança para ela era um engodo. Na cabeça dela, entregavam-lhe um menino a modo de escambo, como um cala-boca para reparar o desaparecimento do outro.”). Eulálio, por sua vez, volta a imaginar que está junto aos poderosos: “poderíamos chegar ao Eulálio, por intermédio daquele coronel gentil”; “as autoridades com certeza não tinham ideia de que mexiam com uma família tão importante”; “confirmadas as suspeitas de que o rapaz estava detido em algum porão, sofrendo eventuais constrangimentos, era evidente que seria prontamente liberado”. Posto o devaneio de lado, Eulálio assume o cuidado com o bisneto.

¹⁹⁹ Idem, *ibidem*, p. 144.

Aqui, lançando mão dos mesmos recursos estruturais usados ao narrar a infância do neto (e que, como vimos, girou em suas lembranças sem sair do lugar, sobrepondo-se ao bisneto), o narrador nos conta sobre o caminho percorrido com o bisneto, também Eulálio, mas que, já de saída, não segue adiante os mesmos passos²⁰⁰ (seria “uma disposição absurda de continuar igual em circunstâncias impossíveis?”).

Criança esperta, consegui-lhe uma bolsa de estudos no meu antigo colégio de padres. Porém no dia em que o levei para a matrícula, deu-se um zunzum na secretaria e um padreco meio bicha veio se desculpar comigo, não havia mais vaga para o Eulalinho. Inscrevi-o numa escola pública, onde ele iria conviver com gente de outro estrato social, mas fiz questão de que não perdesse de vista suas raízes. Mostrava-lhe fotos na escrivania, seu trisavô com os reis da Bélgica, seu tetravô andando de costas em Londres, mas ele não queria saber de velharias. Acompanhava-me aos sebos por benevolência, mas ficava parado do lado de fora com as mãos nos bolsos.²⁰¹

O que se perpetuou do passado, o que se transforma no presente? O destino do bisneto de Eulálio, carrega não só os ares, mas o mesmo tipo de morte de seu tetravô numa chave que é a mesma, mas contrária. Ao passo que o assassinato do pai de Eulálio, na época político influente, deixa no ar certa dúvida, para manter as boas aparências, de ter sido um crime político, quando na verdade “corria que meu pai tinha sido morto a mando de um corno”, o assassinato do bisneto de Eulálio, é julgado a priori e como certo, pelos policiais, como um crime cometido pelo jovem, e não pela mulher que ele acompanha. A surpresa ao se perceber o desfecho contrário é grande. O quadro expõe, ao narrador, os preconceitos que ele mesmo impõe ao bisneto (“começou a pretejar”; “gente de raça”; “o negão aí”)²⁰². As cenas, novamente, sobrepõem tempo sobre tempo:

²⁰⁰ Sobre os estereótipos que Eulálio impõe ao bisneto, em uma chave que une opressão e preconceito racial, ver análise nas páginas 72 e 73 deste texto.

²⁰¹ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., pp. 149-150.

²⁰² “Segundo o delegado, os funcionários do motel suspeitaram de um sequestro, quando viram entrar uma quarentona jeitosa num carro de luxo, tendo no banco do carona um jovem de aparência humilde. Hesitaram em chamar a polícia, quando ouviram seis estampidos, e não houve tempo de anotar a placa do carro que partiu em disparada. Precipitaram-se a socorrer a senhora, e qual não foi sua surpresa ao dar com o corpo do suposto delinquente.” Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, p. 152.

E pensarei que, se eu tivesse virado o corpo do meu pai na garçonnière, ele pesaria igual ao colchão e exalaria o mesmo cheiro. Sempre me lembrarei do meu pai de bruços no tapete ensanguentado, e de como o delegado me impediu de tocar o corpo. Ele não precisava gritar comigo, nem me apertar o braço, eu só não queria deixar meu pai daquele jeito, com a boca aberta no tapete. E queria entender por onde entraram tantas balas, porque parecia que todo o sangue dele tinha saído pela boca, aquela grande úlcera.²⁰³

Corri ao motel Tenderly, onde meu bisneto jazia nu de borco num carpete com cheiro nauseante. (...) Mas não precisava o delegado agadanhá-lo, porque eu não ia mexer no menino, só queria limpar com o lenço o sangue dos seus lábios carnudos. Ao pé da cama estavam suas roupas, que a perícia já tinha revistado à procura de tóxicos, recolhendo uns trocados, chaves, agenda telefônica e carteira de identidade.²⁰⁴

A genealogia da violência de que falávamos no começo da análise e que, para os antepassados de Eulálio, era destinada aos *de baixo*, aos *de fora*, usada como instrumento de manutenção do poder, agora é vivenciada pelos *de dentro* do círculo do narrador, que são tanto um membro de sua própria família como os que estão ao redor da sua cama, na emergência. Não há barreira a separá-los, pois, aqui, o falatório de Eulálio cessa: “os coveiros estavam de má vontade, e quando o caixão bateu com peso no fundo da tumba, o baque abafado me soou como o fim da linha dos Assumpção. Para mim já estava bom, bastava”.

Se duvidamos de um futuro a inventar, de um passado a recorrer, é no presente da emergência que o narrador continua até o fim. Eulálio é sustentado pela memória dos poderes de outrora, pelo discurso que flutua e, diz, pelo dinheiro de seu tataraneto, filho póstumo de seu bisneto. Ao menos acredita contar com o tataraneto para sair do hospital decrepito (“deixem meu tataraneto saber como sou tratado aqui, por muito menos já tocou fogo numa boate em Ipanema”) mas o garoto, embora more “perto de seus amigos ricos”, parece não se incomodar com as condições em que Eulálio e Maria Eulália vivem: “nas condições de um hindu sem casta”; “em habitação de um só compartimento, num endereço de gente desqualificada”; “na rua mais barulhenta de uma cidade-dormitório”.

²⁰³ Idem, *ibidem*, pp. 69-70.

²⁰⁴ Idem, *ibidem*, pp. 152-3.

A figura do tataraneto não por acaso aparece no romance sempre veloz, sempre em movimento. “Metido a galã, cabelos claros ondulados”, “quindim da bisavó”, ele é uma mercadoria, com características semelhantes à fluidez das drogas que comercializa para ganhar a vida. Apagou-se de vez a educação (o primeiro em colégio de padres, o segundo em escola pública) que haviam sido oferecidas por Eulálio ao neto e ao bisneto:

Não sei que tanto futuro Maria Eulália via nele, que já era um galalau do meu tamanho e nem o curso primário tinha completado. Mas ela argumentava que o garotão precisava de dinheiro para investir na sua apresentação pessoal, de modo a ser aceito em círculos de jovens bem-nascidos. Já me antevendo na penúria, cortei todo gasto supérfluo na casa, não largava minha carteira nem para dormir. Não obstante, o menino continuava a comprar jaquetas de couro, tênis fosforescentes, aparecia sempre com o último modelo de telefone celular.²⁰⁵

Até saía em fotos com essa turma festeira numas revistas que minha filha recortava e amontoava na escrivaninha, por cima das minhas lembranças familiares. Eu estava justamente pondo ordem nos papéis, no dia em que Eulálio entrou em casa com uma namoradina chamada Kim. De saia curta e barriga de fora, uma argola espetada no umbigo, era uma brunette extrovertida, foi logo me dando beijinhos e me tratando por você. (...) Eu estava inspirado, e mais diria se o Eulálio não a apressasse, viera tão-somente buscar no meu armário uns cachecóis, luvas, meu cardigã de cashmere e um mantô príncipe-de-gales do meu pai. Ia à Europa a negócios, e eu me perguntava em que raio de língua se entenderia, se nem português falava direito.²⁰⁶

Ao não se importar com a procedência do dinheiro de seu tataraneto, que “faz comércio de entorpecentes”, Eulálio nos entrega o fim de linha²⁰⁷ dos Assumpção: o

²⁰⁵ Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p.169.

²⁰⁶ Idem, ibidem, p. 171-2.

²⁰⁷ O fim de linha da família também se dá nos espaços geográficos ocupados. Se antes era atestado pelos nomes das ruas, com o sobrenome Assumpção, cada vez mais distantes do centro da cidade, agora, em um círculo perfeito, devolve a família, já sem posses, para as terras que antes eram suas: “Saímos da rodovia por uma rua poeirenta, e o motorista perguntou pela igreja do pastor Adelson a um travesti, que nos mandou seguir em frente até a curva do valão. O valão era um rio quase estagnado de tão lamacento, quando se deslocava dava a impressão de arrastar consigo as margens imundas. Era um rio podre, contudo eu ainda via alguma graça ali onde ele fazia a curva, no modo peculiar daquela curva, penso que a curva é o gesto de um rio. E assim o reconheci, como às vezes se reconhece num homem velho o trejeito infantil, mais lento apenas. Aquele era o ribeirão da minha fazenda na raiz da serra. E à beira rio uma mangueira me pareceu tão familiar, que por pouco eu não ouvia o preto Balbino lá no alto: ó Lalá, vai querer manga, ó Lalá? Adiante a casa amarela, com o letreiro da Igreja

primeiro representante da família vem para o Brasil como traficante de escravos e seu tataraneto é preso por tráfico de drogas (“acho que outro dia o vi com a namoradinha nessa televisão, os dois algemados num aeroporto, escondendo a cara”). Uma genealogia na qual, de ponta a ponta, são a violência e o comércio de mercadorias que formam a nação. Uma explícita ligação, através dos séculos, entre o tráfico de pessoas negras e o tráfico de drogas. O Brasil, percebido sem ser citado, é reconhecível nos fiapos da voz cordial e nas falhas do discurso de Eulálio Montenegro d’Assumpção. aparece como massa disforme a que vão se moldando nossas melhores utopias e também nossas mais inventivas e cruéis opressões – o que restou da ditadura? É esta a resposta que *Leite derramado* oferece.

do Terceiro Templo na fachada, estava erguida provavelmente sobre os escombros da cabela que o cardeal arcebispo abençoou em mil oitocentos e lá vai fumaça”. Cf. Chico Buarque, *Leite derramado*, op. cit., p. 177-8.

Referências bibliográficas

1.

Livros

ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura I*. 1ª ed. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34/Livraria Duas Cidades, 2003.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O trato dos viventes*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALVIM, Francisco. *Elefante*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

ANDRADE, Mario. *Contos novos*. 16ª ed. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras Reunidas, 1993.

_____. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras, 1991.

ANDRADE, Oswald. *Memórias sentimentais de João Miramar*. 10ª ed. São Paulo: Globo, 2007.

_____. *Poesias reunidas*, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. *Serafim Ponte Grande*. 9ª ed. São Paulo: Globo, 2007.

ARANTES, Paulo Eduardo. *O novo tempo do mundo*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

ARANTES, Paulo Eduardo; ARANTES, Otília Beatriz Fiori. *O sentido da formação*. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

ARAÚJO, Homero Vizeu. *Futuro pifado na literatura brasileira: promessas desenvolvimentistas e modernização autoritária*. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.

ASSIS, Machado. *50 contos de Machado de Assis*. Seleção, introdução e notas, John Gledson. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Dom Casmurro*. 36ª ed. São Paulo: Ática, 2009.

_____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 47ª ed. São Paulo: Ática, 2010.

_____. *Quincas Borba*. 18ª ed. São Paulo: Ática, 2011.

BENEDETTI, Ivone. *Cabo de guerra*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

BUARQUE, Chico. *Estorvo*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. *Benjamin*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Leite derramado*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira – momentos decisivos 1750-1880*. 12ª ed. São Paulo: Fapesp; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

_____. *O observador literário*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

_____. *Tese e antítese*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CABRAL, Adriano, COELHO, Paula, MARCIANO, Márcio. *Memórias de um cão: caderno de apontamentos*. João Pessoa: Coletivo de Teatro Alfenim, 2017.

CARVALHO FRANCO, Maria Sylvia. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1969.

CARVALHO, Sergio, MARCIANO, Márcio. *Companhia do Latão 7 peças*. 1ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

CHAUÍ, Marilena. “Uma nova classe trabalhadora”, in *10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma*. Emir Sader (org.) 1ª ed. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2013.

CORPAS, Danielle. *O jagunço somos nós: visões do Brasil na crítica de Grande sertão: veredas*. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

DUNKER, Christian L. L. *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

FAGUNDES TELLES, Lygia. *Seminário dos ratos*. 1ª ed. revista pela autora, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *História do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2012.

FONSECA, Rubem. *Contos reunidos*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FREUD, Sigmund. “O caso Schreber” e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *O mal-estar na civilização*. Trad. Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2011.

FREYRE, Gilberto. Gilberto Freyre, “Um barão perseguido pelo diabo”. In *Assombrações do Recife Velho*. 6ª ed. São Paulo: Global, 2009.

_____. *Casa grande & senzala*. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

_____. *Sobrados e mucambos*. 16ª ed. São Paulo: Global, 2006.

_____. *Nordeste*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

GARCIA, Walter. “‘Diário de um detento’: uma interpretação”. In *Lendo música, 10 ensaios, 10 canções*, org. Arthur Nistrovski. 1ª ed. São Paulo: Publifolha, 2007.

_____. *Melancolias, mercadorias – Dorival Caymmi, Chico Buarque, o pregão de rua e a canção popular-comercial no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

GOMES, Paulo Emílio Sales. *Três mulheres de três PPPês*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. *Machado de Assis: impostura e realismo*. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JR., Caio Prado. *Formação do Brasil contemporâneo*, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____, BUCCI, Eugenio. *Videologias*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. *Ressentimento*. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

- KUCINSKI, Bernardo. *K*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- _____. *Os visitantes*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- KRUZ, Robert. *O colapso da modernização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- MENESES, Adélia Bezerra. *Desenho mágico – poesia e política em Chico Buarque*. 4ª ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2004.
- _____. *Figuras do feminino na canção de Chico Buarque*. 1ª ed. São Paulo: Ateliê editorial, 2000.
- MORAES, Vinicius. *Poemas, sonetos e baladas; Pátria minha*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NAVES, Rodrigo. *A forma difícil: ensaios sobre arte brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista | O ornitorrinco*. 1ª ed. 4ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2013.
- _____. “Privatização do público, destituição da fala e anulação da política: o totalitarismo neoliberal”. In *Os sentidos da democracia*. 2ª ed. Petrópolis (RJ), Vozes/ Brasília, Nedic, 1999.
- OTSUKA, Edu Teruki. *Marcas da catástrofe: experiência urbana e indústria cultural em Rubem Fonseca, João Gilberto Noll e Chico Buarque*. 1ª ed. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.
- PAES, José Paulo. *O lugar do outro*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 69ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- _____. *São Bernardo*. 63ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- _____. *Vidas secas*. 100ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- REGO, José Lins. *Fogo morto*. 76ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa (mito e história no universo rosiano): o amor e o poder*. 1ª ed. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 2004.
- RUFATTO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. 11ª ed., “revista, definitiva”. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.

_____. *Duas meninas*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Os pobres na literatura brasileira*. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Que horas são?* 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *O pai de família e outros estudos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Sequências brasileiras*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo*. 1ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

SONTAG, Susan. *Questão de ênfase*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SZONDI, Peter. *Teoria do drama moderno (1880-1950)*. 1ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

TAVARES, Zulmira Ribeiro. *O nome do Bispo*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VIANA, Silvia. *Rituais de sofrimento*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

2.

Artigos em revistas ou periódicos

ALENCASTRO, Luiz Felipe. “A pré-revolução de 30”. In *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, set. 1987.

BELLINELI de Brito, Leonardo Octavio. “O Brasil contemporâneo em dois romances de Chico Buarque”. In *PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo: v.23.1, 2016, p.108-127.

CANDIDO, Antonio. “Radicalismos”. In *Revista de Estudos Avançados*. São Paulo: vol. 4/n. 8 jan-abr. 1990.

COELHO, Marcelo. “Chico Buarque faz um livro impopular”. *Folha de S.Paulo*, 3/8/1991.

COSTA PINTO, Manuel. “O filho de Sérgio e o bisneto de Bentinho”. *Folha de S.Paulo*, 24/04/2009.

FELTRAN, Gabriel de Santis. “Sobre anjos e irmãos: cinquenta anos de expressão política do ‘crime’ numa tradição musical das periferias”. In *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: n. 56, jun. 2013.

FERRAZ, Heitor. “O som e a palavra”. In *BRAVO!*, São Paulo: n. 140, abr. 2009.

GARCIA, Tânia da Costa. “*Tudo bem* e o nacional-popular nos anos 70”. In *História*, São Paulo: v. 26, n. 2, p. 188-9, 2007.

GARCIA, Walter. “Notas sobre ‘Cálice’” (2010, 1973, 1978, 2011). In *Música Popular em Revista*, Campinas: ano 2, v. 2, jan.-jun. 2014.

_____. “Um mapa para se estudar Chico Buarque”. In *Revista do IEB*, São Paulo: n. 43, set. 2006, pp. 197-8.

GIANETTI, Eduardo. “A vida desde o fim”. *Folha de S. Paulo*, 28/03/2009.

GONÇALVES, Anderson; OTSUKA, Edu Teruki; RABELLO, Ivone Daré. “O retratista e os intelectuais às voltas com 1964”. In *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: n. 57, dez. 2013.

LEITE, Carlos Augusto Bonifácio. “Sobre peso de si e maestrias: uma análise de parte da cena atual da canção popular brasileira”. In *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: n. 59, dez. 2014.

LOREIRO, Isabel. “Em busca do futuro perdido: a tarefa política da nova geração”. In *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: n. 59, dez. 2014.

MASSI, Augusto. “Pai rico, filho nobre, neto pobre”. *O Estado de S. Paulo*, 28/03/2009.

MORAES, Reinaldo. “*Leite derramado*, memórias quase póstumas de Chico Buarque”. *Jornal do Brasil*, 24/04/2009.

NICODEMO, Thiago Lima. “Filho desenvolve e amplia ideia do pai”. *O Estado de S. Paulo*, 28/03/2009.

OLIVEIRA, Francisco de. “Hegemonia às avessas”. *Piauí*, Rio de Janeiro: n. 4, jan. 2007.

OTSUKA, Edu Teruki. “Espírito rixoso: para uma reinterpretação das *Memórias de um sargento de milícias*”. In *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: n. 44, dez. 2007.

PACHECO, Ana Paula Sá e Souza. “A subjetividade do lobisomem (São Bernardo)”. São Paulo: *Literatura e sociedade*, v. 13, 2010.

_____. “Cidade-cárcere: violência e representação das classes baixas na literatura brasileira contemporânea”. In *Terceira Margem*, Rio de Janeiro: n. 16, jan.-jun. de 2007.

_____. “Jagunços e homens livres pobres. O lugar do mito no *Grande sertão*”. In *Novos estudos* São Paulo: CEBRAP, n. 81, 2008.

_____. “Iracema, uma transa amazônica: *road movie* de um ex-país interrompido”. *Revista Peixe elétrico* [publicação eletrônica], mar. 2016.

_____. “O fundo falso da subjetividade (*Jóias de família*, de Zulmira Ribeiro Tavares)”. In *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP n. 77, 2007.

_____. “Os incomodados que se mudem: a subjetividade contemporânea de ‘Os inquilinos’, de Sérgio Bianchi”. In *Novos estudos* São Paulo: CEBRAP, 2017.

PASTA Jr., José Antonio. “Le point de vue de la mort (une structure récurrente de la culture brésilienne)”, in PENJON, Jacqueline (dir.). *Voies du paysage: représentations du monde lusophone*. Paris: Sourbonne Nouvelle, 2007, pp. 157-168.

_____. “Variação machadiana sobre o tema da formação”. In *Tensões e Passagens: filosofia crítica e modernidade*. Org. Daniel Tourinho Peres et al. São Paulo: Singular / Esfera Pública, 2008, pp. 255-263.

WELTER, Juliane Vargas. “Onde andarão Castana, Matilde, Sergio, Domingos, Ariosto...? Os desaparecidos como princípio formal dos romances de

Chico Buarque.” In *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo: n. 66, abr. 2017.

3.

Dissertações

e teses

BONIS, Maria Luísa Rangel. *A crítica e o artista: samba, repressão e poesia em Chico Buarque*. São Paulo: PUC-SP, 2005, dissertação de mestrado.

PASTA Jr., José Antonio. *Formação supressiva: constantes estruturais do romance brasileiro*. São Paulo: FFLCH-USP, 2011, tese de livre-docência.

_____. *Pompeia (A metafísica ruínosa d'O Ateneu)*. São Paulo: FFLCH-USP, 1991, tese de doutoramento.

4.

Discografia

BUARQUE, Chico. *Sinal fechado*. Philips/Polygram, CD 518 217-2, 1993. [1974]

_____. *Meus caros amigos*. Philips/Polygram, CD 842 013-2, 1993 [1976]

_____. *Vida*. Philips/Polygram, CD 518 218-2, 1993 [1980]

_____. *Francisco*. RCA/Ariola, CD M 140.0001, 1995 [1987]

_____. *As cidades*. BMG/RCA, CD 7432183233-2, 1998.

_____. *Chico ao vivo*. BMG/RCA, CD 7432169929-2, 1999.

_____. *Ópera do malandro*. Philips/Polygram, CD 838 516-2, 1993
[1979]

_____. *Chico Buarque*. Biscoito fino, CD BF 380, 2011.

_____. *Caravanas*. Biscoito fino, CD BF-4882, 2017.